

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

Isabella Maria Gangana Ferreira

**A presença de escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do
Novo Ensino Médio: uma perspectiva decolonial**

**Belo Horizonte
Outubro de 2023**

Isabella Maria Gangana Ferreira

**A presença de escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do
Novo Ensino Médio: uma perspectiva decolonial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG –, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Linha de pesquisa: Linguagem, Ensino, Aprendizagem e Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

**Belo Horizonte
Outubro de 2023**

F383p Ferreira, Isabella Maria Gangana.
A presença de escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio : uma perspectiva decolonial / Isabella Maria Gangana Ferreira. – 2023.
143 f. : il.

Orientadora: Ana Elisa Ribeiro

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2023.
Bibliografia.

1. Escritoras negras - Brasil. 2. Literatura brasileira - Escritoras negras. 3. Livros didáticos. 4. Decolonialidade. 5. Feminismo negro - Educação - Brasil. I. Ribeiro, Ana Elisa. II. Título.

CDD: 370.1150981



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 25 / 2023 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.057232/2023-13

Belo Horizonte-MG, 21 de novembro de 2023.

ISABELLA MARIA GANGANA FERREIRA

A PRESENÇA DE ESCRITORAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO NOVO ENSINO MÉDIO: uma perspectiva decolonial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 20 de novembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Ana Elisa Ferreira Ribeiro (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Luciana Borges
Universidade Federal de Catalão

Prof.^a Dr.^a Paula Renata Melo Moreira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 21/11/2023 12:03)
ANA ELISA FERREIRA RIBEIRO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matricula: 1420604

(Assinado digitalmente em 21/11/2023 12:06)
PAULA RENATA MELO MOREIRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matricula: 2891737

(Assinado digitalmente em 22/11/2023 00:22)
LUCIANA BORGES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.901-##

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **25**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **21/11/2023** e o código de verificação: **f87c4bfa8d**

*Para meu filho Theo,
o melhor amor por mim já sentido.*

RESUMO

Esta pesquisa pretende verificar a presença de escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa disponibilizados pelo PNLD 2021, visto que nos livros didáticos do PNLD 2018 é notória a invisibilidade dada a essas escritoras, em virtude do estudo da literatura brasileira ser representado majoritariamente por um grupo escritores e escritoras brasileiros - homens e mulheres brancos, geralmente, de classe social elitizada -, o grupo hegemônico. Os livros didáticos de língua portuguesa, de acordo com o PNLD 2021, são obras inéditas, pois tiveram como documento norteador, além de outros marcos legais, a BNCC, que enfatiza a diversidade, sob a ótica multicultural, como reflexo do público atendido no Ensino Médio, as juventudes. Para isso, foram analisados como os/as escritores/as brasileiros se fazem presentes nas coleções de livros didáticos de língua portuguesa de editoras presentes nos PNLDs de 2018 e de 2021, por meio das perspectivas decolonial e interseccional. A abordagem decolonial visa a dar visibilidade aos saberes outros, além do hegemônico, por meio de uma ecologia de saberes, e do questionamento dos padrões de poder que insistem em inferiorizar e apagar culturas, por intermédio da interculturalidade crítica. A abordagem interseccional objetiva evidenciar as mulheres negras dentro de uma universalização dos conceitos de gênero e raça. Nesse sentido, essas duas abordagens tornam-se relevantes para dar visibilidade para as escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021.

Palavras-chave: escritoras brasileiras negras; literatura brasileira; livro didático; estudo decolonial; interseccionalidade.

ABSTRACT

This research aims to verify the presence of black Brazilian writers in the Portuguese language textbooks made available by PNLD 2021, since in the PNLD 2018 textbooks the invisibility given to these writers is notorious, due to the study of Brazilian literature being represented mostly by a group of Brazilian writers - white men and women, generally from an elite social class -, the hegemonic group. Portuguese language textbooks, according to the PNLD 2021, are unprecedented works, as their guiding document, in addition to other legal frameworks, is the BNCC, which emphasizes diversity, from a multicultural perspective, as a reflection of the public served in Education Medium, youth. To this end, we analyzed how Brazilian writers are present in the collections of Portuguese language textbooks from publishers present in the 2018 and 2021 PNLDs, through decolonial and intersectional perspectives. The decolonial approach aims to give visibility to knowledge other than the hegemonic, through an ecology of knowledge, and by questioning the patterns of power that insist on inferiorizing and erasing cultures, through critical interculturality. The intersectional approach aims to highlight black women within a universalization of the concepts of gender and race. In this sense, these two approaches become relevant to give visibility to black Brazilian writers in the Portuguese language textbooks of the PNLD 2021.

Keywords: black Brazilian writers; Brazilian literature; textbook; decolonial study; intersectionality.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por saber de todas as coisas, por me dar condições para continuar meus estudos;

Aos meus pais, Cirinea e Roberto, pelo apoio em todos os momentos de minha vida;

A minha irmã, Beta, e ao meu irmão, Dum, pelo apoio de sempre;

Ao meu companheiro de vida, Alexandre, por estar comigo para o que der e vier;

Ao meu filho, Theo, motivo que também me leva a continuar a realizar os meus sonhos;

A minha orientadora, Ana Elisa, por ter me dado a oportunidade e o apoio para que pudesse desenvolver esta pesquisa;

Ao meu colega Diego Martins, pelo incentivo desde o início desta jornada, pelas leituras e pelas conversas;

A minha colega Adriana Aleixo, por me indicar os caminhos até os/as professores/as do CEFET-MG.

Aos professores Vicente Parreiras e Renato Dering, por me apresentarem os estudos decoloniais;

A minha amiga Amanda Paixão, pelo apoio e incentivo.

Aos/às colegas das escolas em que trabalho - E. E. Olegário Maciel e E. M. Fernando Dias Costa - pelo apoio nessa jornada.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	9
Capítulo 1 - Entre a expectativa e a realidade: por uma literatura brasileira diversa nos livros didáticos do PNLD 2021	15
1.1 A Visibilidade às Escritoras Brasileiras	16
1.2 - A Base Nacional Comum Curricular	20
Capítulo 2 - Quando a literatura brasileira presente nos livros didáticos de língua portuguesa não é objeto de interesse de pesquisadores	26
Capítulo 3 - A perspectiva decolonial: pelo (re)conhecimento de outros saberes, além do hegemônico	31
3.1 - A interseccionalidade como ferramenta de visibilidade da mulher negra	37
Capítulo 4 - Percurso metodológico	42
Capítulo 5 - Análise das coleções dos PNLDs de 2018 e de 2021	49
5.1 - Apresentação e análise das coleções	49
5.2 - Análise dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD de 2018	49
5.2.1 - Editora Saraiva - Coleção <i>Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso</i>	53
5.2.2 - Editora Moderna - Coleção <i>Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem</i> ...	61
5.2.3 - Editora FTD - Coleção <i>Novas Palavras</i>	69
5.2.4 - Editora SM - Coleção <i>Ser Protagonista</i>	79
5.2.5 - Editora Ática - Coleção <i>Língua Portuguesa: Linguagem e Interação</i>	88
5.2.6 - A invisibilidade das escritoras brasileiras negras nas coleções do PNLD 2018	98
5.3 - Análise dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD de 2021	101
5.3.1 - Editora Moderna - <i>Se Liga nas Linguagens: Português</i>	103
5.3.2- Editora FTD - <i>Multiversos: Língua Portuguesa</i>	111
5.3.3 - Editora Saraiva - Coleção <i>Práticas de Língua Portuguesa</i>	114
5.3.4 - Editora Ática - Coleção <i>Estações: Língua Portuguesa</i>	118
5.3.5 - Editora SM - Coleção <i>Ser Protagonista - A voz das juventudes: Língua Portuguesa</i>	122
5.3.6 - A Visibilidade das Escritoras Brasileiras Negras nas coleções do PNLD 2021	125
5.4 - Conhecendo as escritoras brasileiras negras presentes nos PNLDs 2018 e 2021	129

Considerações finais	137
Referências	140

Considerações iniciais

Sou professora de Língua Portuguesa em duas escolas públicas de Belo Horizonte, uma estadual e outra municipal e, antes de tudo, uma mulher negra. Os livros didáticos de língua portuguesa foram (e são) meu principal recurso pedagógico, principalmente no Ensino Médio, em que o sucateamento da educação e a própria condição econômica dos/as alunos/as não permitem ter outros recursos à mão com frequência. Como usuária do livro didático para meu trabalho, durante muitos anos, apenas reproduzi em sala de aula, o que esse material pedagógico trazia de conceitos e o quanto achava importante os/as estudantes, ao estudarem literatura, terem contato com os clássicos da literatura brasileira, mesmo sabendo que poucos liam.

Até que um dia, por indicação de uma colega de trabalho, eu li “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo e fui arrebatada por essa história tão profunda. Esse romance me levou a outras obras de Evaristo e a busca por saber sobre sua trajetória de vida e o seu posicionamento sobre os espaços ocupados, principalmente, pelas escritoras negras na literatura dita canônica. Leituras posteriores, transportaram-me até a escritora negra Maria Firmina dos Reis, uma escritora negra do século XIX e, da mesma forma que Conceição Evaristo, fui surpreendida por uma literatura de qualidade e, mais ainda, por sua trajetória de vida, ao se considerar todas as limitações impostas a uma mulher negra em pleno século XIX. A escritora Maria Firmina dos Reis despertou-me ainda para o fato de haver escritoras brasileiras anteriores ao período Modernista brasileiro, a maioria composta por escritoras brancas, como Júlia Lopes de Almeida, que tiveram visibilidade à época, mas foram esquecidas pelo cânone literário brasileiro. A partir dessas descobertas, um incômodo foi se instalando em mim sobre as ausências de escritoras brasileiras, principalmente as negras, em livros didáticos de língua portuguesa. Ao compartilhar com colegas de área sobre a existência dessas escritoras, poucos tiveram interesse em expandir o estudo da literatura para além do que o livro didático propunha, já que não compunham o seletivo grupo de escritores/as brasileiros/as do cânone literário. Assim, durante minhas aulas, essas ausências passaram a ser presenças.

No entanto no ensino médio, ao se estudar literatura brasileira, tendo como ponto de partida os livros didáticos de língua portuguesa fica evidente o tipo de literatura que nós, professores/as, ficamos obrigados a ensinar e que os/as estudantes devem aprender: a literatura canônica, que privilegia um determinado grupo econômico, social, político e

cultural de escritores brasileiros (homem; branco; heterossexual; cristão; geralmente, de classe social elitizada), o grupo hegemônico. Da Literatura de Informação - que possui a carta de Pero Vaz de Caminha não apenas como um documento histórico, mas também o marco inicial da literatura brasileira - até o Simbolismo Brasileiro, ou se percebe espaços menores a outros grupos, como escritores brasileiros negros ou um apagamento, praticamente, total de escritoras brasileiras. E quando se tem uma sutil abertura, a partir do século XX, com o Modernismo Brasileiro, observa-se um outro grupo, mais restrito ainda, formado por mulheres brancas, as escritoras brasileiras. Assim, o cânone literário brasileiro, que deve ser estudado nos livros didáticos, em linhas gerais trata-se de escritores e escritoras brancos.

Considerando-se a diversidade em que se baseia a população brasileira, de homens e mulheres e suas interseccionalidades (brancos, negros, indígenas, lgbtqi+, oriundos de outras classes sociais à elite), os livros didáticos de língua portuguesa ou decretam que esses grupos sociais não produzem literatura ou, quando produzem, não possui a mesma qualidade dos literatos consagrados pelo cânone literário brasileiro.

Essa situação, de apagamento ou menos valia da literatura de outros grupos que não seja o hegemônico, de certa forma, pode ser, entre outros fatores, o que instaure o distanciamento entre a literatura e o corpo discente - e por que não no corpo docente? - principalmente, quando se pensa em escolas públicas. Se a maioria da população brasileira é composta por negros (pretos e pardos), de acordo com dados do último Censo do IBGE, é possível intuir qual é o público majoritariamente presente nas escolas públicas brasileiras. Se a maioria dos escritores e escritoras brasileiros, presentes nos livros didáticos de língua portuguesa, são brancos e de classe social privilegiada, por exemplo, como esses/as alunos/as e professores/as de escolas públicas se sentirão representados? A representatividade para esse grupo é praticamente nula. São obrigados a terem contato com uma literatura que nada relaciona-se às suas vivências, e sendo, muitas vezes, estereotipados por personagens criados por esse grupo hegemônico. Haja vista, o estereótipo criado pelos autores românticos, como Gonçalves Dias e José de Alencar, para representarem os indígenas brasileiros, o herói nacional com características (físicas e psicológicas) que remetem ao cavaleiro medieval europeu. Para Machado e Silva (2021):

[...] a educação literária, por décadas, tem servido para reforçar que o acesso a produtos culturais eruditos é indispensável para as classes subalternizadas, mas, ao parar a reflexão nesse ponto, acaba por sugerir que o direito de se reconhecer e de se sentir representado pela instituição escolar é apenas das elites dominadoras, já que

os grupos subalternizados não têm seus produtos culturais legitimados. (Machado e Silva, 2021, p, 124)

Mesmo com a criação de leis como 10.639/03 e 11.645/08 que obrigam o ensino da História e Cultura afro-brasileira e da História Indígena, os livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio mantém a sistemática de privilegiar o cânone literário brasileiro. Quando não muito, os últimos capítulos dos livros didáticos pincelam a literatura de países africanos que falam língua portuguesa. De acordo com Cruz e Nascimento (2020):

Estas leis (10.639/03 e 11.645/08) apresentam-se como políticas públicas de reconhecimento e valorização da diversidade na Educação. A primeira modifica a lei 9.394/96, para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, sendo posteriormente modificada pela segunda (lei 11.645/08), para incluir além da História e Cultura afro-brasileira, a História Indígena, e apresentam-se como consequências de um processo de lutas: o embate dos movimentos negros, de afrodescendentes e indígenas contra o racismo para reverter uma imagem negativa que se formou historicamente em torno de populações não-brancas em vários campos da vida social, e educacional. (Cruz e Nascimento, 2020, p. 219)

Para que grupos subalternizados tenham seus produtos culturais legitimados, Dalvi (2021) propõe um movimento consciente e deliberado de consideração da totalidade, uma educação literária de resistência que assuma a estreita relação entre a literatura e a sociedade, que reconheça a hegemonia de uma realidade em detrimento de outras. Segundo Dalvi (2021):

[...] uma educação literária de resistência precisa ter claro qual é o seu projeto de sociedade e quais são as bases epistemológicas e ontológicas a partir das quais compreende o real, para transformá-lo. [...] uma educação literária de resistência precisa assumir a estreita relação entre a literatura e a sociedade. Não é possível continuar supondo que a literatura existe fora de um sistema econômico, político, social e cultural. [...] Trata-se de reconhecer que a prevalência de um aspecto da realidade se faz ao custo do cerceamento ou apagamento dos outros: o que proponho é um movimento consciente e deliberado de consideração da totalidade. (DALVI, 2021, p. 35)

Em consonância com o posicionamento de Dalvi em relação ao estudo de literatura, para que se tenha uma educação literária de resistência, os estudos decoloniais asseguram uma base teórica para a condução desta pesquisa. A decolonialidade trata, em linhas gerais, em se considerar outros saberes, além do hegemônico, que pressupõe um conhecimento eurocentrado. Não quer ir contra ele, mas dar visibilidade aos outros saberes que foram apagados ao longo da história. Aprendemos um lado da história e, geralmente, vamos repassando essa mesma história, como única, universal. Tem-se como referência uma visão de mundo eurocêntrica. Segundo Quijano (2005):

[...] a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. (Quijano 2005, p, 129-130)

Os livros didáticos de língua portuguesa do Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2018 (PNLD 2018), até então eram assim. A literatura brasileira a ser estudada, a partir dos livros didáticos, considerava apenas o cânone literário brasileiro, constituído por um grupo hegemônico, sem (ou pouco) considerar a produção de outros grupos sociais. As escritoras brasileiras do século XIX, por exemplo foram praticamente invisibilizadas nos livros didáticos do PNLD 2018, há apenas uma citação da escritora Francisca Júlia da Silva no Parnasianismo, no livro *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, da editora Saraiva. Se há vários estudos acadêmicos sobre esse apagamento das escritoras brasileiras nesse período, sendo uma das principais pesquisadoras Constância Lima Duarte, por que esse incômodo acadêmico não ressoa na elaboração dos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, que é o ponto de partida para os estudos de literatura na educação básica?

Com a instauração do novo ensino médio, não só a organização curricular das escolas, bem como os livros didáticos, tiveram que se adequar ao documento norteador da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que afirma:

[...] o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (BNCC, 2017, p. 14)

Assim, no Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2021 (PNLD 2021), os componentes curriculares foram agrupados em áreas de conhecimento - Linguagens e suas Tecnologias (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Matemática e suas Tecnologias (Matemática); Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física e Química); Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Apenas os componentes curriculares de matemática, língua inglesa e língua

portuguesa apresentam livros didáticos específicos, os demais componentes curriculares trabalham seus conteúdos de forma integrada nos seis volumes disponibilizados ao longo dos três anos do ensino médio.

De acordo com a BNCC, o componente curricular de língua portuguesa, bem como o de matemática, é oferecido nos três anos do ensino médio, sendo que as habilidades exigidas apresentam-se sem a indicação de seriação, garantido a construção de currículos e propostas flexíveis adequados à realidade aos sistemas de ensino e às escolas:

Em função das determinações da Lei nº 13.415/2017, são detalhadas as habilidades de Língua Portuguesa e Matemática, considerando que esses componentes curriculares devem ser oferecidos nos três anos do Ensino Médio. Ainda assim, para garantir aos sistemas de ensino e às escolas a construção de currículos e propostas pedagógicas flexíveis e adequados à sua realidade, essas habilidades são apresentadas sem indicação de seriação. (BNCC, 2017, p. 32)

Logo, será que nos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021, o grupo invisibilizado de escritoras brasileiras negras no PNLD 2018 possuem espaços igualitários ao do grupo hegemônico?

O objetivo principal desta pesquisa é verificar a presença da literatura produzida por escritoras brasileiras negras e se o fenômeno hegemônico prevalece ou não na literatura dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD de 2021, que possui a BNCC como documento norteador. Para tanto, como pesquisa exploratória, faz-se necessário investigar as editoras, e seus respectivos livros de língua portuguesa, que estão presentes nos PNLDs 2018 e 2021; identificar os(as) escritores(as) brasileiros(as) presentes nesses livros didáticos de língua portuguesa; analisar como esses(as) escritores(as) aparecem nos livros didáticos de língua portuguesa; comparar a proporção de escritores(as) brasileiros(as) presentes em cada PNLD.

O capítulo 1 abordará a visibilidade das escritoras brasileiras e os principais aspectos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Há vários estudos, no meio acadêmico, que reconhecem a produção literária de mulheres anterior ao século XX, todavia essa a literatura produzida por elas não possui visibilidade nos livros didáticos de língua portuguesa. A BNCC, como um dos principais documentos que norteiam a elaboração dos livros didáticos, traz aspectos relacionados à diversidade que podem favorecer (ou não) a visibilidade da produção literária de grupos sociais apagados ou inferiorizados pelo grupo hegemônico. O capítulo 2 tratará da revisão da literatura sobre o interesse do meio acadêmico pela análise do estudo da literatura vigente nos livros didáticos de língua portuguesa. O capítulo 3 discorrerá

sobre a teoria decolonial e o conceito de interseccionalidade, que promovem a visibilidade de grupos sociais historicamente marginalizados pelo saber hegemônico. O capítulo 4 versará sobre o percurso metodológico para que esta pesquisa se desenvolvesse. O capítulo 5 apresentará as análises referentes aos livros didáticos de língua portuguesa dos PNLDs de 2018 e de 2021.

Capítulo 1 - Entre a expectativa e a realidade: por uma literatura brasileira diversa nos livros didáticos do PNLD 2021

A expectativa de que a elaboração dos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio seja um produto diferente dos PNLDs anteriores, em função de ter como um dos marcos legais a Base Nacional Comum Curricular, que possui como principal bandeira o discurso da diversidade, em função de se entender que o público atendido no Ensino Médio não é homogêneo, não se trata de uma juventude, mas juventudes, leva a acreditar que ao tratar do estudo da literatura haverá uma diversidade também em relação aos/as escritores/as brasileiros/as. Para além da literatura canônica que sempre ocupou um espaço privilegiado, haverá também espaços para grupos sociais que sempre foram silenciados anteriormente, como é o caso das escritoras brasileiras negras.

Os livros didáticos de língua portuguesa até então, forjaram um discurso de que a literatura brasileira foi consolidada apenas com obras de escritores, que em sua maioria, representavam uma parcela da sociedade, a elite, e que a participação das escritoras se deu somente a partir do século XX, por um número restrito delas, com o mesmo perfil racial, social e econômico. Essa questão não se encontra explícita nos livros didáticos de língua portuguesa, no entanto é algo que vai se formando como uma estrutura mental. Para comprovarem o respeito à lei 10.639/03, que obriga o estudo da cultura e da história afro-brasileira, aos livros didáticos de língua portuguesa foi acrescentado um capítulo, quando muito, que trata da literatura produzida em países africanos de língua portuguesa, como Moçambique e Angola. Além das obras de escritores brasileiros como Cruz e Sousa, Lima Barreto e Machado de Assis (que até pouco tempo era considerado branco). Assim a presença de obras literárias escritas por mulheres e negros foi “resolvida” pelos/as autores/as responsáveis pela criação dos livros didáticos de língua portuguesa. As escritoras brasileiras representadas pelo restrito grupo de escritoras presentes no Modernismo brasileiro, como Cecília Meireles, Clarice Lispector e Rachel de Queiroz e os escritores afro-brasileiros, angolanos e moçambicanos como representantes da literatura negra. Nessa universalização de gênero e raça, as escritoras brasileiras negras simplesmente não existem no contexto do livro didático de língua portuguesa.

O meio acadêmico há décadas se debruça em pesquisas que objetivam visibilizar as escritoras brasileiras dos séculos passados, visto que estudos dão conta de que a literatura escrita por mulheres no nosso país data do século XVIII, assim como a literatura feita por

mulheres negras é registrada desde o século XIX. No entanto, nos livros didáticos de língua portuguesa até o PNLD 2018, os primeiros registros da literatura criada por escritoras brasileiras são a partir do século XX. Apenas escritoras brasileiras brancas produziram literatura. Nenhuma escritora brasileira negra. Até então elas não existem para o cânone literário.

Espera-se, com a BNCC como documento norteador, que para além da literatura brasileira canônica, outras produções literárias, de outros grupos sociais, possam ter espaços nos livros didáticos de língua portuguesa. Não como um acréscimo em uma seção, box ou último capítulo do volume, mas que a diversidade da literatura brasileira reflita a diversidade que é formada a população brasileira, representada nas salas de aulas das escolas públicas brasileiras pelas juventudes. Nem com o dualismo de que para incluir é preciso excluir, mas com a ideia de equidade. Que a literatura produzida pelas escritoras brasileiras possua um espaço igualitário em relação aos escritores brasileiros. Que as escritoras brasileiras negras tenham a visibilidade dada às escritoras brasileiras brancas e aos escritores brasileiros negros.

1.1 A visibilidade às escritoras brasileiras

Às mulheres dos séculos passados foram destinadas trajetórias que repercutem ainda nos dias atuais. E quando se diz “mulheres”, é importante entender, primeiramente, que como bem diz a perspectiva decolonial, não se pode tratar esse conceito de forma universal, designado a todas, pois pertencentes a grupos sociais diversos, sobretudo, pela racialização, pela classe social e pelo poder econômico, elas tiveram perspectivas de vidas diferentes.

Às mulheres brancas da elite, aqui já se fazendo uma distinção econômica e social, é possível ilustrar sua presença no espaço privado, submissas ao poder dos homens (sejam eles seus pais, irmãos ou maridos), restrita ao lar, esposas e mães, sem acesso à educação, em sua maioria, ao voto, a serem independentes. Conforme Duarte (2022),

Enquanto os homens dominavam os espaços públicos, as mulheres permaneciam confinadas em suas casas, analfabetas, cuidando unicamente de afazeres relacionados à família e submetidas a uma ordem patriarcal que estabelecia sua inferioridade. Vejam, estou me referindo às mulheres da elite, pois a experiência vivida pelas mulheres negras, escravizadas ou libertas, foi muito diferente. (Duarte, 2022, p. 15)

Às mulheres não brancas - negras e indígenas - suas experiências de vida foram ainda mais degradantes, já que eram igualadas a animais, passando por todo tipo de violência, trabalhavam tanto quanto os homens não brancos, tinham seus/suas filhos/as retirados e vendidos. Segundo Lugones (2020)

As fêmeas não brancas eram consideradas animais no sentido de seres “sem gênero”, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade. As fêmeas racializadas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulher - tantas quantas foram necessárias para os processos do capitalismo eurocêntrico global. (Lugones, 2020, p. 74)

É importante reafirmar essas distinções sobre a categoria “mulher”, já que em todos os campos, sejam das ciências ou das artes, como é o caso da Literatura, o processo de invisibilidade se torna mais radical, quando fica evidente a questão da racialização. Como bem ressalta Ribeiro (2019) sobre a perspectiva do *Outro*, na ótica de Simone de Beauvoir e Grada Kilomba. Para Beauvoir, a mulher branca é vista como o *Outro* - um objeto, submissa, sem reciprocidade para o homem. Já para Kilomba, a mulher negra é o *Outro do Outro*, situação ainda mais adversa em relação à reciprocidade para o homem. Ou seja, ao generalizar a questão de gênero e raça, a mulher negra torna-se invisível para a sociedade. Por isso da interseccionalidade ser interessante, pois não havendo polarização das categorias gênero e raça, a mulher não branca - negra ou indígena - ganha visibilidade. Assim, ao tratar do memoridício das escritoras brasileiras, especialmente, dos séculos passados, está se tratando, antes de tudo, de mulheres brancas, basicamente, da elite brasileira da época, e em raras exceções às mulheres negras, ao se considerar as inúmeras privações a que foram fadadas ao longo da história.

Memoricídio¹ é o termo empregado por Constância Lima Duarte para designar o silêncio imposto à participação das mulheres no processo histórico, principalmente, no campo literário brasileiro, visto que há registros literários de autoria feminina desde o século XVIII, porém ignorados e invisibilizados ao longo do tempo pela historiografia. Como já é sabido, esse apagamento se justifica por um cânone literário forjado por um pequeno grupo social, formado, majoritariamente, por homens brancos, pertencentes a uma classe econômica e social elitizada, que impôs seu fazer literário em detrimento de outros grupos sociais como as

¹ De acordo com Duarte (2022), o termo “Memoricídio” foi encontrado por ela no livro de Fernando Baez, “A história da destruição da América Latina: da conquista à globalização”, ao destacar que os povos dominados não tiveram apenas suas riquezas e territórios tomados pelos conquistadores, mas também tiveram suas culturas destruídas e relegadas ao esquecimento pela imposição da cultura eurocentrada.

mulheres, aqui tratadas de forma universal, mas que bem sabemos se tratar de mulheres brancas, já que as mulheres não brancas - indígenas e negras - eram consideradas sub-humanas, inferiores.

No caso das mulheres, memoricídio pode também designar o processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história, pois, ao eliminar a memória de luta e resistência ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade às pioneiras, registrando, apenas a timidez e o confinamento das jovens oitocentistas ao lar, como a sugerir que as mulheres brancas não tiveram vida pública antes do século XX. (Duarte, 2022, P. 16)

Pesquisadoras como Zahidé Lupinacci Muzart e Constância Lima Duarte, entre outras, ao longo das últimas décadas, realizaram (e realizam) um incessante trabalho de resgate dessas escritoras brasileiras que ao longo da história foram silenciadas, apagadas do contexto literário, mesmo que algumas tenham tido um reconhecimento na época de seus trabalhos, como é o caso emblemático da escritora Júlia Lopes de Almeida.

Muzart foi uma das precursoras nos estudos sobre Mulher e Literatura, e entre tantos trabalhos divulgados, coordenou um grupo de pesquisa que resgatou centenas de escritoras brasileiras do século XIX. O resultado dessa pesquisa foram três volumes do livro *Escritoras Brasileiras do século XIX*, publicados em 1999, 2004 e 2009, que até hoje servem como fonte de pesquisa para outros trabalhos. Para que os nomes dessas escritoras brasileiras e suas obras não ficassem restritas ao meio acadêmico, Muzart, junto com Suzana Funk, fundou a Editora Mulheres, em 1995.

Quando me aposentei, tinha oito orientandas e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Continuei, por isso, muito ligada à pós-graduação da UFSC. No início de minha pesquisa, era voz corrente que aquelas mulheres do século XIX nada tinham escrito e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. No entanto, logo ficou claro que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente quando descobrimos que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E a partir dos primeiros resultados do projeto é que surgiu a ideia de criar uma editora cuja finalidade fosse realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não. (Muzart, 2014, p. 431, apud Hellmann, 2017, p. 2-3)

Como constatou as pesquisas lideradas por Muzart, as mulheres do século XIX não ficaram confinadas apenas aos cuidados do lar e dos/as filhos/as, dependentes da figura masculina, apáticas quanto aos seus direitos, como à educação, ao voto e ao trabalho.

Algumas, poucas na verdade, conseguiram furar essa bolha e manifestaram por meio das palavras escritas, sejam essas para reivindicar seus direitos ou para o fazer literário em periódicos voltados para as mulheres. Ressaltando, que essa realidade vivenciada relaciona-se às mulheres brancas, pertencentes à elite social e econômica do país, pois a realidade das mulheres não brancas era bem diferente.

Duarte, pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA) e do Centro de Estudos Literários da UFMG, coordena os grupos de pesquisa Letras de Minas e Mulheres em Letras, e assim como Muzart, possui um trabalho que visa a dar visibilidade a escritoras brasileiras que foram relegadas pelo cânone literário. Em sua mais recente publicação, *Memorial do Memoricídio*, junto a outras pesquisadoras, há um resgate de quarenta escritoras brasileiras a partir do século XVIII, bem como em *Imprensa feminina e feminista no Brasil - Século XIX*, de 2017, trabalho primoroso de pesquisa sobre diversos jornais que circularam nesse período no país e que tinham como público-alvo a mulher. E nesse contínuo trabalho de pesquisa sobre a autoria de mulheres e assinalando a importância de Muzart, como precursora desse movimento de pesquisa, Duarte (2022) diz-nos sobre a importância de uma outra perspectiva sobre a literatura brasileira

Foram tais pesquisas que permitiram a realização de uma revisão de nossa história, bem como o surgimento de dezenas de nomes de mulheres assinando obras tão volumosas e significativas quanto as de muitos contemporâneos depois canonizados... E não apenas questionaram a cultura hegemônica como estabeleceram uma nova tradição literária, revelando a mulher como sujeito do discurso e preenchendo a lacuna bibliográfica de que tanto nos ressentíamos. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Gilka Machado, Narcisa Amália, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Carmen Dolores, Maria Benedita Bormann, Josefina Álvares de Azevedo e Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, surgiram acompanhados de uma produção literária merecedora de constar nos mais exigentes compêndios literários. (Duarte, 2022, P. 18)

É possível notar que há décadas, pesquisadoras brasileiras vem fazendo esse trabalho de resgate de escritoras brasileiras dos séculos passados, em oposição ao memoricídio, e infelizmente, todo esse trabalho ainda está restrito ao meio acadêmico, não sendo disseminado na educação básica, a não ser pelo trabalho solitário de professores/as que com um olhar crítico sobre o livro didático conseguiram proporcionar experiências de leitura para além do que é sugerido pelos livros didáticos, até o PNLD de 2018. É possível, também, notar que por trás de todo esse apagamento histórico de lutas e resistências, um projeto

buscou, não apenas oprimir, mas destruir outros saberes que não fosse o hegemônico e o eurocentrado, revelado pela teoria decolonial.

As dificuldades de publicação e viver do ofício da escrita para as mulheres negras - seja no passado, seja no presente - ainda apresenta um entrave maior se comparado às mulheres brancas. Haja vista, as pouquíssimas escritoras negras dos séculos passados, como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e, atualmente, Conceição Evaristo, que conseguiram notoriedade no meio literário, mas foram negligenciadas por aqueles/as que buscaram manter nos livros didáticos de língua portuguesa, por exemplo, o cânone literário.

A questão, então, é analisar os livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio e observar se esse memoricídio ainda permanece, principalmente, no que tange às escritoras brasileiras negras.

1.2 - A Base Nacional Comum Curricular

Para entender a forma como o estudo da literatura brasileira foi concebido nos livros didáticos de língua portuguesa que foram disponibilizados pelo PNLD 2021, torna-se relevante apontar alguns aspectos do documento que norteiam a educação básica brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o intuito de apontar elementos que sinalizem para uma possível ampliação para além daquilo que já está constatado no PNLD 2018, ou seja, se para além da literatura canônica já cristalizada nos livros didáticos anteriores, houve uma ampliação para o fazer literário, que até então era marginalizado ou invisibilizado. Aqui, nos interessa observar se o documento oferece subsídios para um estudo literário para além da literatura canônica - por meio das competências gerais, das competências específicas da Área de Linguagem e suas Tecnologias, do conteúdo de Língua Portuguesa no que se refere ao estudo de literatura, por fim no campo artístico-literário.

A BNCC, como documento orientador da educação brasileira na atualidade, ao longo de seu texto reconhece as desigualdades sociais históricas, relacionadas às questões de raça, sexo e condição socioeconômica, que marginalizou diversos grupos - como indígenas; quilombolas e afrodescendentes; alunos com deficiência; pessoas que não puderam estudar ou completar seus estudos na idade apropriada - excluindo-os ou dificultando suas permanências em instituições escolares.

O Brasil, ao longo de sua história, naturalizou desigualdades educacionais em relação ao acesso à escola, à permanência dos estudantes e ao seu aprendizado. São amplamente conhecidas as enormes desigualdades entre os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica de suas famílias. (BNCC, 2017, P. 15)

Em função disso, a BNCC orienta que o planejamento das aprendizagens pelas redes e sistemas de ensino e pelas instituições escolares devem ter um foco na equidade, no sentido de reverter esse quadro de exclusão de determinados grupos sociais, como os mencionados anteriormente, pois a igualdade educacional pressupõe o atendimento das singularidades e reconhecimento das diferentes necessidades dos estudantes.

No sentido de garantir as aprendizagens essenciais ao longo da educação básica, os/as estudantes devem desenvolver dez competências gerais

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens - verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideais, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus

saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, P. 9,10)

Com o objetivo de alcançar uma sociedade ética, democrática, justa, inclusiva, sem preconceitos, depreende-se das dez competências gerais que há uma preocupação em valorizar a diversidade - de saberes, vivências, indivíduos e grupos sociais -, os conhecimentos historicamente construídos, as manifestações artísticas locais e mundiais, o pessoal e o coletivo. Elementos esses que colaboram para uma ampliação dos saberes para além do hegemônico e, no caso da literatura, para além da literatura brasileira canônica.

O documento, na parte que concerne ao Ensino Médio, também, reconhece que não se pode tratar de forma homogênea o público atendido nessa etapa, pois não se deve considerar apenas as suas questões biológicas ou etárias. Para além disso, a BNCC atenta à constituição social, histórica e cultural dos adolescentes, dos jovens e dos adultos, público atendido nessa etapa da educação básica. Por isso, esse público não pode ser tratado somente como juventude, mas sim juventudes, devido a sua diversidade e importância social, uma vez que possui participação em diversos acontecimentos que mudaram a sociedade.

Trata-se, portanto, de adotar uma noção ampliada e plural de juventude, entendida como diversa, dinâmica e participante ativa do processo de formação que deve garantir sua inserção autônoma e crítica no mundo. As juventudes estão em constante diálogo com outras categorias sociais, encontram-se imersas nas questões de seu tempo e têm importante função na definição dos rumos da sociedade. (BNCC, 2017, P. 463)

Ao tratar a juventude de forma plural, juventudes, deduz-se que o saber a ser compartilhado e construído, não será a partir de um ponto de vista, de um único saber, mas de vários saberes, visto que são considerados aspectos relacionados à raça, gênero e condição socioeconômica para esse grupo tão diverso. Nesse contexto, pode-se induzir que a construção do conhecimento não se dará fora da realidade desses/as estudantes.

A Área de Linguagens e suas Tecnologias, uma das cinco áreas de conhecimento, nas quais o Ensino Médio está organizado, ao considerar as juventudes, seus contextos culturais e sociais diversos, possui a responsabilidade de assegurar possibilidades para o desenvolvimento das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens, entre elas, as artísticas. Essa área é constituída por quatro conteúdos (Arte, Educação Física, Língua

Inglês e Língua Portuguesa) que ao trabalharem de forma integrada, priorizam cinco campos de atuação social (vida pessoal, práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático, atuação na vida pública e artístico). O campo artístico “é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, possibilita, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade.” (BNCC, 2017, P. 480)

Na área de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio os/as estudantes devem desenvolver as seguintes competências específicas

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
5. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2017, p. 481 e 482)

Em relação às competências específicas da Área de Linguagens e suas Tecnologias, o respeito ao outro, à diversidade de saberes, identidades e culturas; o enfrentamento dos preconceitos de qualquer natureza; interpretação crítica da realidade; são objetivos que visam a uma amplitude dos conhecimentos. No que concerne ao estudo da literatura nos livros

didáticos de língua portuguesa, as competências dois e seis, principalmente, indicam caminhos para além da literatura brasileira canônica.

No que tange ao conteúdo de Língua Portuguesa, assim como Matemática, é ofertado nos três anos do Ensino Médio, sem seriação, ou seja, as matérias relacionadas ao conteúdo não seguem mais a linearidade como anteriormente. Há uma maior complexidade na análise sobre as linguagens e na forma como funciona, bem como a análise crítica da leitura, escuta e produção de textos. De acordo com a BNCC, na literatura, o texto literário passa a ter relevância e será o fio-condutor para o trabalho com literatura, intensificando, assim, o convívio com os/as estudantes, ampliando a visão de mundo. Nesse quesito, leva em conta, para a progressão das aprendizagens e habilidades “a inclusão de obras de tradição brasileira e de suas referências ocidentais - em especial da literatura portuguesa -, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana” (BNCC, 2017, P. 492)

O conteúdo de Língua Portuguesa apresenta os mesmos campos de atuação social que foram propostos para a Área de Linguagens e suas Tecnologias, sendo o de interesse para esse estudo o campo artístico-literário que busca

[...] a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. [...] (BNCC, 2017, P. 495)

Percebe-se, neste ponto da BNCC, quando se trata do campo artístico-literário, um foco nos clássicos, como referência, que pode ser confirmada a seguir

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída de textos clássicos, que se perfilam como canônicos - obras que em sua trajetória até a recepção contemporânea, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas. (BNCC, 2017, P. 513)

Mesmo empregando o termo “ao lado” das outras literaturas, as obras da tradição literária, seguem como referência, mesmo quando se tenta parear as literaturas, no sentido de propor uma diversificação dos textos literários.

Nos parâmetros para organização e progressão curricular, dentre os pontos a serem desenvolvidos no campo artístico-literário há a seguinte proposição

{...} leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores, de forma linear, crescente ou decrescente, desde que a leitura efetiva de obras selecionadas não seja prejudicada. (BNCC, 2017, P. 514)

O que se pode perceber sobre a BNCC, nas questões mais gerais, que diz sobre o reconhecimento das desigualdades sociais, a busca por uma equidade no campo da educação, nas várias vezes que o termo “diversidade” foi citado, bem como na consideração das juventudes brasileiras, o pessoal e o coletivo; quando se analisa as proposições do campo artístico-literário, percebe-se que ao ampliar o conhecimento e o espaço das literaturas e usar termos que parecem igualar a literatura canônica à africana, afro-brasileira ou indígena, por exemplo, ainda assim há um foco na tradição literária em detrimento das outras literaturas.

A BNCC também aponta para uma aprendizagem integrada e transversal entre os diferentes componentes curriculares, para que assim os/as estudantes compreendam que o conhecimento não se dá de forma fragmentada, isolada, mas sim de forma conectada, contextualizando o que é aprendido ao que é vivenciado. Os temas contemporâneos transversais são distribuídos em seis áreas temáticas - cidadania e civismo, ciência e tecnologia, economia, meio ambiente, multiculturalismo e saúde - que permitem aos/às estudantes compreenderem questões diversas. Torna-se imprescindível, então, atentar ao multiculturalismo, como tema contemporâneo transversal, que divide-se nos temas “Diversidade Cultural” e “Educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras” e que diversos momentos da BNCC é destacado no que tange ao campo artístico-literário. Assim, a BNCC ao difundir o multiculturalismo, não só para integrar os componentes curriculares, mas também fazer com que os/as estudantes relacionem o aprendizado às suas vivências em diferentes escalas (local, regional e global) já apresenta um impasse quanto à teoria decolonial, mais precisamente, ao conceito de interculturalidade crítica proposto por Catherine Walsh, que será melhor explicado adiante.

Capítulo 2 - Quando a literatura brasileira presente nos livros didáticos de língua portuguesa não é objeto de interesse de pesquisadores

Para que haja uma transformação efetiva no estudo da literatura nos livros didáticos de língua portuguesa, no que tange a realmente democratizar e diversificar a presença de variados/as escritores/as brasileiros/as, é extremamente importante que haja um número expressivo de pesquisas que apontem a necessidade dessas mudanças. Do contrário, permanecerá aquilo que há muito foi, sutilmente, imposto como padrão, uma vez que parece normal/natural compreender a literatura brasileira a partir de um único ponto de vista, o hegemônico e, simplesmente, ignorar outras produções literárias, produzidas por outros grupos sociais. Se não há pesquisas que evidenciam apagamentos e ausências de produções literárias de grupos sociais marginalizados e inferiorizados nos livros didáticos de língua portuguesa, se há pesquisas apenas pontuais e espaçadas ou se são pesquisas que ficam restritas ao meio acadêmico, sem nenhuma repercussão na sociedade, o que está posto, continuará.

O livro didático de língua portuguesa do ensino médio é um objeto de pesquisa pouco explorado por pesquisadores brasileiros. O estudo da literatura brasileira dos livros didáticos de língua portuguesa também não possui um número significativo de pesquisas. O estudo sobre questões de gênero e raça, quando se refere aos escritores/as brasileiro/as presentes nas obras didáticas são ínfimos. Essa falta de interesse de pesquisadores pelos vários aspectos que o livro didático de língua portuguesa fornece, faz com que se perpetue um padrão na literatura brasileira, a literatura canônica. Assim, as escritoras brasileiras negras permanecem inexistentes para a maioria de professores/as e alunos/as da rede pública de ensino.

Ao pesquisar os repositórios de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (POSLING-CEFET-MG) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos anos de 2018, 2019, 2020, 2021 até junho de 2022, ficou evidente o número reduzido de pesquisas sobre livro didático de língua portuguesa - voltados para o ensino médio, com foco na literatura brasileira - em detrimento das que tinham como foco o livro didático de língua estrangeira ou outros conteúdos.

No repositório do POSLING-CEFET-MG, no período mencionado anteriormente, foram encontradas sete pesquisas sobre livros didáticos, sendo três dissertações e quatro teses. As dissertações com temas voltados para a compreensão de como são representadas

discursivamente as juventudes na faixa etária entre 15 e 24 anos nos livros didáticos da Educação de Jovens e adultos (Nascimento, 2022); a investigação da existência de possibilidades de ensino crítico através do uso de livros didáticos e considerando a condição pós-método em cursos livres de inglês (Dias, 2020); um estudo sobre a avaliação que os professores de Inglês, da cidade de Ouro Preto, fazem a respeito dos livros didáticos fornecidos via PNLD (Teodoro, 2018). Já as teses possuíam como temática o conceito de livro didático digital de matemática e, de outro lado, a seleção e uso de duas coleções de livro didático digital de matemática, distribuídas aos professores do II ciclo do Ensino Fundamental, na forma impressa e digital, pelo PNLD 2017 (Carvalho, 2021); o olhar de docentes e discentes sobre o livro didático de história (Oliveira, 2020); a apropriação do material didático de língua inglesa distribuído nas escolas públicas pelo PNLD (Repolês, 2019); a aplicação de uma unidade de um referido livro didático de ensino de Língua Portuguesa adaptado em Libras, e, as questões dessa unidade que norteiam ações para o ensino e o aprendizado da LP como segunda língua (L2) para crianças surdas (Miranda, 2019). De todas as pesquisas sobre livro didático apenas uma refere-se ao conteúdo de Língua Portuguesa, mesmo assim focado para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para crianças surdas.

O repositório da CAPES, para o mesmo período, foram selecionados os termos “livro didático de língua portuguesa”, “ensino médio”, “literatura brasileira” e “estudos decoloniais”; para a grande área de conhecimento: “linguística, letras e artes”; e áreas de concentração, “literatura” “estudos literários”, “estudos de literatura”, “estudos literários e culturais”, “literatura e práticas sociais”, “literatura brasileira”, “literatura e cultura”, “literatura e diversidade cultural”, “literatura e estudos interculturais”, “literatura e práticas culturais”, “literatura e vida social”. Ao todo apareceram 2.281 resultados, sendo quatro pesquisas específicas sobre livro didático de língua portuguesa do ensino médio; dessas, três dissertações e uma tese. As dissertações de mestrado apresentaram como temáticas a presença de Mário de Andrade em livros didáticos do 3º ano do ensino médio (Siqueira, 2019); o letramento literário e a pedagogização da literatura em livro didático da educação básica (Silva, 2021); a literatura da seca em livros didáticos de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio (Souza, 2020); a (in)visibilidade da literatura indígena em materiais didáticos (Souza, 2022). A tese de doutorado apresentou como temática a mulher e o feminino em livros didáticos contemporâneos de literatura para o ensino médio (Elisbon, 2018).

Como pôde ser notado, nos últimos cinco anos, poucas pesquisas foram realizadas com foco no livro didático de língua portuguesa, principalmente quando se trata de literatura brasileira e o ensino médio. De todas as pesquisas, duas ganham destaque ao propor temas que abordam o apagamento de determinados grupos sociais, a literatura escrita por mulheres (Elisbon, 2018) e por indígenas (Souza, 2022).

A pesquisa de Souza (2022) trata da ausência da literatura indígena nos materiais didáticos, mesmo com a Lei 11.645 de 2008 que torna obrigatório o estudo da cultura e da história indígena no currículo escolar. Algumas hipóteses são levantadas para que esse apagamento se cristalice, como a própria questão histórica, o preconceito e a desigualdade sociocultural. Além disso, a pesquisadora aponta o próprio desconhecimento de literatos indígenas por parte da maioria do corpo docente, que contribui ainda mais para essa invisibilidade da literatura indígena na escola de forma efetiva.

Já a pesquisa de Lisbon (2018), possui como objetivo buscar as representações da mulher e do feminino apresentadas no livro didático de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio. A investigação concentrou-se na compreensão de como os estereótipos femininos são disseminados socialmente, pela historiografia e pela crítica literária e apropriados pelos livros didáticos. A partir de um grupo focal constituído por alunos(as) de turmas observadas em duas escolas públicas de São Mateus, no Espírito Santo, a pesquisadora analisou a apropriação das diferentes formas de representação do feminino e da mulher a partir das teorias da Nova História Cultural.

Munakata (2012) em um estudo sobre livro didático, há dez anos, observou um grande crescimento de pesquisa sobre livro didático nos anos de 1990 e 2000 não só no Brasil, mas em países como Alemanha, França, Grã-Bretanha, Noruega, Espanha, Canadá e Argentina. O pesquisador associou esse aumento de pesquisas em 1999 ao “I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares - Estatuto, Funções, História”, organizado pela Universidade do Minho em Portugal, e sucessivos eventos específicos sobre o tema. Segundo Munakata (2012), a tese de Circe Bittencourt (1993) impulsionou uma ampla produção de pesquisas posteriores

No Brasil, o trabalho de Circe Bittencourt (1993) representou o impulso inicial da vasta produção das décadas seguintes, na medida em que apresentou um conjunto de temas e abordagens que o objeto comportava para além da denúncia da ideologia. A tese publicada tardiamente como livro em 2008 (BITTENCOURT, 2008), tratava da questão do livro didático como política pública educacional, mas também enveredada em questões como a produção editorial desse objeto para o

mercado, a sua inserção na escola como dispositivo constitutivo do saber e da cultura escolar, a sua importância como suporte de disciplinas escolares (em particular, de história ensinada) e os usos e as práticas que incidem sobre esse material. (Munakata, 2012, P. 183)

Se nos anos de 1990 e a primeira década dos anos 2000 houve grande interesse pelo livro didático como objeto de pesquisa - procedimentos de edição e editoração; produção; análise dos sujeitos que participam da produção, como autores, editores, redatores, revisores, etc.; interesses políticos, educacionais e comerciais que compõem o mercado do livro didático e a política educacional no Brasil; a legislação sobre o livro didático; a escolha pelo professor; história das disciplinas escolares; apostilas dos chamados “sistemas de ensino”; relatórios de estágios supervisionados de prática de ensino sobre o uso do livro didático; a recepção pelo aluno - o mesmo não pode ser observado na década seguinte de 2000. Entre as temáticas apresentadas por Munakata (2012), por exemplo, não aparece o estudo da literatura presente nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, o que demonstra a falta de interesse por pesquisadores sobre esse tema.

Dalvi (2012) ao apresentar os resultados de uma pesquisa bibliográfica - dissertações e teses defendidas entre 2001 e 2011 - buscou realizar uma sistematização da discussão contemporânea sobre a questão da literatura nos livros didáticos de ensino médio. A pesquisadora chegou às seguintes conclusões

- que o número de trabalhos é bastante aquém ao esperado (13), considerando-se a relevância dos temas privilegiados (literatura, livros didáticos, ensino médio);
- que há sensível predomínio das pesquisas qualitativas;
- que há uma concentração e, ao mesmo tempo, uma dispersão (cuja natureza paradoxal pontuamos no desenvolvimento do texto) dos trabalhos pelos estados, instituições, programas/áreas de concentração e orientadores;
- que há baixa recorrência dos mesmos orientadores (em 13 trabalhos, foram 12 orientadores) e, dentre esses, poucos desenvolveram suas próprias teses nas áreas temáticas afins ao recorte aqui eleito;
- que há predomínio das pesquisas bibliográfico-documentais;
- que há sensível influência de trabalhos calcados nas contribuições da Estética da Recepção, do Círculo de Bakhtin, da História Cultural e dos Estudos Culturais;
- que há um diálogo recorrente com os documentos oficiais (p. ex., Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros 220 Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares Nacionais, Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio);
- que, via de regra, se conclui pela inadequação ou impertinência dos livros didáticos no que tange à leitura literária, ao ensino de literatura e à educação literária no nível médio da educação básica;
- que o livro didático é analisado, prioritariamente, como uma fonte – e não como um objeto – de pesquisa;
- e que a incidência maior de análises recai sobre o conteúdo e a natureza didático-pedagógica do material em exame, com poucos ou inexistentes trabalhos sobre a materialidade e a textualidade, sobre a editoria e a autoria, sobre a

apropriação escolar, sobre a memória, sobre as políticas públicas e sobre a constituição da(s) disciplina(s) de Língua e de Literatura. (Dalvi, 2012, P. 219-220)

Os estudos de Munakata (2012) e Dalvi (2012) sobre o livro didático demonstram que há um interesse por esse objeto (ou fonte) de pesquisa, porém a temática menos explorada em pesquisas é o estudo de literatura em livros didáticos do ensino médio. A pesquisa realizada, por mim, nos repositórios do POSLING-CEFET-MG e CAPES nos últimos cinco anos confirma esse fato.

Com a implantação do Novo Ensino Médio, os livros didáticos passaram por uma reformulação, tendo como referência a BNCC, mas será que foi o suficiente para modificar o foco dos estudos da literatura brasileira, totalmente voltado para o cânone literário em detrimento de outros grupos sociais - em especial as escritoras brasileiras pertencentes a grupos marginalizados - que também produzem e consomem literatura?

Logo, torna-se de extrema relevância pesquisar os novos livros de língua portuguesa disponibilizados pelo PNL 2021, no intuito de investigar possíveis mudanças (ou não) relacionadas ao estudo da literatura brasileira.

Capítulo 3 - A perspectiva decolonial: pelo (re)conhecimento de outros saberes, além do hegemônico

Ao se observar o espaço privilegiado que os livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio do PNLD 2018 disponibilizaram para a literatura canônica brasileira, conseqüentemente ao grupo hegemônico que a representa, em detrimento de outros grupos sociais é praticamente impossível dissociar esse fato do passado colonial brasileiro. Passado esse, que a partir de bases epistemológicas e ontológicas, justificou a inferioridade em todos os aspectos de povos não brancos e a supremacia dos povos brancos. De um lado os europeus, os brancos, os colonizadores; de outro, os indígenas e os africanos, os colonizados. No encontro entre esses povos, colonizadores e colonizados, um movimento violento de dominação que não só desumanizou os negros e os indígenas, como também marginalizou e apagou durante séculos suas culturas. Segundo Santos e Meneses (2009):

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade. (Santos e Meneses, 2009, p. 7)

Nesse contexto, a abordagem decolonial torna-se fundamental na busca de uma compreensão de como aspectos do passado ainda incidem no que é importante ensinar e aprender pelos livros didáticos de língua portuguesa, principalmente quando se trata dos estudos de literatura. Há uma normalização em se estudar apenas determinados escritores brasileiros, que refletem o discurso eurocêntrico e hegemônico, ditos universais; bem como existe essa mesma normalização para invisibilizar e/ou minorar a literatura escrita por grupos diferentes desse, que foram subalternizados ao longo da história. Para Quijano (2005), o panorama eurocêntrico de conhecimento é comparado a um espelho que distorce o que reflete. Os grupos subalternizados foram direcionados a acreditar que essa perspectiva eurocêntrica era a única refletida pelo espelho, fazendo-os prosseguirem sem saber quem realmente são e conseqüentemente com dificuldades em identificar os verdadeiros problemas para resolvê-los:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira, seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida. (Quijano, 2005, p. 130)

Com o objetivo de investigar as relações que se instituíram na era moderna, mesmo com o fim histórico da colonização, mas com a permanência das relações de poder desse período, diversos estudos foram (e continuam sendo) realizados - os estudos pós-coloniais - para a compreensão de que para além da epistemologia dominante eurocentrada, há diversas outras que foram suprimidas nessa relação de poder. De acordo com Ballestrin (2013):

Depreendem-se do termo “pós-colonialismo” basicamente dois entendimentos. O primeiro diz respeito ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado “terceiro mundo”, a partir da metade do século XX. Temporalmente, tal ideia refere-se, portanto, à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano. A outra utilização do termo se refere a um conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que a partir dos anos 1980 ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra. (Ballestrin, 2013, p. 90)

Ballestrin (2013) delineou a trajetória dos estudos pós-coloniais até o surgimento do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). De acordo com a autora, os precursores do pós-colonialismo, que deram voz ao colonizado, foram Franz Fanon (1925-1961) – psicanalista, negro, nascido na Martinica e revolucionário do processo de libertação nacional da Argélia – com seu livro “Os condenados da terra” (1961); Aimé Césaire (1913-2008) – poeta, negro, também nascido na Martinica – com o livro “Discurso sobre o colonialismo” (1950); Albert Memmi (1920-2020) – escritor e professor, nascido na Tunísia, de origem judaica, com sua obra “Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador” (1947); e Edward Said (1935-2003), crítico literário de origem palestina, intelectual e militante da causa, que escreveu “Orientalismo” (1978). Na década de 1970, surgiu no sul asiático o Grupo de Estudos Subalternos – com a liderança de Ranajit Guha, um dissidente do marxismo indiano. Já na década de 1980, o debate pós-colonial foi difundido no campo da crítica literária e dos estudos culturais na Inglaterra e nos Estados Unidos. Na década de 1990, um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas, inspirado principalmente no Grupo Sul-Asiático dos Estudos Subalternos, fundou o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. Conforme Ballestrin (2013):

[...] as origens do grupo M/C podem ser remontadas à década de 1990, nos Estados Unidos. Em 1992 – ano de reimpressão do texto hoje clássico de Aníbal Quijano “Colonialidad y modernidad-razionalidad” – um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas que lá viviam fundou o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. Inspirado principalmente no Grupo Sul-Asiático dos

Estudos Subalternos, o founding statement do grupo foi originalmente publicado em 1993 na revista *Boundary 2*, editada pela Duke University Press⁸. Em 1998, Santiago Castro-Gómez traduziu o documento para o espanhol como “Manifiesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos”. A América Latina foi assim inserida no debate pós-colonial[...] (Ballestrin, 2013, p. 94)

No entanto, Walter D. Mignolo, um dos pesquisadores do grupo, descontente com os estudos, assinalou que as teses criadas pelos pesquisadores indianos não deveriam ser simplesmente assumidas e traduzidas para uma análise do caso latino-americano, já que o processo de colonização daqueles possuíam suas origens coloniais no império britânico. Em 1998, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos é dissociado e ocorrem os primeiros encontros do Grupo Modernidade/Colonialidade, nome recebido devido à intrínseca relação entre a modernidade e a colonialidade. Desde então, o grupo M/C foi se consolidando por meio de seminários, diálogos paralelos e publicações. Seus principais membros são de diferentes áreas e nacionalidades: Aníbal Quijano (sociologia/peruano); Walter D. Mignolo (semiótica/argentino); Catherine Walsh (linguística/estadunidense); Boaventura Santos (direito/português), Enrique Dussel (filosofia/argentino); Arturo Escobar (antropologia/colombiano), entre outros. O Grupo M/C:

[...] compartilha noções, raciocínios e conceitos que lhe conferem uma identidade e um vocabulário próprio, contribuindo para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI. Sem a pretensão de esgotar a riqueza de sua argumentação, será apresentado um elenco de conceitos-chaves relativamente originais. (Ballestrin, 2013, p. 99)

Posto isso, vários estudos foram sendo produzidos, desde então, por esses pesquisadores do grupo M/C, que entenderam que mesmo com o fim da colonização na América Latina, ainda há resquícios desse tempo nas diversas relações de poder (social, econômico, cultural, religioso, político).

Para as análises dos livros didáticos de língua portuguesa dos PNLDs de 2018 e 2021 serão empregados os estudos realizados por Quijano (colonialidade do poder), Santos (ecologia de saberes) e Walsh (interculturalidade crítica).

A colonialidade engloba três aspectos: do poder, do saber e do ser. A colonialidade do poder, conceito largamente usado pelo grupo M/C, foi cunhado primeiramente por Aníbal Quijano e diz respeito a dois fatos: o primeiro é a permanência das relações de poder, mesmo após o fim da colonização, e o segundo ao apagamento das culturas dominadas nesse período. De acordo com Mignolo (2010), a colonialidade é o lado mais obscuro da modernidade, uma não existe sem a outra. A colonialidade do poder engloba o controle da autoridade; da

economia, do gênero e da sexualidade; da natureza e dos recursos naturais; e da subjetividade e do conhecimento. Para os pesquisadores do grupo M/C, o descobrimento e invenção da América é o fundamento da modernidade/colonialidade. A América não somente foi a primeira periferia do sistema-mundo como também a primeira oportunidade de acumulação primitiva do capital. Já a colonialidade do saber possui como base o eurocentrismo, que seria um padrão mundial de poder: capitalista, eurocentrado e colonial/moderno.

Santos (2009) afirma que o pensamento ocidental é um pensamento abissal, pois divide a realidade social em dois universos, em que um se sobressai sobre o outro, tornando-o inexistente, irrelevante e até incompreensível, justificando assim sua exclusão. Conforme Santos (2009), o pensamento abissal

[...] Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. (Santos, 2009, p. 23-24)

De um lado da linha abissal tem-se a ciência moderna que tenciona-se com outros dois conhecimentos alternativos, a filosofia e a teologia. Esses três conhecimentos tornam irrelevantes ou incomensuráveis conhecimentos que estão para além dessa linha, como os indígenas e camponeses.

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia. [...] Estas tensões entre a ciência, a filosofia e a teologia têm sido sempre altamente visíveis, mas como defendo, todas elas têm lugar desse lado da linha. A sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e falso. [...] Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjectivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica. (Santos, 2009, p. 25)

O mundo se divide em humanos, os europeus, e sub-humanos, os povos conquistados. Em que a ciência moderna torna-se universal, enquanto aqueles conhecimentos que não se

enquadram nessa situação são crenças e opiniões, que podem até servir de material de estudo para a ciência moderna, mas nunca como uma das formas de se pensar. Santos (2009) propõe para isso, o pensamento pós-abissal, o qual “parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir.”(Santos, 2009, p. 43.)

A essa diversidade epistemológica dá-se o nome de ecologia de saberes, que segundo Santos (2009) baseia-se

[...] no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (Santos, 2009, p. 44-45)

A ecologia de saberes não exclui a ciência moderna, mas entende que aqueles conhecimentos invisibilizados ou considerados crenças de determinadas culturas subalternizadas são também relevantes em seus contextos. Não há uma hierarquia única, universal, nesse campo, mas hierarquias dependentes, por isso a ideia de interconhecimento. A ecologia de saberes:

Centra-se, pois, nas relações entre saberes, nas hierarquias que se geram entre eles, uma vez que nenhuma prática concreta seria possível sem estas hierarquias. Contudo, em lugar de subscrever uma hierarquia única, universal e abstracta entre os saberes, a ecologia de saberes favorece hierarquias dependentes do contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber. Hierarquias concretas emergem do valor relativo de intervenções alternativas no mundo real. Entre os diferentes tipos de intervenção pode existir complementaridade ou contradição. Sempre que há intervenções no real que podem, em teoria, ser levadas a cabo por diferentes sistemas de conhecimento, as escolhas concretas das formas de conhecimento a privilegiar devem ser informadas pelo princípio de precaução, que, no contexto da ecologia dos saberes, deve formular-se assim: deve dar-se preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação dos grupos sociais envolvidos na concepção, na execução, no controlo e na fruição da intervenção. (Santos, 2009, p. 51)

Walsh (2009), dentro da perspectiva decolonial, traz um aspecto importante que é a questão do da interculturalidade crítica, que difere do multiculturalismo e interculturalidade funcional, esses últimos muito aplicados na atualidade nos mais diversos campos, quando se trata de diversidade. A verdade é que o multiculturalismo e a interculturalidade funcional escondem um discurso (neo)liberal, focado nos interesses do mercado e não das pessoas. O intuito é dar espaço às culturas subalternizadas sem que haja um espaço para questionamento para tal.

[...] a política multicultural atual sugere muito mais do que o reconhecimento da diversidade. É uma estratégia política funcional ao sistema/mundo moderno e ainda colonial; pretende “incluir” os anteriormente excluídos dentro de um modelo globalizado de sociedade, regido não pelas pessoas, mas pelos interesses do mercado. Tal estratégia e política não buscam transformar as estruturas sociais racializadas; pelo contrário, seu objetivo é administrar a diversidade diante do que está visto como o perigo da radicalização de imaginários e agenciamentos étnicos. Ao posicionar a razão neoliberal – moderna, ocidental e (re)colonial – como racionalidade única, faz pensar que seu projeto e interesse apontam para o conjunto da sociedade e a um viver melhor. Por isso, permanece sem maior questionamento. (Walsh, 2009, p.20)

Ao contrário do interculturalismo funcional que está a favor dos interesses e necessidades das instituições sociais - não questionando os padrões de poder que mantêm as desigualdades, a interculturalidade crítica se faz a partir das pessoas que historicamente foram condicionadas à submissão e subalternização.

Enquanto a interculturalidade funcional assume a diversidade cultural como eixo central, apontando seu reconhecimento e inclusão dentro da sociedade e do Estado nacionais (uni nacionais por prática e concepção) e deixando de fora os dispositivos e padrões de poder institucional-estrutural – que mantêm a desigualdade –, a interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso. O interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais; a interculturalidade crítica, pelo contrário, é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização. (Walsh, 2009, p.21-22)

Walsh (2009) propõe que, como ferramenta pedagógica, a interculturalidade crítica possui o poder de questionar o modelo hegemônico e visibilizar outros saberes que foram silenciados historicamente.

De maneira ainda mais ampla, proponho a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a de-colonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa, agência e suas práticas dão base para o que chamo de continuação da pedagogia decolonial. (Walsh, 2009, p. 25)

A interculturalidade crítica, como projeto político, social, epistêmico e ético requer uma pedagogia que vá além do ensino e transmissão do saber, exige uma prática pedagógica que supere a estrutura colonial imposta e apresente outras realidades, subjetividades e lutas das pessoas.

[...] a pedagogia é entendida além do sistema educativo, do ensino e transmissão do saber, e como processo e prática sociopolíticos produtivos e transformadores assentados nas realidades, subjetividades, histórias e lutas das pessoas, vividas num mundo regido pela estrutura colonial. (Walsh, 2009, p. 26)

Nesse sentido, a perspectiva decolonial torna-se bastante relevante nas análises dos livros didáticos de Língua Portuguesa do PNLD 2021, pois irá indicar se ainda há uma imposição do poder hegemônico, mesmo quando se dá um espaço à diversidade (em favor dos grupos subalternizados ou do mercado?). E mais do que observar esses aspectos, é necessário considerar se há um espaço de questionamento para esse padrão de poder hegemônico.

3.1 - A interseccionalidade como ferramenta de visibilidade da mulher negra

A interseccionalidade foi um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em seus dois artigos *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics* (1989) e *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra a mulher de cor* (1991), apontando a marginalização estrutural da mulher negra a partir de sua localização interseccional. Desse momento em diante, o termo vem sendo utilizado, principalmente, pelo feminismo negro para evidenciar a condição de invisibilidade da mulher negra na sociedade. Segundo Akotirene (2022), “a interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos”. (Akotirene, 2022, p. 63)

A universalização das categorias gênero e raça, com a falsa ideia de englobar ou falar por todos/as, sem se pensar sobre o cruzamento, a intersecção, dessas categorias e outras - como, por exemplo, classe, orientação sexual, identidade de gênero - continua invisibilizando grupos sociais, como as mulheres negras.

Pensar a categoria gênero universalmente apenas como mulheres e não considerar toda a diversidade nela, é pensar em um padrão a ser seguido e, de certa forma, que esse padrão “fale” pelas outras. Ao se refletir, por exemplo, sobre as primeiras reivindicações pelas feministas na europa, a partir do século XIX, como o direito ao voto, há a falsa sensação de que estão reivindicando por todas - mulheres brancas e negras - entretanto, a verdade é bem outra, ao se considerar que as mulheres negras sequer eram consideradas como um ser de direitos, eram apenas produtoras e reprodutoras de mão-de-obra.

Bem como ponderar sobre a categoria raça, remetendo-se primeiramente aos homens negros, também é considerar um padrão de invisibilidade das mulheres negras. Como se todas as questões referentes ao racismo não atravessassem as dificuldades que mulheres negras possuem em acessar os seus próprios direitos. Quando se analisa a questão da desigualdade salarial, por exemplo, as mulheres negras são o grupo que menos possui poder aquisitivo em detrimento dos homens negros, das mulheres brancas e dos homens brancos, respectivamente.

O discurso de Sojourner Truth - proferido de forma improvisada em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio - evidencia como naquele momento as reivindicações não eram para todas as mulheres, mas sim para uma parcela, as mulheres brancas. Mesmo assim, Truth teve a coragem de falar por elas e fazer o seguinte questionamento: "E eu não sou uma mulher?".

Bem, filhos, onde há muita confusão deve haver alguma coisa fora da ordem. Eu acho que aquela mistura de niggers do sul com as mulheres do norte, todos falando sobre direitos, os homens brancos vão ficar em apuros. Mas sobre o que todos aqui estão falando?

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e que têm que ser erguidas para passarem sobre poças e terem os melhores assentos em qualquer lugar. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama e nem me deu o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! [*E ela ergueu o punho para revelar sua tremenda força muscular*] Tenho arado e plantado e ceifado, e nenhum homem poderia me superar! E eu não sou uma mulher? Eu posso trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem - quando consigo comida - e também aguentar o chicote! E eu não sou uma mulher? Eu carreguei treze filhos, e vi a maioria ser vendida como escravo, e quando chorei minha tristeza de mãe, só tinha Jesus para me ouvir! E eu não sou uma mulher? [...] (Truth, 2020, p. 27-28)

Truth, filha de escravizados, nasceu no final do século XVIII, nomeada originalmente de Isabella, foi leiloada aos nove anos junto com um irmão e gado. Adotou o nome de Sojourner Truth a partir de 1843, tornou-se ativista pelos direitos das mulheres e dos negros, processou e derrotou na justiça dois homens brancos. No primeiro processo, conseguiu recuperar seu filho de cinco anos, que havia sido vendido. Já no segundo processo, recebeu uma indenização de um homem que a caluniou. Seu discurso explicita criticamente a universalização da mulher e do negro - conceitos hegemônicos construídos como forma de inferiorizar esses grupos sociais; e que essas duas categorias, gênero e raça, bem como outras - como classe, orientação sexual, identidade de gênero - não podem ser analisadas separadas, mas sim cruzadas, ou melhor dizendo, interseccionadas. De acordo com Akotirene (2022),

Sojourner Truth foi precursora ao ponderar em seu discurso a relação entre raça, classe e gênero, além de explicitar a finalidade biológica das mulheres, a procriação, e no caso das mulheres negras escravizadas, para fins comerciais.

[...] a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero, questionando a categoria mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos escravizados. (Akotirene, 2019, P. 17)

Conceição Evaristo, no prefácio de seu romance “Ponciá Vicêncio”, também traz uma reflexão importante ao interseccionar a condição de gênero à condição étnica e à condição social. A escritora deixa evidente que a questão de gênero associada às questões de raça e classe, interseccionadas, dificultam ainda mais o acesso das mulheres negras ao mercado das publicações literárias.

[...] Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a *serem* vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social. (Evaristo, 2017, p. 8-9)

As reflexões que Truth e Evaristo fazem sobre os entraves que as mulheres negras encontram ao buscar uma equidade perante a sociedade, mesmo em épocas tão distintas, evidenciam como a questão da interseccionalidade é importante para esse grupo de mulheres, pois não é apenas sobre elas serem mulheres, mas também por serem pretas, fazerem parte de uma classe social menos favorecida, etc.

Para Lugones (2020) a criação das categorias gênero e raça, apontam para uma interpretação equivocada da intersecção em relação às mulheres de cor. Não há uma inclusão da mulher negra na intersecção entre as categorias “mulher” e “negro”, resultando, assim, em uma lacuna. Para que a mulher negra possua visibilidade, torna-se necessário entrever gênero e raça de forma fundida e não isolados, já que se sobressai apenas um grupo social em cada uma dessas categorias. No caso do gênero, as mulheres brancas e heterossexuais. Já no caso de raça, homens negros.

Na intersecção entre “mulher” e “negro” há uma ausência onde deveria estar a mulher negra, precisamente porque nem “mulher” nem “negro” a incluem. A

intersecção nos mostra um vazio. Por isso, uma vez que a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção, para, desse modo, editar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial. Somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissolúvelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor. Isso significa que o termo “mulher”, em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista, já que a lógica categorial historicamente seleciona somente o grupo dominante - as mulheres burguesas brancas heterossexuais - e, portanto, esconde a brutalização, o abuso, a desumanização que a colonialidade de gênero implica. (Lugones, 2020, p. 60)

Lugones (2020), mesmo considerando a importância dos estudos de Aníbal Quijano sobre a colonialidade do gênero, destaca que o estudioso “refaz o apagamento e a exclusão das mulheres colonizadas da maioria das áreas da vida social, em vez de trazê-las de volta à vista.” (Lugones, 2020, p. 67) Para a estudiosa, Quijano simplifica a dominação de gênero, em vez de romper com a teoria hegemônica. Prova disso, são os estudos de gênero feitos pela pesquisadora nigeriana Oyèwùmí (2020), que ao estudar a sociedade iorubá, constatou que antes da colonização europeia, o gênero não era fator de organização social.

Para Oyèwùmí (2020), o gênero é uma categoria socialmente construída, por pesquisadoras feministas ocidentais, ou seja, mulheres brancas, e usado para sinalizar as opressões e subordinações impostas a todas as mulheres. Assim, tornando esse conceito universal. Essa pesquisadora questiona o conceito de gênero e outros relacionados a ele, principalmente a família nuclear, que possui uma base conjugal, pois é construída ao redor de um casal - uma mulher, a mãe, ligada por laços sexuais a um homem, o pai.

[...] a família nuclear ocidental que fornece o fundamento para grande parte da teoria feminista. Assim, os três conceitos centrais que têm sido os pilares do feminismo, mulher, gênero e sororidade, só podem ser compreendidos se analisarmos cautelosamente a família nuclear da qual emergem. (Oyèwùmí, 2020, p. 88)

A partir de suas pesquisas sobre a sociedade iorubá, Oyèwùmí (2020) constatou que o modelo da família nuclear é considerado alienígena, visto que “o princípio organizador fundamental no seio dessa família é a ancianidade baseada na idade relativa, e não no gênero.” (Oyèwùmí, 2020, p. 91) Para muitas sociedades africanas, a construção da categoria gênero e família nuclear é recente. Isso quer dizer que em sociedades africanas, como a iorubá, as relações são estabelecidas por uma questão de antiguidade adquirida e não de gênero. Nesse sentido, os relacionamentos são flexíveis e os papéis sociais são circunstanciais, diferentemente das famílias ocidentais. Na sociedade iorubá, um aspecto

importante é a posição de mãe como uma identidade definida, pois é por meio dela que as relações familiares são organizadas. Percebe-se, então, uma distinção dos modelos familiares, ocidental e da sociedade africana iorubá. Por isso, a pesquisadora faz um alerta para se repensar as categorias “mulher” e “gênero”, pois interpretações ocidentais sobre as realidades africanas podem distorcer a forma de organização dessas sociedades.

Akotirene (2022) defende a interseccionalidade por entender que essa teoria consegue visibilizar grupos sociais oprimidos, como as mulheres negras, pela matriz colonial - representada pelo capitalismo, cisheteropatriarcado e racismo - por meio do cruzamento de identidades diversas que atravessam os corpos. Para essa pesquisadora não há uma hierarquia ou soma de identidades que levam à opressão desses grupos, mas sim a intersecção do racismo com outras estruturas.

[...] pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (Akotirene, 2022, P. 63)

A interseccionalidade é um importante instrumento a ser utilizado para analisar a persistência (ou não) da invisibilidade dada as escritoras brasileiras negras no PNLD 2021, visto que no PNLD 2018, as poucas que possuem destaque a partir do movimento literário modernista brasileiro, mesmo assim, são escritoras brasileiras brancas, pertencentes à classe social privilegiada, que pode levar a falsa impressão de que apenas esse grupo social de mulheres é produtor de literatura, bem como se pensar mais criticamente, que seja apenas esse grupo social produtor de uma literatura de qualidade, que resultaria na ausência das escritoras brasileiras não brancas, como as escritoras negras.

A interseccionalidade concebe que o apagamento das mulheres negras, como nos livros didáticos de língua portuguesa, não pode ser tratado como universal. Não é apenas o gênero que está em questão, mas também a intersecção relacionada à classe social, à orientação sexual e, principalmente, à raça. Por isso, é importante que os livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021 passem por profunda análise crítica, que considere, não apenas a questão do gênero, mas outras categorias, principalmente a de raça, que normaliza o processo discriminatório a grupos sociais oprimidos, como das mulheres negras.

Capítulo 4 - Percorso metodológico

Pensar a Literatura como forma de produzir conhecimento e pensar criticamente sobre a realidade a partir dela, vai muito além de pensá-la como um mero recurso de fruição. A Literatura é uma forma de saber. Minayo (2014) faz uma importante observação sobre a importância que a ciência possui no mundo ocidental, como forma hegemônica de constituição do conhecimento, em detrimento de outras formas de aquisição do saber.

Na SOCIEDADE OCIDENTAL, a ciência é a forma hegemônica de construção do conhecimento, embora seja considerada por muitos críticos como um novo mito da atualidade por causa de sua pretensão de ser o único motor e critério de verdade. Particularmente não concordo com os que absolutizam o sentido e o valor da ciência, pois a humanidade sempre, desde que existe o Homo sapiens, criou formas de explicar os fenômenos que cercam a vida e a morte e o lugar dos indivíduos na organização social, assim como os mecanismos de poder, de controle e de reprodução. Desde tempos imemoriais, as religiões, a filosofia, os mitos, a poesia e a arte têm sido instrumentos poderosos de conhecimento, desvendando lógicas profundas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano. O que a ciência possui de diferencial em relação às outras modalidades de saber? (Minayo 2014, P. 35)

O questionamento que Minayo faz sobre o papel da ciência na sociedade ocidental, como absoluta e universal, em detrimento de outras formas de saber, é o mesmo que estrutura esta pesquisa, pois dentro do campo literário dos livros didáticos de língua portuguesa, ofertados pelo PNLD 2021, em um diálogo com a perspectiva decolonial, será que a única literatura legitimada ainda é a canônica? A literatura escrita por mulheres ainda está restrita às escritoras que aparecem no período modernista brasileiro? Para além, de Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, que diga-se de passagem, correspondem em termos de raça e classe social aos já consagrados escritores brasileiros estudados nos livros didáticos, não existem outras escritoras brasileiras com obras tão significativas quanto dessas escritoras? As obras literárias escritas por escritoras brasileiras negras apresentam visibilidade tal qual as escritoras brasileiras brancas e os escritores brasileiros brancos e negros?

Essa investigação científica possui uma abordagem qualitativa, pois não se detém a técnicas estatísticas e se ocupa da interpretação e da atribuição de significados no decorrer da pesquisa (Brasileiro, 2021, P. 83). Aqui, os documentos a serem analisados são os livros de língua portuguesa em que as editoras estão presentes nos PNLDs 2018 e 2021. Segundo Minayo (2014)

o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. [...] as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. (Minayo, 2014, P. 57)

Quanto à finalidade, esta pesquisa científica é identificada como exploratória, em função de ainda não haver pesquisas em relação à visibilidade de escritoras negras e suas obras nos livros didáticos de língua portuguesa no Novo Ensino Médio, visto que são as primeiras edições a seguirem as competências e habilidades propostas pela BNCC. Logo, terá que ser realizado um trabalho de levantamento bibliográfico, sondagem e observação (Brasileiro, 2021, P. 76)

Apresenta como meio, a pesquisa documental, uma vez que os novos livros de língua portuguesa do PNLD 2021 foram formulados a partir da BNCC, documento orientador do Novo Ensino Médio, que passou a vigorar a partir de 2017. Segundo Brasileiro (2021), a pesquisa documental

[...] é um estudo realizado quando há necessidade de análise de documentos de primeira mão, ou seja, que ainda não foram analisados, e que possam contribuir para a realização da investigação proposta (GIL, 2006). Tais documentos, impressos ou digitais, podem conter informações de cunho público ou privado, históricas ou oficiais, reveladas em fotos, relatos, anais, circulares, balancetes etc. Para a interpretação dos dados documentais, o pesquisador pode construir um roteiro para identificação dos dados, a partir dos objetivos propostos, e para a interpretação desses dados, pode lançar mão da análise de conteúdo ou análise do discurso. (Brasileiro, 2021, P. 78)

Como corpus desta pesquisa, serão analisados os livros didáticos de língua portuguesa das editoras presentes nos PNLDs de 2018 e 2021, manual do professor. As editoras presentes nos dois últimos PNLDs foram Ática, FTD, Moderna, SM e Saraiva. Em 2018, as editoras Ática, FTD e Moderna apresentaram duas coleções e as demais apenas uma. Como o foco da pesquisa, em relação aos PNLDs, é o de 2021, já que partimos do pressuposto que as coleções do PNLD 2018 ofereceram pouca visibilidade às escritoras brasileiras de uma forma geral, e mesmo assim a um determinado grupo social; a escolha por determinada coleção das editoras Ática, FTD e Moderna levou-se em consideração o número de tiragem e arrecadação dessas empresas.

O PNLD 2018 apresentou oito editoras e onze coleções de livros didáticos de língua portuguesa.

Quadro 1 - Editoras e suas respectivas coleções do PNLD 2018

PNLD 2018	
EDITORA	COLEÇÃO
ÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO • VEREDAS DA PALAVRA
BASE EDITORIAL	<ul style="list-style-type: none"> • PORTUGUÊS, LÍNGUA E CULTURA
FTD	<ul style="list-style-type: none"> • ESFERAS DA LINGUAGENS • NOVAS PALAVRAS
LEYA	<ul style="list-style-type: none"> • PORTUGUÊS: TRILHAS E TRAMAS
MODERNA	<ul style="list-style-type: none"> • SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO, LINGUAGEM • PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO
POSITIVO	<ul style="list-style-type: none"> • VIVÁ - LÍNGUA PORTUGUESA
SARAIVA	<ul style="list-style-type: none"> • PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO
SM	<ul style="list-style-type: none"> • SER PROTAGONISTA - LÍNGUA PORTUGUESA

Fonte: <http://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

O PNLD 2021 apresentou sete editoras e coleções de livros didáticos de língua portuguesa, objeto 2, obra específica.

Quadro 2 - Editoras e suas respectivas coleções do PNLD 2021

PNLD 2021	
EDITORA	COLEÇÃO
ÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • ESTAÇÕES LÍNGUA PORTUGUESA: ROTAS DE ATUAÇÃO
EDITORA DO BRASIL	<ul style="list-style-type: none"> • INTERAÇÃO PORTUGUÊS
FTD	<ul style="list-style-type: none"> • MULTIVERSOS - LÍNGUA PORTUGUESA
IBEP	<ul style="list-style-type: none"> • LINGUAGENS EM INTERAÇÃO: LÍNGUA PORTUGUESA
MODERNA	<ul style="list-style-type: none"> • SE LIGA NAS LINGUAGENS - PORTUGUÊS
SARAIVA	<ul style="list-style-type: none"> • PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
SM	<ul style="list-style-type: none"> • SER PROTAGONISTA - A VOZ DA JUVENTUDE - LÍNGUA PORTUGUESA

Fonte: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_didatico/inicio. Acesso em: 03 jul. 2022.

Uma observação importante a ser avaliada em relação à distribuição desses livros didáticos para as escolas públicas brasileiras é a tiragem total e valor total arrecadado por cada editora na venda de suas coleções nos PNLDs de 2018 e 2021. Aqui está se levando em consideração apenas as editoras que fazem parte do corpus desta pesquisa, ou seja, as que estiveram presentes nos dois últimos PNLDs. As editoras Base Editorial, Leya e Positivo estiveram presentes apenas no PNLD 2018. Já as editoras Editora Brasil e IBEP estiveram presentes apenas no PNLD 2021.²

Em termos de valores, a escolha por determinada coleção gera a movimentação de milhões de reais para as editoras. No PNLD 2018, o montante total de livros didáticos de língua portuguesa negociados - considerando a compra para alunos/as e professores/as - foi de R\$85.388.027,64. A seguir, o quadro com os valores arrecadados por todas as editoras, de acordo com suas coleções. Lembrando que as aquisições referem-se aos três volumes de cada coleção, tanto para os/as estudantes quanto os/as professores/as.

² Tiragem e arrecadação das editoras (referente aos livros para alunos/as): Base Editorial (41.202/R\$1.637.862,03); Leya (572.120/R\$8.318.004,48; Positivo (15.545/R\$236.439,450) em 2018; Editora Brasil (346.519/R\$3.357.769,11); IBEP (319.711/R\$3.376.148,16) em 2021.

Quadro 3 - Valores arrecadados por editora no PNLD 2018

EDITORA	COLEÇÃO	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
SARAIVA	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO	R\$31.820.556,70
MODERNA	SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LINGUAGEM	R\$12.643.171,50
FTD	NOVAS PALAVRAS	R\$10.392.416,90
LEYA	PORTUGUÊS: TRILHAS E TRAMAS	R\$8.481.903,60
MODERNA	PORTUGUÊS: CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	R\$7.496.879,88
SM	SER PROTAGONISTA	R\$4.520.409,60
ÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO	R\$4.411.445,42
FTD	ESFERAS DAS LINGUAGENS	R\$1.984.299,56
ÁTICA	VEREDAS DA PALAVRA	R\$1.716.392,30
BASE EDITORIAL	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURAL	R\$1.673.727,91
POSITIVO	VIVÁ - LÍNGUA PORTUGUESA	R\$246.824,27

tabela_de_negociacao_PNLD_2018_por_titulo Acesso 17 de julho de 2023

No PNLD 2021, essas mesmas editoras tiveram a seguinte distribuição e arrecadação:

Quadro 4 - Tiragem e valor totais arrecadados pelas editoras no PNLD 2021

PNLD 2021				
	EDITORA	COLEÇÃO	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL (R\$)
1º	EDITORA MODERNA LTDA	SE LIGA NAS LINGUAGENS – PORTUGUÊS	2.367.338	R\$ 20.939.228,62
2º	EDITORA FTD S A	MULTIVERSOS – LÍNGUA PORTUGUESA	1.519.129	R\$13.355.826,94
3º	SARAIVA EDUCACAO S.A.	PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	1.286.737	R\$11.673.816,75
4º	EDITORA ÁTICA S.A.	ESTAÇÕES LÍNGUA PORTUGUESA: ROTAS DE ATUAÇÃO SOCIAL	544.461	R\$ 5.286.038,94
5º	EDICOES SM LTDA.	SER PROTAGONISTA - A VOZ DAS JUVENTUDES - LÍNGUA PORTUGUESA	558.554	R\$ 5.092.923,06

tabela_de_negociacao_PNLD_2021_por_titulo Acesso 17 de julho de 2023

Assim, chegamos ao corpus a ser analisado nesta pesquisa.

Quadro 5 - Editoras e coleções a serem analisadas

EDITORA	PNLD 2018	PNLD 2021
ÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO	ESTAÇÕES LÍNGUA PORTUGUESA: ROTAS DE ATUAÇÃO
FTD	NOVAS PALAVRAS	MULTIVERSOS - LÍNGUA PORTUGUESA
MODERNA	SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO, LINGUAGEM	SE LIGA NAS LINGUAGENS - PORTUGUÊS
SM	SER PROTAGONISTA - LÍNGUA PORTUGUESA	SER PROTAGONISTA - A VOZ DA JUVENTUDE - LÍNGUA PORTUGUESA
SARAIVA	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO	PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A formulação das hipóteses deu-se a partir dos seguintes questionamentos: Por que nos períodos literários anteriores ao modernismo brasileiro não se tinha referência às obras de escritoras brasileiras, principalmente, as negras? Não existia literatura escrita por mulheres nesse período? Essas escritoras existiram (e existem), mas sempre foram negligenciadas em detrimento de um padrão já cristalizado pelo cânone literário. E agora, nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio, será que essa ideia permanece?

O objetivo geral é, então, à luz da perspectiva decolonial, investigar se nos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021 há um reconhecimento e visibilidade das escritoras brasileiras negras da mesma forma que as escritoras e os escritores brasileiros reconhecidos pelo cânone literário brasileiro. Para isso, será feito um mapeamento desses/as escritores/as brasileiros/as presentes em cada livro didático e, para uma melhor organização, esses nomes serão organizados em listas, em ordem alfabética e com cores distintas para a identificação das escritoras brasileiras (cor **verde** para as escritoras brasileiras; cor **vermelha** para as escritoras brasileiras negras e **laranja** para as escritoras brasileiras indígenas³, caso tenham visibilidade). Além disso, serão apresentados dois gráficos, referentes a cada um dos PNLDs 2018 e 2021, para melhor visualização dessa situação, reiterando que esta pesquisa é qualitativa e não quantitativa.

³ Embora não seja objeto de estudo desta pesquisa, os escritores brasileiros negros serão visualizados pela cor **roxa** e os escritores brasileiros indígenas serão visualizados pela cor **marrom**.

A partir daí se dará a exploração desse material e, posteriormente, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Capítulo 5 - Análise das coleções dos PNLDs de 2018 e de 2021

5.1 - Apresentação e análise das coleções

Neste capítulo serão apresentadas as coleções do PNLD 2018 e 2021 a fim de se analisar, à luz da perspectiva decolonial, avanços ou não quando se refere ao estudo da literatura escrita por mulheres brasileiras negras nas obras didáticas de língua portuguesa.

Ao analisar as coleções do PNLD 2018, buscou-se confirmar a ausência das escritoras brasileiras negras nas obras didáticas de língua portuguesa. Já no PNLD 2021 intenta-se além de analisar, já que as coleções possuem como documento norteador a BNCC, comparar às coleções do PNLD anterior, mostrando aí os avanços e estagnações do estudo da literatura quando se trata das escritoras negras brasileiras.

5.2 - Análise dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD de 2018

A literatura escrita por mulheres há muito vem sendo negligenciada nos livros didáticos de língua portuguesa, fato esse que se confirma nas coleções presentes no PNLD de 2018. A presença de textos literários de escritores brasileiros é predominante se comparados aos das escritoras brasileiras. Como é sabido, as escritoras brasileiras ganham visibilidade a partir do movimento literário Modernista. Essas escritoras brasileiras são brancas e pertencentes a uma classe social elitizada, equivalente a maioria dos escritores brasileiros, ou seja, ao grupo hegemônico que se faz presente em todos os espaços de poder, que exclui a produção literária de outros grupos sociais, como o das escritoras brasileiras negras. A literatura afro-brasileira é representada por um pequeno grupo de escritores brasileiros - que por muito tempo foram embranquecidos, como Machado de Assis, ou tiveram reconhecimento décadas após sua morte, como Cruz e Sousa. Logo, a literatura brasileira, quando se pensa a questão de gênero, é representada pelas escritoras brancas, e, quando se pensa a questão de raça, é representada pelos escritores negros.

Nesse sentido, a ausência das escritoras brasileiras negras pode ser explicada pelo pensamento interseccional, visto que sua visibilidade nos livros didáticos de língua portuguesa, necessitam, principalmente, de duas marcações identitárias - gênero e raça - já representadas pelas escritoras brancas e pelos escritores negros, cada um/a com apenas uma marca identitária. Dessa forma, é possível entender que tanto a literatura brasileira escrita por

mulheres, quanto a escrita por afro-brasileiros, já se encontra representada nos livros didáticos de língua portuguesa. Para Akotirene (2022), as mulheres negras, por estarem posicionadas mais vezes em avenidas identitárias - pois além das questões de gênero e raça, podem recair ainda sobre elas as questões de classe, orientação sexual, por exemplo - possuem dificuldades em acessar espaços de prestígio, como é possível notar em livros didáticos de língua portuguesa, uma vez que a preferência é pelo cânone literário brasileiro.

Ao focar apenas na literatura canônica brasileira, no que foi (e ainda é) produzida por apenas um grupo social privilegiado, composto por homens e mulheres, mesmo assim ocupando espaços desiguais, os livros didáticos de língua portuguesa chancela o que seria uma literatura de qualidade, única e padrão, não permitindo espaço para a produção literária de outros grupos sociais. Essa perspectiva única e padronizada defronta-se com panorama proposto pela teoria decolonial, que entende que ainda existe na modernidade resquícios das formas de dominação colonial, conhecida como colonialidade, que pode ser notada no estudo da literatura brasileira dos livros didáticos de língua portuguesa, sobre quais são os/as autores/as brasileiras que devem ser reconhecidos como representantes da literatura brasileira.

Ao impor, pois não há uma sugestionabilidade, quais escritores/as brasileiros/as devem ser estudados/as, não se demonstra apenas a superioridade de um determinado grupo social, mas também, e o mais cruel disso tudo, o apagamento de outros/as escritores/as brasileiros/as pertencentes a outros grupos sociais. Assim, como bem destaca Mignolo (2010) percebe-se a colonialidade do saber, focada no modelo eurocentrado, pois os movimentos literários brasileiros foram, por muitas vezes, cópias do que se tinha produzido na Europa, principalmente em Portugal, e disseminados pelos/as escritores/as brasileiros/as de classe privilegiada que para lá viajavam. Mesmo os movimentos literários que buscavam uma identidade genuinamente brasileira, como o Romantismo e o Modernismo, tinham como referências indiretas o modelo europeu.

Santos (2009), já confirmava esse contexto ao afirmar que o pensamento ocidental era abissal, visto que a realidade social é dividida em dois universos em que um se sobressai sobre o outro. O pensamento eurocentrado, assim, se confirma como superior entre os demais, uma vez que para se impor diante dos povos conquistados, as culturas desses foram dizimadas e quando muito consideradas de menos valia. O estudo da literatura nos livros didáticos reproduz esse pensamento abissal, ao se ressaltar o modelo eurocêntrico, como único, representado pelos escritores brasileiros que são maioria nesse suporte pedagógico.

Não há espaço para a diversidade, conceituada por Santos (2009), como uma ecologia de saberes, em que os conhecimentos possuem sua relevância em seus contextos e se relacionam entre si, causando, por vezes, uma tensão. Nessa conjuntura, o pensamento ocidental eurocentrado conviveria com os outros, por vezes, considerados marginalizados, sem a exclusão. Assim sendo, o livro didático, como o principal recurso pedagógico utilizado em sala de aula, não permite um questionamento crítico sobre a ausência de escritoras brasileiras negras, porque a presença de escritoras brancas, como Clarice Lispector, e de escritores negros como Lima Barreto, encobrem uma política multicultural de inclusão.

A inclusão de um grupo minoritário de escritoras brasileiras brancas e escritores brasileiros negros sugerem uma diversidade para além daquele grupo restrito de escritores brasileiros brancos. No entanto, essa forma de representatividade não seria mais do que um controle dessa diversidade com fins capitalistas, de mercado. O multiculturalismo, assim, induz aos/às usuários/as (professores/as e estudantes) do livro didático sobre a questão da representatividade, que, principalmente, as alunas (e as professoras) negras podem se sentir representadas nos livros didáticos por meio das escritoras brancas, já que são mulheres, e dos escritores negros, já que pertencem ao mesmo grupo racial, impossibilitando o questionamento sobre a presença das escritoras brasileiras negras, já que sequer são citadas, confirmando assim o memoricídio do trabalho dessas intelectuais.

Segundo Duarte (2022), no Brasil há registros de obras literárias escritas por mulheres desde o século XVIII, sendo a produção literária de escritoras negras a partir do século XIX por Auta de Souza e Maria Firmina dos Reis; no século XX, por Maria Carolina de Jesus; no século XXI, por Conceição Evaristo, Mel Duarte e Riane Leão, como exemplos. Mesmo sendo um grupo menor, se comparado a proporção de escritoras brasileiras brancas, escritores brasileiros negros e escritores brasileiros brancos, essas escritoras brasileiras negras sequer são citadas. Os estudos de Duarte não confirmam apenas o apagamento da produção literária produzida por mulheres desde o século XVIII, mas também o aniquilamento das produções literárias de mulheres não-brancas, em especial das escritoras negras. Como forma de confirmar essa invisibilidade dada às escritoras brasileiras negras nos livros didáticos do PNLD 2018, serão analisadas cinco coleções de livros didáticos de língua portuguesa de editoras presentes também no PNLD de 2021.

O PNLD 2018, em sua apresentação sobre o processo de avaliação do livro didático, expõe o discurso sobre a diversidade, em que a cultura socialmente legitimada não deve ser imposta pelo silenciamento à diversidade cultural que compõe a identidade de alunos/as do

Ensino Médio. Bem como as obras didáticas, ali selecionadas, devam retratar a sociedade contemporânea em que se inserem, promovendo abordagens como: o protagonismo social da mulher; as temáticas de gênero; promoção da cultura e da história afro-brasileira e dos povos indígenas, assim como a imagem positiva do povo do campo e dos afro-brasileiros; as temáticas das relações etnico-raciais (preconceito, discriminação racial e violência), aspirando a uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária. Assim, esperava-se que os livros didáticos de língua portuguesa apresentassem um conteúdo que representasse e desse conta da diversidade que constitui alunos/as do ensino médio da rede pública de ensino.

Em Língua Portuguesa foram selecionadas onze coleções de livros didáticos de oito editoras - Ática, Base Editorial, FTD, Leya, Moderna, Positivo, Saraiva e SM. As editoras Ática, FTD e Moderna apresentaram duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa cada uma. Cada coleção é composta por 3 volumes, referentes a cada ano/série do ensino médio.

Para a análise, serão consideradas as editoras Saraiva, Moderna, FTD, Ática e SM, presentes também no PNLD 2021. Para as editoras que apresentaram duas coleções - Moderna, FTD e Ática - serão analisadas aquelas que foram mais vendidas. Então serão analisadas as seguintes coleções de livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2018:

EDITORA	COLEÇÃO
SARAIVA	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO
MODERNA	SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LINGUAGEM
FTD	NOVAS PALAVRAS
SM	SER PROTAGONISTA
ÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO

5.2.1 - Editora Saraiva - Coleção *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*



Capas dos três volumes que compõem a coleção *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (Cereja, Vianna e Damien, 2017)

A coleção *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* - de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien - da editora Saraiva, foi a mais vendida no PNLD 2018. Foram vendidas 3.136.961 unidades da coleção para alunos/as, arrecadando R\$31.314.679,40, e 44.634 unidades para professores/as, captando o valor total de R\$505.877,31.

COLEÇÃO “PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO				
ANO/SÉRIE	LIVRO DO/A ALUNO/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR ALUNO/A (R\$)	LIVRO DO/A PROFESSOR/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR PROFESSOR/A (R\$)
1º	1.254.128	R\$12.340.619,52	17.103	R\$191.382,57
2º	993.296	R\$10.221.015,84	14.273	R\$166.137,72
3º	889.537	R\$8.753.044,08	13.258	R\$148.357,02
TOTAL	3.136.961	R\$31.314.679,40	44.634	R\$505.877,31

Os volumes são divididos em 4 unidades. Cada uma dessas unidades são subdivididas em capítulos. Cada capítulo apresenta uma parte de literatura, uma de língua e linguagem e outra de produção de texto. A parte de literatura apresenta as seguintes seções: “Entre saberes” (conjunto de textos que abordam o contexto histórico); “Entre textos” (textos de períodos diferentes que apresentam algum tipo de relação); “Conexões” (relação entre um texto literário e outro gênero textual); “Foco no texto” (leitura e análise de textos representativos do assunto a ser trabalhado); “Foco na imagem” (leitura e interpretação de uma obra literária relacionada à estética literária); “Fique conectado” (dica de livro, filme, música, etc.); “O contexto de produção e recepção” (apresentação dos agentes culturais e público leitor do período literário). De acordo com o/as autor/as da obra didática, o ensino de literatura nesta coleção objetiva ampliar a visão de mundo e estimular a fruição literária dos/as estudantes ao desenvolver a capacidade leitora deles/as a partir de atividades que possibilitem uma vivência com o texto literário, considerando, suas questões históricas, culturais e estéticas.

O estudo da literatura já vem explicado na apresentação do/as autor/as para os/as estudantes, que a produção literária de cada época reflete o momento, o contexto histórico, ao qual está inserida e que, também, consegue, em muitos casos, manter uma relação com uma obra da atualidade. Essa produção literária se transforma ao longo do tempo, assim como

os sujeitos e a sociedade. Ao longo dos volumes, então, vai se confirmando que a literatura que reflete a realidade à qual estão inseridos os movimentos literários é produzida exclusivamente por homens, principalmente no que se refere aos movimentos literários anteriores ao Modernismo. Assim, para os/as professores/as e os/as estudantes, sem extrapolar o que é proposto no campo literário dessas obras didáticas, fica constatado que a literatura feita por mulheres, diga-se de passagem, brancas, remonta do século XX. Já a literatura produzida por mulheres negras permanece silenciada, como se nunca existisse.

[...] Ao adentrar o estudo da literatura, você lerá textos de diversos momentos da história da humanidade e perceberá que os textos literários e as artes em geral (entre elas a pintura, a escultura, a música, o cinema) estão intimamente conectados à realidade social de cada época, surgindo como uma espécie de resposta artística ao seu contexto de produção: refletem, assim, muito da visão política, social e artística do momento em que estão sendo produzidos. Você verá também que mesmo textos escritos muitos séculos atrás guardam relações próximas com outras atuais, confirmando a ideia de que a literatura e seus temas não se encerram em um determinado período, mas transformam-se ao longo do tempo, em fluxo contínuo, à medida que a sociedade e os sujeitos igualmente se modificam. [...] (Cereja, Vianna e Codenhoto, 2016, p. 3)

No volume 1 da coleção, o estudo da literatura apresenta os seguintes assuntos: O que é literatura?; Trovadorismo, Teatro Vicentino; Classicismo; Literatura de informação; Barroco; e Arcadismo. O principal gênero literário trabalhado é o poema, mas também apresenta trechos de crônicas, de cordel, de carta, tratado, sermões. Os escritores brasileiros que possuem textos literários são:

Adão Ventura

Arnaldo de Antunes

Augusto de Campos

Basílio da Gama

Carlos Drummond de Andrade

Castro Alves

Cláudio Manuel da Costa

Ferreira Gullar

Gregório Duvivier

Guilherme Almeida

José Paulo Paes

Leandro Gomes de Barros

Oswald de Andrade

Patativa do Assaré

Ribeiro Couto

Os escritores portugueses que possuem textos literários no volume são:

Bocage

Carlos Nuñez

D. Pedro, conde de Portugal

Fernando Pessoa

Gil Vicente

José Garcia de Guilhade

Luís de Camões

Padre Antônio Vieira

Pedro de Magalhães Gândavo

Pero Meogo

Pero Vaz de Caminha

Tomás Antônio Gonzaga

Na seção “Produção de Texto”, ao ser retomado o texto teatral, uma cena da peça teatral “O que os meninos pensam delas?”, da dramaturga **Adélia Nicolete** surge como único texto produzido por uma mulher. A seção “Fique conectado” (box que indica livros, filmes, sites, músicas para ampliação do conhecimento sobre os assuntos abordados) foram indicados livros de autoria de feminina como “Contos e lendas da Távola Redonda”, de **Jaqueline Miranda**; “Renascimento e humanismo”, de **Maria Teresa van Acker**; “O projeto do Renascimento”, de **Elisa Byington**; “Barroco mineiro e Barroco”, de **Suzy de Mello**. Nenhuma referência a textos de autoria de mulheres negras, mesmo nas conexões entre a literatura produzida no passado e na atualidade, como o/as autor/as indicaram como um dos empregos dos textos literários.

O estudo de literatura no volume 2 aborda os seguintes movimentos literários: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. Os textos literários trabalhados, ao longo desse volume, na íntegra ou trechos, são romances, contos, crônicas e poemas. Ao tratar da literatura produzida no século XIX no Brasil, surgem nomes de escritores reconhecidos pelo cânone literário como:

Álvares de Azevedo

Aluísio Azevedo

Alphonsus de Guimaraens

Casimiro de Abreu

Castro Alves

Cruz e Sousa

Gonçalves Dias

José de Alencar

Machado de Assis

Manuel Antônio de Almeida

Olavo Bilac

Visconde de Taunay

Aqui, torna-se interessante destacar a única citação referente a uma escritora brasileira no século XIX, **Francisca Júlia**, com “Mármore” como representante de um movimento literário no Brasil neste período, no caso o Parnasiansimo.

[...] Os ideais estéticos defendidos pelos poetas franceses Leconte de Lisle e Théophile Gautier influenciaram o Parnasianismo brasileiro, que teve início, formalmente, com a publicação de *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias. Os poetas mais representativos desse movimento literário são Raimundo Correia, com *Sinfonias* (1883), Alberto de Oliveira, com *Meridionais* (1884), Olavo Bilac, com *Poesias* (1888), Francisca Júlia, com *Mármore* (1895) e Vicente de Carvalho, com *Poemas e canções* (1908). (Cereja, Vianna e Codenhoto, 2016, p. 237)

Duas escritoras brasileiras, já pertencentes ao século XX, possuem textos literários apresentados no volume 2. As escritoras brasileiras **Marina Colasanti**, com a crônica “Amai o próximo, etc...”, e **Ana Maria Machado**, com um trecho do romance “A audácia dessa mulher”, possuem textos literários em outras seções do livro didático como “Produção de texto” e “Entre textos”. A escritora americana Harriet Beecher Stowe, século XIX, possui seu romance “A Cabana do Pai Tomás” citado como de grande repercussão em registros de escritores brasileiros como José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, entre outros. A seção “Fique conectado!” indica a biografia de Gonçalves Dias, “Dias e Dias”, escrita por **Ana Miranda**; obras que dialogam com textos e personagens de Machado de Assis, como “Capitu”, de **Lygia Fagundes Telles** e Paulo Emílio Salles Gomes; e mais uma vez “A audácia dessa mulher”, de **Ana Maria Machado**.

Além dos escritores do século XIX já citados anteriormente, possuem textos literários os brasileiros:

Adão Ventura

Antonio Prata

Arnaldo Jabor

Carlos Queiroz Telles

Casimiro de Abreu

Chico Araújo

Fabrício Corsaletti

José Paulo Paes

Luís Fernando Veríssimo

Ricardo Ramos

Rubem Braga

Ruy Castro

Ulisses Tavares

Zé da Luz

Os escritores portugueses Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco também possuem textos literários. O escritor francês Alexandre Dumas, com sua obra “A Dama das Camélias” é citado em um box, como romance que inspirou “Lucíola”, de José de Alencar. Nota-se, logo, que no volume 2, a presença de escritoras brasileiras e suas obras é baixíssima.

O volume 3 tratará sobre o Pré-Modernismo, Modernismo, a Literatura Brasileira Contemporânea e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literatura Negro-Brasileira. Os gêneros literários que são apresentados, na íntegra ou parcial, são romances, contos, minicontos, crônicas e poemas. As três escritoras brasileiras visibilizadas aparecem a partir do Modernismo Brasileiro. A escritora **Rachel de Queiroz** é apresentada como representante da prosa modernista da década de 30, juntamente com Graciliano Ramos, entretanto não possui nenhum texto literário para estudo. Já a escritora **Cecília Meireles** destaca-se como poeta da geração de 30, ao lado de Vinícius de Moraes, e possui dois poemas para estudo literário - “Motivo” e “Canção”. A escritora **Clarice Lispector** é representante da prosa da geração de 45, junto com João Guimarães Rosa, e seu conto “Amor” é o texto literário para estudo. Ao tratar da literatura de resistência e da poesia marginal, a escritora **Hilda Hilst** é apenas citada. No box “Fique conectado!” há a indicação de obras que tratam do Modernismo escrita por mulheres - “A semana de Arte Moderna”, de **Neide Rezende**; 22 por 22, de **Maria Eugênia Boaventura**; Artes plásticas na Semana de 22, de **Aracy Amaral**; Tarsila por

Tarsila, de **Tarsila do Amaral** -, “Romanceiro da Inconfidência”, de **Cecília Meireles** e “A hora da estrela”, de **Clarice Lispector**.

Além dos escritores brasileiros supracitados presentes no volume 3, ainda ganham visibilidade:

Adão Ventura

Agostinho Neto

Augusto de Campos

Carlos Herculano Lopes

Carlos Drummond de Andrade

Castro Alves

Cuti

Dalton Trevisan

Érico Veríssimo

Fernando Bonassi

Ferreira Gullar

João Cabral de Melo Neto

Jorge Amado

José Lins do Rego

Lima Barreto

Manuel Bandeira

Márcio Barbosa

Mário de Andrade

Millôr Fernandes

Milton Hatoum

Noé Ribeiro

Oswald de Andrade

Sérgio Sant’anna

Ainda são citados os seguintes escritores brasileiros negros na seção “A literatura negro-brasileira”, do capítulo 3, da unidade 4:

Abdias Nascimento

Abelardo Rodrigues

Carlos Assumpção

Eduardo de Oliveira

Oliveira Silveira

Oswaldo de Camargo

Paulo Colina

Solano Trindade

Entre os escritores estrangeiros figuram:

Edgar Allan Poe

Fernando Pessoa

Jean Lorrain

José Saramago

José Craveirinha

Mia Couto

Ondjaki

Viriato da Cruz

A literatura brasileira produzida nos séculos XX e XXI, de acordo com a obra didática, não faz referência a nenhuma escritora negra, apenas às pouquíssimas escritoras brancas citadas. Se comparadas ao número de escritores presentes, nota-se mais uma vez o espaço privilegiado que eles ocupam. Aqui a literatura escrita por mulheres, quando possui espaço, é representada pelas pouquíssimas escritoras brancas e quando se trata da literatura escrita por afro-brasileiros/as, remete apenas aos escritores negros. Aqui, a produção literária de mulheres negras não existe.

5.2.2 - Editora Moderna - Coleção *Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*



Capas dos três volumes que compõem a coleção *Se liga na língua: Literatura, Produção de texto, Linguagem* (Ormundo, Siniscalchi, 2016)

A editora Moderna apresentou duas coleções no PNL D 2018 - *Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem* e *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*. Em termos

de tiragem e vendas, na classificação geral das editoras, a coleção *Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem* ficou em segundo lugar e a coleção “Português: Contexto, Interlocução e Sentido” classificou-se em quinto lugar. Desse modo, a coleção a ser analisada será a que obteve o maior número de vendas, *Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*. O que ainda torna relevante a escolha dessa coleção é que os mesmos autores escreveram a coleção do PNLD em 2021.

A coleção *Se Liga: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da editora Moderna, vendeu 1.175.583 unidades da coleção para alunos/as, obtendo um faturamento de R\$12.427.796,90, e 16.884 unidades da coleção para professores/as, arrecadando R\$215.374,64, totalizando o valor total de R\$12.643.171,50.

COLEÇÃO “SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO, LINGUAGEM				
ANO/SÉRIE	LIVRO DO/A ALUNO/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR ALUNO/A (R\$)	LIVRO DO/A PROFESSOR/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR PROFESSOR/A (R\$)
1º	472.354	R\$4.931.375,76	6.478	R\$80.845,44
2º	369.468	R\$3.938.528,88	5.364	R\$68.176,44
3º	333.761	R\$3.557.892,26	5.042	R\$66.352,76
TOTAL	1.175.583	R\$12.427.796,90	16.884	R\$215.374,64

Os volumes são divididos em três seções (Literatura, Produção de texto, Linguagem). As seções apresentam subdivisões comuns (Abertura da parte; Abertura da unidade; Abertura do capítulo, Pra começar) e específicas. No caso de Literatura, as subdivisões específicas são: Pra começar: conversa com a tradição (aparece sempre no primeiro capítulo de cada unidade e propõe uma conexão entre elementos dos movimentos literários com elementos da contemporaneidade); Estudo do movimento literário; Naquele tempo...; Atividade: leitura de texto; Atividade: textos em conversa; Expressões; Leitura puxa leitura (objetiva ampliar a biblioteca cultural dos/as alunos/as e extrapolar o cânone, entre outros). No volume 1, a seção de Literatura apresenta quatro unidades e nove capítulos. O volume 2, cinco unidades e sete capítulos. Já o volume 3, cinco unidades e oito capítulos.

É interessante a forma como o autor e a autora apresentam a coleção para os/as estudantes por meio das várias facetas da palavra. A palavra, que quando convertida em arte, transporta para outros mundos e que permite uma identificação com personagens de histórias

que se lê. A palavra que organiza os sentimentos e o que se é. A palavra que dá direito ao grito. Assim, eles ensinam que o livro didático não seja apenas um material de consulta, mas que dê voz aos/às estudantes.

[...] Acreditamos que é a palavra que nos possibilita inventar e reinventar o mundo; é ela que, quando transformada em arte, nos convida a outros universos e permite nosso acesso ao mais secreto e íntimo de nós mesmos por meio de outros “seres humanos”, os personagens das histórias que lemos; é a palavra que nos dá direito ao grito; é ela, finalmente, que expressa e organiza tudo aquilo que sentimos e somos. Esperamos que [...] seu mergulho nos muitos textos literários apresentados aqui constituam momentos de prazer e de - quem sabe - embate. Este livro pretende dar voz e não apenas ser um mero instrumento de consulta. (Ormundo, Siniscalchi, 2016, p. 3)

O volume 1 aborda conceitos relacionados ao texto literário; além de tratar dos primeiros movimentos literários no Brasil, que vai do Quinhentismo até o Arcadismo - apresenta 43 textos literários, em sua maioria fragmentos. Os gêneros literários presentes neste volume são poemas, conto, miniconto, cartas, sermões, teatro, tratado. Em relação aos/às autores/as dos textos literários, o gênero masculino predomina em relação ao feminino. Apenas dois textos pertencem ao gênero feminino, nenhuma escritora negra.

Ao tratar da historiografia literária, os autores já alertam que os/as escritores/as presentes ao longo da coleção são representantes do cânone literário e que, por vezes, essa classificação exclui e comete injustiças com grandes artistas e deixa para os/as estudantes pesquisarem esses/as escritoras marginalizados pelo cânone. Subentende-se aqui que essa pesquisa seria feita de forma autônoma por parte dos/as estudantes, sem nenhum direcionamento.

Nesta coleção, trabalharemos com a historiografia literária, isto é, com os movimentos literários inseridos em seus contextos históricos. Apresentaremos uma seleção de fatos sociais e culturais importantes em cada época, as características dos movimentos literários, autores, obras textos para análise, etc. Em cada uma das escolas literárias serão destacados apenas alguns escritores e obras considerados canônicos (essa classificação, apesar de válida em alguns contextos, pode cometer injustiças. Grandes artistas já foram (e têm sido) excluídos dos cânone literário), isto é, representativos de uma época, embora você possa pesquisar outros autores que não alcançaram tanto êxito crítico e editorial em cada período estudado. (Ormundo, Siniscalchi, 2016, p. 22)

Nesse volume ainda há uma síntese dos movimentos literários brasileiros, em que se constata presença de poucas escritoras brasileiras - dentre elas, nenhuma negra - apenas a partir do Modernismo:

Alice Ruiz

Ana Cristina Cesar

Cecília Meireles

Clarice Lispector

Lygia Fagundes Telles

Marina Colasanti

Martha Medeiros

Nélida Piño

Patrícia Melo

Rachel de Queiroz

Nesse grupo restrito de escritoras brasileiras, a maioria sequer tem suas obras para o estudo literário na coleção. A seção “Leitura puxa leitura”, que está presente no final das unidades, indica apenas duas escritoras - **Ana Miranda** (Boca do Inferno) e **Cecília Meireles** (Romanceiro da Inconfidência).

Apenas a escritora brasileira **Heloísa Seixas** possui um miniconto, “No metrô vazio”, de sua autoria como parte de uma atividade, “Pensando sobre o texto”. As escritoras **Ana Miranda** e **Cecília Meireles** são apenas citadas como indicação de leitura. Já a Sórora Mariana Alcoforado, que era portuguesa, possui uma carta, “Quinta carta”, também como parte de uma atividade, Leitura de texto.

Os 41 textos literários pertencem a escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros presentes nesse volume são:

Affonso Romano de Sant’anna

Antônio Cícero

Bruno Zeni

Carlos Drummond de Andrade

Ferreira Gullar

Francisco da Silveira

Gregório de Matos

Joaquim Manuel de Macedo

José Paulo Paes

Mário Quintana

Nicolas Behr

Sérgio Cohn

Waly Salomão

Os escritores estrangeiros são:

D. Dinis

D. Francisco Manuel de Melo

Fernando Pessoa

Gil Vicente

Homero

Luís Vaz de Camões

Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Matsuo Bashô

Padre Antônio Vieira

Pero de Magalhães Gandavo

Pero Vaz de Caminha

Sancho I

O volume 2 - trata dos movimentos literários como Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo - apresenta 36 textos literários, principalmente fragmentos, de poemas, romances, contos e novela. Ao todo são 27 escritores (brasileiros e estrangeiros) e apenas 01 escritora brasileira. A única escritora brasileira que possui um texto literário no volume 2 é a **Beatriz Bracher**, com o conto “Ficção”, na seção “Pra começar: conversa com a tradição”. Na seção “Leitura puxa leitura” são indicadas as leituras das obras literárias das escritoras Mary Shelley (Frankenstein), Beatriz Bracher (Meu amor) e **Cecília Meireles** (Viagem, vaga música). Assim como constatado no volume 1 da coleção, o volume 2 apresenta, majoritariamente, textos literários escritos pelo gênero masculino em detrimento do feminino. Apenas uma escritora brasileira.

Os escritores brasileiros apresentados nesse volume são:

André Gorz

Alberto de Oliveira

Alphonsus de Guimaraens

Aluísio Azevedo

Álvares de Azevedo

Antônio Nóbrega

Castro Alves

Cruz e Sousa

Gonçalves Dias

José de Alencar

Machado de Assis

Manuel Antônio de Almeida

Olavo Bilac

Raimundo Correa

Visconde de Taunay

Wander Piroli

Os escritores estrangeiros presentes são:

Arthur Rimbaud

Camilo Castelo Branco

Camilo Pessanha

Charles Baudelaire

Eça de Queiroz

Émile Zola

Johann Wolfgang von Goethe

José Eduardo Agualusa

Mia Couto

Paul Verlaine

Tristan Tzara

O volume 3 ocupa-se do movimento literário Modernismo, o Pós-Modernismo e da literatura produzida na atualidade em países de língua portuguesa como Cabo Verde, Moçambique, Brasil e Portugal. Ao todo são 49 textos literários, distribuídos entre os gêneros poemas, romances, contos e manifesto. Sobre os/as autores/as desses textos literários, 30 são escritores, entre brasileiros e estrangeiros, e somente 04 escritoras brasileiras.

As escritoras brasileiras, neste volume, com exceção de **Ana Cristina César**, ganham um espaço maior, assim como os escritores brasileiros pertencentes ao cânone literário, com uma síntese de sua vida e obras, além de atividades propostas com seus textos. A escritora **Rachel de Queiroz**, representante da prosa da segunda fase do Modernismo, é apresentada como “uma voz feminina no regionalismo” e o fragmento do seu romance “João Miguel” é a leitura para o desenvolvimento de uma atividade na seção “Pensando sobre o texto”. A escritora **Clarice Lispector**, representante do Pós-Modernismo, é apresentada como “o não relatável” e possui três fragmentos de romances de sua autoria para o desenvolvimento de

atividades. Os fragmentos pertencem aos romances “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, “A Paixão segundo G.H.” e “A hora da estrela” e integram as atividades da seção “Pensando sobre o texto”. A escritora **Adélia Prado** aparece no último capítulo do volume, “Literatura em Língua Portuguesa: um pouco de Moçambique, Cabo Verde, Portugal e Brasil”, e é apresentada como “lirismo e simplicidade”. O poema “Impressionista”, de sua autoria, faz parte da atividade “Produção de poema”. Já a escritora **Ana Cristina César** possui o poema “Tenho uma folha branca” na seção “Pra começar”. A seção “Leitura puxa leitura” indicou as obras de Florbela Espanca, contos e romance de **Clarice Lispector** (A hora da estrela, Legião estrangeira, Laços de família), o romance de **Ana Miranda** (Clarice) e o romance de Virginia Woolf (Mrs. Dalloway).

Os escritores brasileiros presentes:

Antônio Cícero

Augusto de Campos

Augusto dos Anjos

Carlos Drummond de Andrade

Érico Veríssimo

Euclides da Cunha

Ferreira Gullar

Graciliano Ramos

João Cabral de Melo Neto

João Guimarães Rosa

Jorge Amado

José Paulo Paes

Lima Barreto

Manuel Bandeira

Marcelino Freire

Mário de Andrade

Milton Hatoum

Monteiro Lobato

Murilo Mendes

Oswald de Andrade

Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Alberto Caeiro

Álvaro de Campos

Baltazar Lopes da Silva

Fernando Pessoa

Filippo Tommaso Marinetti

José Saramago

Luís Bernardo Honwana

Ondjaki

Ricardo Reis

Os três volumes da coleção *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*, apresentaram um total de 126 escritores, entre brasileiros/as e estrangeiros/as. Desse total, apenas seis escritoras brasileiras e uma portuguesa tiveram seus textos expostos ao longo da coleção. A seção “Leitura puxa leitura” indicou sete escritoras, sendo quatro brasileiras e três estrangeiras:

Ana Miranda

Beatriz Bracher

Cecília Meireles

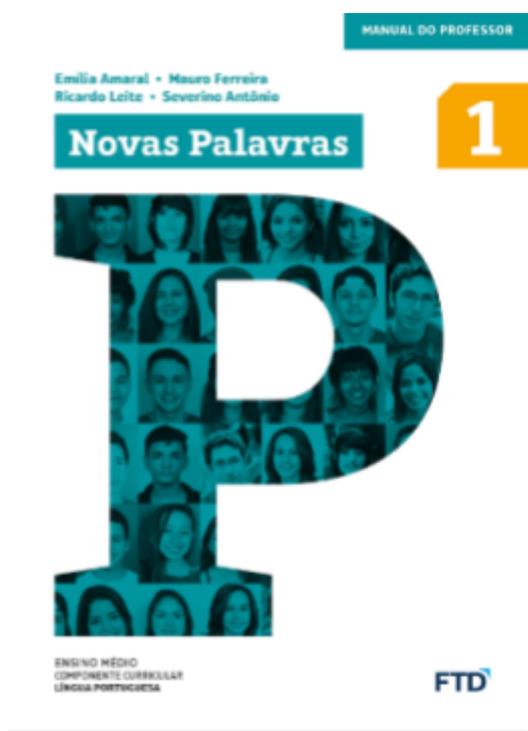
Clarice Lispector

Florbela Espanca

Mary Shelley

Virginia Woolf

Logo, a coleção da editora Moderna confirma a cristalização do cânone literário que prima pela presença majoritária de textos literários de autoria masculina, que seguem um padrão hegemônico, com exceção de escritores como Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto. Em se tratando da presença das escritoras brasileiras, ocorre apenas a partir de 1922, com o Modernismo, de forma tímida e restrita a um grupo de escritoras que possuem o mesmo padrão hegemônico dos escritores. O apagamento das escritoras brasileiras negras segue naturalizado.

5.2.3 - Editora FTD - Coleção *Novas Palavras*Capas dos três volumes que compõem a coleção *Novas Palavras* (Amaral et al., 2016)

A editora FTD, também, apresentou duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa, *Novas Palavras* e *Esferas das Linguagens*. A coleção *Novas Palavras* alcançou a terceira colocação em número de tiragem e valor arrecadado. Já a coleção *Esferas das Linguagens* classificou-se em oitavo lugar em termos de tiragem e arrecadação. Assim, a coleção a ser analisada será a “Novas Palavras”.

A coleção *Novas Palavras* - de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio - obteve uma tiragem total de 961.259 unidades, entre livros para os/as estudantes e os/as professores/as, e arrecadou o valor total de R\$10.392.416,96.

COLEÇÃO “NOVAS PALAVRAS”				
ANO/SÉRIE	LIVRO DO/A ALUNO/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR ALUNO/A (R\$)	LIVRO DO/A PROFESSOR/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR PROFESSOR/A (R\$)
1º	381.286	R\$4.106.450,22	5.353	R\$72.693,74
2º	298.034	R\$3.209.826,18	4.524	R\$61.435,92
3º	267.826	R\$2.884.486,02	4.236	R\$57.524,88
TOTAL	947.146	R\$10.200.762,42	14.113	R\$191.654,54

Os três volumes são divididos em três grandes setores: Literatura, Gramática e Leitura e Produção de Texto. De acordo com a autora e os autores, essa divisão permite ao/a professor/a uma liberdade na organização de um planejamento adequado à realidade de sua escola, alinhando os conteúdos de acordo a diversidade de seus/suas estudantes e propiciando atividades interdisciplinares. A parte de Literatura, é dividida em capítulos, e estes em seções, como “Leitura”, “Releitura”, “Em tom de conversa”, e “Leitura de imagem; e boxes como “Fique sabendo”, “Para não esquecer”, “Navegar é preciso”, “O que dizem os especialistas”, “E mais...”. Os textos literários estão presentes tanto no corpo dos assuntos a serem tratados como nas atividades propostas.

Sobre o estudo da literatura, no manual do professor, a autora e os autores entendem que o estudo da literatura a partir dos clássicos não é elitista, mas democratizante, por isso defendem o emprego de textos literários canônicos em primazia em detrimento da “literatura engajada”, citada no volume 1 da coleção, que defende posicionamentos ideológicos, sem ser panfletária. Aqui, citam produções literárias que são tendências atuais, “centradas em suas problemáticas culturais e sociais”, como a literatura feminina/feminista e a literatura negra.

Ao considerarem as literaturas feminina/feministas e negras como um fazer literário da atualidade, confirmam o apagamento das produções literárias dos séculos passados e as reduzem apenas com o propósito de denúncia social. Essa perspectiva é confirmada ao buscarem embasamento no ensaio escrito por Leyla Perrone-Moisés, que comprova a validação do estudo da literatura canônica, exemplificando a vivência do escritor Ferréz

A fim de exemplificar essa posição, Leyla Perrone-Moisés refere-se ao escritor Ferréz, do bairro Capão Redondo, região muito problemática da periferia paulistana. Recriado literariamente, o lugar transformou-se em Capão Pecado, obra reconhecida pelo público e também pela crítica. Em uma entrevista, ele relata que um romance - Madame Bovary, de Gustave Flaubert - foi o responsável pela mudança radical que houve em sua vida, possibilitando, até mesmo, que conseguisse “contaminar toda a comunidade”. (Amaral, Ferreira, Leite, Antônio, 2016, v. 1, p. 357)

Essa lógica de priorizar o estudo da literatura a partir das obras de escritores canônicos é explicitada também na apresentação da parte da Literatura aos/às alunos/as. Ao estudarem os textos de autores que se destacam nas escolas literárias, os/as estudantes terão amplificados seus horizontes, bem como aprofundados as formas de verem o mundo e de se verem.

[...] Em Literatura, nosso estudo estará sempre associado às artes plásticas e privilegia os gêneros literários fundamentais: poesia lírica e épica, crônica, conto, romance, teatro, etc. Vamos comparar a produção de autores clássicos com a de escritores e poetas contemporâneos, sobretudo quando tratamos das grandes escolas literárias, cujos autores e textos alimentam nosso imaginário, ampliam nossos horizontes e aprofundam nossas formas de ver o mundo e a nós mesmos. (Amaral, Patrocínio, Leite e Barbosa, 2016, p. 3)

Assim, o que deve ser observado, ao longo desta coleção, são obras literárias, na íntegra ou fragmentadas, de escritores, quem sabe escritoras, do cânone literário, como referência democrática do acesso à literatura pelos/as estudantes que terão seus horizontes ampliados uma vez que a literatura engajada, produzida por outros grupos sociais, considerada, aqui, o outro extremo da literatura tradicional, possa ser apenas um reflexo de seu contexto social e de sua identidade.

O volume 1 apresenta oito capítulos, que tratam dos seguintes assuntos: “Literatura: a arte da palavra”; “Literatura e realidade: representação e invenção”; “O texto literário”; “Os gêneros literários”; “A poesia lírica”; “A crônica”, “O conto”; “O teatro”. Ao todo são 63 textos literários, distribuídos entre poemas, contos, crônicas, teatro e romance. Desses, apenas 6 são de autoria de escritoras brasileiras - “Latifúndio”, de **Renata Pallottini**; “Com licença

poética”, de **Adélia Prado**; “Cântico VI”, de **Cecília Meireles**; “Felicidade Clandestina”, de **Clarice Lispector**; um conto do livro “A estrutura da bolha de sabão”, de **Lygia Fagundes Telles**; uma crônica do livro “Pensar é transgredir”, de **Lya Luft**. Na seção “Amplie seus conhecimentos” foi feita a indicação da obra “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo”, de **Ana Maria Machado**. Os outros 57 textos literários são de autoria de escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros presentes neste volume são:

Álvares de Azevedo

Antonio Carlos Secchin

Ariano Suassuna

Arnaldo Antunes

Carlos Drummond de Andrade

Casimiro de Abreu

Cassiano Ricardo

Dalton Trevisan

Edgard Telles Ribeiro

Érico Veríssimo

Ferreira Gullar

Gregório de Matos

João Cabral de Melo Neto

José Paulo Paes

João Guimarães Rosa

Lêdo Ivo

Luís Fernando Veríssimo

Machado de Assis

Marcos Rey

Mário de Andrade

Mário Quintana

Martins Pena

Monteiro Lobato

Murilo Rubião

Olavo Bilac

Paulo Mendes Campos

Rubem Braga

Sérgio Faraco

Tite de Lemos

Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Fernando Pessoa

João Ruiz de Castelo Branco

Gil Vicente

José Saramago

Luís Vaz de Camões

Martim Codax

Padre Antônio Vieira

O volume 2 apresenta sete capítulos sobre os seguintes assuntos: “As grandes escolas literárias”; “Camões e o Renascimento”; “Literatura colonial brasileira”; “A poesia romântica”; “O romance romântico”; “O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo”; “O Realismo psicológico de Machado de Assis”. Este volume apresenta um total de 92 textos literários, sendo que alguns fragmentos referem-se a uma mesma obra, como foi o caso de “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões; “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Quincas Borba”, de Machado de Assis; “O cortiço”, de Aluísio Azevedo; “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga, entre outros. Além desses escritores, também possuem textos literários:

Álvares de Azevedo

Cacaso

Carlos Drummond de Andrade

Casimiro de Abreu

Castro Alves

Cláudio Manuel da Costa

Cruz e Sousa

Felipe Fortuna

Gonçalves Dias

Fernando Paixão

Gregório de Matos

Joaquim Manuel de Macedo

José de Alencar

José Paulo Paes

Juó Bananére

Manuel Antônio de Almeida

Mário de Andrade

Monteiro Lobato

Murilo Mendes

Olavo Bilac

Oswald de Andrade

Raul Pompeia

Entre os estrangeiros, há textos dos escritores:

Almeida Garrett

Antero de Quental

Bernardim Ribeiro

Bocage

Eça de Queiroz

Francisco de Sá Miranda

Francisco de Souza

Gil Vicente

João Ruiz de Castelo-Branco

José Saramago

Mário de Sá-Carneiro

Mindinho

Padre Antônio Vieira

Pero Vaz de Caminha

Victor Hugo

Apenas duas escritoras brasileiras possuem trechos de textos literários ao longo deste volume. A escritora **Ana Miranda**, com um trecho do romance “Boca do Inferno”, e a escritora **Cecília Meireles**, com um trecho de seu poema “Canção”. Na seção “Amplie seus conhecimentos”, são citadas as obras de **Adriana Calcanhotto**, “Antologia ilustrada da poesia brasileira: para crianças de qualquer idade” e duas obras de **Ana Miranda**, “Boca do Inferno” e “Desmundo”. Nenhuma escritora brasileira negra.

O volume 3 apresenta nove capítulos, que abordam os seguintes temas: “O Simbolismo e o Pré-Modernismo”; “As vanguardas artísticas europeias e a Semana da Arte

Moderna”; “A primeira geração modernista”; “A segunda geração modernista: poesia”; “A segunda geração modernista: prosa”; “A terceira geração modernista brasileira”; “A poesia de Fernando Pessoa”; “Tendências contemporâneas das literaturas africanas de expressão portuguesa”; “Tendências contemporâneas da literatura brasileira”. Este volume apresenta 94 textos literários, sendo apenas três referentes às escritoras, duas brasileiras e uma angolana.

As escritoras brasileiras são **Cecília Meireles**, com o fragmento do poema “Reinvenção”, e **Clarice Lispector**, com dois fragmentos do romance “A hora da estrela”. A escritora angolana Paulina Chiziane é apresentada a partir de seu artigo “Eu, mulher... por uma nova visão de mundo”. A seção “Amplie seus conhecimentos” indica dois ensaios de escritoras brasileiras, “A literatura exigente: os livros que não dão moleza ao leitor”, de **Leyla Perrone-Moisés**, e “Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind”, de **Flora Süssekind**.

Na literatura contemporânea as escritoras brasileiras citadas são:

Adélia Prado

Ana Cristina César

Ana Miranda

Astrid Cabral

Cíntia Moscovich

Cláudia Roquette-Pinto

Denise Emmer

Dora Ferreira da Silva

Hilda Hilst

Josely Vianna Baptista

Lélia Coelho Frota

Lu Menezes

Lygia Fagundes Telles

Marina Colasanti

Orides Fontela

Patrícia Melo

Zulmira Ribeiro Tavares

Os escritores brasileiros que apresentam textos literários neste volume são:

Affonso Ávila

Ariano Suassuna

Augusto dos Anjos

Cassiano Ricardo

Cacaso

Carlos Drummond de Andrade

Cruz e Sousa

Dalton Trevisan

Donizete Galvão

Euclides da Cunha

Fernando Bonassi

Ferreira Gullar

Geraldo Alencar

Graciliano Ramos

Haroldo de Campos

João do Rio

João Cabral de Melo Neto

João Guimarães Rosa

Jorge Amado

Jorge de Lima

José de Alencar

José Lins do Rego

Lima Barreto

Marcelino Freire

Mário de Andrade

Manoel de Barros

Manuel Bandeira

Monteiro Lobato

Murilo Mendes

Nelson Ascher

Nelson de Oliveira

Oswald de Andrade

Paulo Leminski

Samir Yazbek

Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Alberto Caeiro

Álvaro de Campos

André Breton

Eugênio de Castro

Fernando Pessoa

Filippo Tommaso Marinetti

José Eduardo Agualusa

José Luandino Vieira

Luís Vaz de Camões

Mia Couto

Ondjaki

Oswaldo Alcântara

Pepetela

Pero Vaz de Caminha

Ricardo Reis

Tomás Antônio Gonzaga

Tristan Tzara

Além desses escritores, na literatura contemporânea, são citados:

Age de Carvalho

Adriano Espínola

Affonso Ávila

Affonso Romano de Sant'anna

Alberto da Costa e Silva

Antônio Cícero

Antonio Fernando de Franceschi

Armando Freitas Filho

Arnaldo Antunes

Augusto Boal

Augusto de Campos

Augusto Massi

Bruno Tolentino

Camargo Meyer

Carlito Azevedo
Chacal
Chico Buarque de Holanda
Décio Pignatari
Dias Gomes
Donizete Galvão
Duca Machado
Fabio Weintraub
Fernando Paixão
Fernando Py
Ferreira Gullar
Francisco Alvim
Frederico Barbosa
Fritz Teixeira de Salles
Glauco Mattoso
Haroldo de Campos
Heitor Ferraz
Hermilo Borba Filho
Horácio Costa
Ivan Junqueira
João de Jesus Paes Loureiro
Jorge Andrade
José Lino Grünewald
José Paulo Paes
Júlio Castañon
Mário Chamie
Mário Gama
Mário Faustino
Moacir Amâncio
Nelson Ascher
Nelson Rodrigues
Pedro Xisto
Rui Mourão

Régis Bonvicino

Reynaldo Jardim

Roberto Pontes

Sebastião Uchoa Leite

Tite de Lemos

Walmir Ayala

Waly Salomão

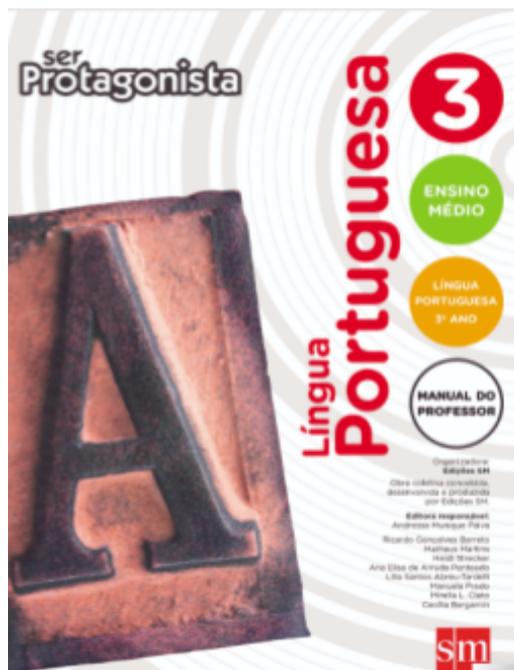
Weydson Barros Leal

Wladimir Dias-Pino

A coleção *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, assim como as coleções já apresentadas, normaliza o estudo da literatura por meio, quase que exclusivamente, de textos literários produzidos por escritores, sejam eles brasileiros ou estrangeiros, permitindo um espaço exíguo às escritoras brasileiras e estrangeiras. Aqui, a presença de uma escritora negra, dá-se somente pela moçambicana Paulina Chiziane.

5.2.4 - Editora SM - Coleção *Ser Protagonista*





Capas dos três volumes que compõem a coleção *Ser Protagonista* (Barreto et al., 2016)

A editora SM apresentou a coleção *Ser Protagonista*, sendo a sexta mais vendida no PNLD 2018 - e a quarta, no critério desta pesquisa. A tiragem total foi de 423.267 unidades e o valor total arrecadado foi de R\$4.520.410,46.

COLEÇÃO “SER PROTAGONISTA”				
ANO/SÉRIE	LIVRO DO/A ALUNO/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR ALUNO/A (R\$)	LIVRO DO/A PROFESSOR/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR PROFESSOR/A (R\$)
1º	165.867	R\$1.764.824,88	2.301	R\$30.879,42
2º	131.618	R\$1.400.415,52	1.933	R\$25.940,86
3º	119.721	R\$1.273.831,44	1.827	R\$24.518,34
TOTAL	417.206	R\$4.439.071,84	6.601	R\$81.338,62

A coleção *Ser Protagonista* é uma obra coletiva. A equipe editorial é formada por Andressa Munique Paiva (a editora responsável), Ricardo Gonçalves Barreto, Marianka Gonçalves-Santa Bárbara e Cecília Bergamin.

A coleção organiza-se a partir de quatro pilares a serem desenvolvidos pelos/as estudantes. O primeiro, Contextualização e Interdisciplinaridade, apresenta conceitos de áreas de conhecimento que estabelecem relação com os assuntos estudados. O segundo,

Compromisso, relaciona o conteúdo trabalhado a aspectos ligados à vida em sociedade. O terceiro, Visão crítica, promove uma visão crítica do/a estudante a partir da articulação dos períodos literários e o mundo contemporâneo. O quarto, Iniciativa, incentiva a proatividade dos/as estudantes e o trabalho em grupo para que possam aproximar a vida escolar à realidade.

Cada volume divide-se em três partes - Literatura, Linguagem e Produção - que são independentes, porém possuem estratégias de articulação entre seus temas e conceitos. As unidades e capítulos de cada parte possuem uma sequência linear. A parte de Literatura possui algumas seções - “Sua leitura”, “Ferramenta de leitura” e “Entre textos” e alguns boxes - “Margens do texto”, “O que você pensa disso?” - específicos. Os boxes “Repertório”, “Ação e cidadania”, “Diversidade”, “Saiba mais”, “Lembre-se”, “Hipertexto”, “Ouça”, “Navegue”, “Leia” e “Assista” são comuns nas três partes.

De acordo com a equipe editorial, a coleção possui como propósito estimular os/as estudantes a conhecerem e interagirem com as manifestações artísticas. Para isso, optaram por textos representativos do cânone literário. Além disso, a equipe editorial ressalta o respeito à lei 10.639/2003, sobre a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana em um capítulo do volume 1, “Literaturas de um continente em movimento”. No entanto, é interessante ressaltar que o número da lei impresso nos volumes é 10.693/2003, que trata da criação no quadro de pessoal do Ministério da Justiça a carreira de Agente Penitenciário Federal e que há uma lei posterior, a 11.645/2008, que inclui o estudo da história e cultura indígena na educação básica. O respeito à lei 10.639/2003 é feito de forma relapsa, bem como desconsideram totalmente a lei posterior 11.645/2003, fatos esses observados nas coleções analisadas até então.

O volume 1 apresenta cinco unidades, que apresentam oito capítulos. A unidade 1, “Ao encontro da literatura” engloba os capítulos 1 e 2, “Por que ler literatura?” e “A criação literária”. A unidade 2, “A linguagem literária”, os capítulos 3 e 4, “Aspectos da linguagem literária” e “Gêneros literários”. A unidade 3, “A literatura e o leitor”, o capítulo 5, “Literatura e interação”. A unidade 4, “A literatura e o mundo contemporâneo”, os capítulos 6 e 7, “Literatura e outras linguagens artísticas”, “Vertentes da literatura contemporânea”. A unidade 5, “Panorama da literaturas africanas em língua portuguesa”, capítulo 8, “Literaturas de um continente em movimento”. Ao todo são 117 textos literários, fragmentados ou integrais, distribuídos entre poemas, romances, contos e crônicas, que aparecem para explicar os assuntos tratados ou em atividades.

Apenas 13 textos literários referem-se a escritoras, sendo sete brasileiras e três estrangeiras. A escritora **Clarice Lispector** possui três fragmentos de obras suas: o romance “A hora da estrela”, a crônica ”Mineirinho” e o conto “Amor”. A escritora **Alice Ruiz** possui o poema “tua voz”. A escritora **Ana Cristina César** com o poema “sexta-feira da paixão”. A escritora **Lygia Fagundes Telles** com o conto “A caçada”. A escritora **Ana Martins Marques** com o poema “Ícaro”. A escritora **Angélica Freitas** com o poema “rilke shake”. A escritora **Betty Mindlin** possui uma narrativa indígena “A humanidade desce à terra”, não de sua autoria, mas coletada junto com outras oito de povos indígenas para seu livro “O primeiro homem e outros mitos dos índios brasileiros”. A dramaturga **Grace Passô** possui o trecho inicial da peça teatral “Por Elise”, a única escritora brasileira negra citada nesta obra didática. A escritora angolana Paula Tavares possui o poema “November without water”. A escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner possui alguns versos do poema “Habitação”. A escritora inglesa Agatha Christie possui trecho de seu romance “E não sobrou nenhum”.

A grande maioria dos textos literários que são apresentados neste volume pertencem a escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros são:

Alphonsus de Guimaraens

Antônio Prata

Ariano Suassuna

Augusto de Campos

Bernardo Carvalho

Carlos Drummond de Andrade

Dalton Trevisan

Eucanaã Ferraz

Fabiano Calixto

Fabício Corsaletti

Fernando Bonassi

Ferreira Gullar

Ferréz

Gonçalves Dias

João Cabral de Melo Neto

Joaquim Cardozo

Jorge Amado

João Anzanello Carrascoza

João Guimarães Rosa
Jorge Amado
Jorge Barbosa
José Paulo Paes
Julián Fuks
Luiz Ruffato
Machado de Assis
Manuel Lopes
Marçal Aquino
Márcio Marciano
Mário de Andrade
Martins Pena
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Olavo Bilac
Oswald de Andrade
Paulo Henriques Britto
Paulo Leminski
Paulo Roberto Cecchetti
Rubem Braga
Sérgio de Carvalho
Sérgio Sant'anna
Teixeira Coelho
Vinícius de Moraes
Xico Sá

Os escritores estrangeiros são:

Agostinho Neto
Aguinaldo Fonseca
Albino Magaia
Alexandre Dáskalos
Álvaro de Campos
Antero de Quental
Antônio Cardoso

Bertolt Brecht
Charles Baudelaire
Émile Zola
Eugênio Tavares
Fernando Pessoa
Henry Fielding
Homero
Honoré de Balzac
Isaac Asimov
Ítalo Calvino
Jorge Luís Borges
José Craveirinha
José Eduardo Agualusa
José Luandino Vieira
Luís Vaz de Camões
Manuel Lopes
Manuel Rui,
Mário Fonseca
Mia Couto
Miguel de Cervantes
Pedro Cardoso
Pepetela
Ricardo Piglia
Rui Knopfli
Sófocles
William Shakespeare

O volume 2 apresenta três unidades, divididas em dez capítulos. A unidade 1, “A literatura entre os séculos XII e XVIII”, compreende os capítulos 1 e 2 - “Da Idade Média aos prenúncios do Renascimento” e “O espírito clássico e Barroco”. A unidade 2, “A literatura do século XIX: o Romantismo”, os capítulos 3 a 7 - “A origem do Romantismo”, “O Romantismo em Portugal”, “O Romantismo no Brasil: aspectos gerais”, “O Romantismo no Brasil: poesia”, “O Romantismo no Brasil: prosa”. A unidade 3, “A literatura do século XIX: o Realismo”, os capítulos de 8 a 9 - “O Realismo”, “O Realismo no Brasil” e “O

Naturalismo”. Ao todo são 109 textos literários, na íntegra ou trechos, distribuídos entre poemas, romances, contos, crônicas, e peças teatrais e todos referentes a escritores brasileiros ou estrangeiros, 37 ao todo. Vários trechos foram retirados de uma mesma obra literária. O texto “Tristão e Isolda” possui autor desconhecido. Nenhum texto literário referente a escritoras brasileiras ou estrangeiras.

Os escritores brasileiros presentes são:

Aluísio Azevedo

Álvares de Azevedo

Basílio da Gama

Cacaso

Castro Alves

Cláudio Manuel da Costa

Gonçalves Dias

Gregório de Matos

João Ubaldo Ribeiro

Joaquim Manuel de Macedo

José de Alencar

Luiz Ruffato

Machado de Assis

Manoel de Barros

Manuel Antônio de Almeida

Oswald de Andrade

Raul Pompeia

Rubens Figueiredo

Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Alexandre Dumas

Almeida Garrett

Camilo Castelo Branco

Choderlos de Laclos

Dom Dinis

Dom Joan Garcia de Guilhade

Eça de Queiroz

Fernando Pessoa

Gil Vicente

Gustave Bovary

J. Wolfgang von Goethe

Júlio Dinis

Luís Vaz de Camões

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Padre Antônio Vieira

Sá de Miranda

Tomás Antônio Gonzaga

Virgílio

O volume 3 apresenta 5 unidades e 17 capítulos. A unidade 1, “*Belle Époque* e Pré-Modernismo: duas face do Brasil”, abarca os capítulos 1, “*Belle Époque* tropical”, e 2, “O Pré-Modernismo - retratos do Brasil”. A unidade 2, “Manifestações do moderno”, os capítulos 3, “As vanguardas europeias - diálogos do moderno”, e 4, “O Modernismo em Portugal - novidades artísticas e ecos do passado”. A unidade 3, “O Modernismo no Brasil: primeira fase”, os capítulos 5, “A primeira fase do Modernismo - autonomia artística”, e 6, “Mário, Oswald e Bandeira: ousadia literária”. A unidade 4, “O Modernismo no Brasil: segunda fase”, os capítulos de 7 a 12 - “A segunda fase do Modernismo - urgências sociais”; “O Nordeste revisitado”; “O ciclo do Sul”; “Carlos Drummond de Andrade: o eu e o mundo”; “Murilo Mendes e Jorge de Lima: novidades da poesia religiosa”; “Cecília e Vinícius: reflexões sobre a experiência humana”. A unidade 5, “A geração de 1945 e desdobramentos”, os capítulos de 13 a 17 - “A terceira fase do Modernismo - o apuro da forma”; “João Guimarães Rosa: o universal nascido do regional”; “Clarice Lispector: a iluminação do cotidiano”; “João Cabral de Melo Neto: a arquitetura da linguagem”; “A literatura brasileira entre os anos 50 e 70”. Este volume apresenta 133 textos literários, distribuídos em poemas, romances, contos, novelas e autos, sendo fragmentos e integrais. Alguns desses fragmentos referem-se à mesma obra.

Desses textos literários, 12 referem-se a 8 escritoras brasileiras. A escritora **Cecília Meireles** possui o poema “Marcha” em uma atividade da seção “Sua leitura”. O poema “Ainda estou em luta e sonho”, de **Mariana Ianelli** é apresentado na seção “Entre textos”. Um trecho do romance “O quinze”, de **Rachel de Queiroz**, compõe uma questão da seção “Vestibular e Enem”. A escritora **Lygia Fagundes Telles** possui um trecho do romance “As

meninas” na seção “Novos caminhos literários”, do capítulo 17, “A literatura brasileira entre os anos 50 e 70”. As escritoras **Hilda Hilst**, com o poema “Da morte”, e **Ana Cristina César**, com o poema “Queria falar da morte”, têm seus poemas como parte da seção “Sua leitura”. A escritora **Clarice Lispector** é a que mais apresenta textos literários, seis ao todo. Os trechos do romance “Água viva” e dos contos “O búfalo” e “Os laços de família” integram o corpo do texto que apresenta a escritora. Dois trechos do conto “Amor” da autora integram as seções “Sua leitura” e “Ferramenta de leitura”. Já um trecho do romance “A hora da estrela” compõe uma questão da seção “Vestibular e Enem”. Sem menção a nenhuma escritora brasileira negra.

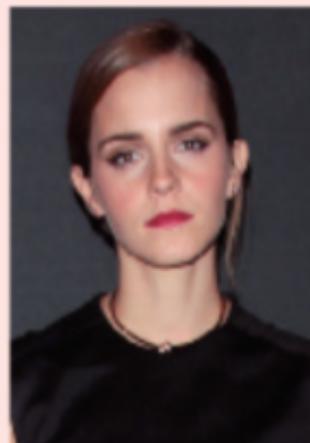
A seção “O que você pensa disto?” traz dois questionamentos sobre a produção literária de escritoras. O primeiro é sobre a recepção de obras de escritoras na atualidade e o segundo é a respeito de como as mulheres são representadas na literatura, no cinema e na televisão. Esses questionamentos seriam pequenos lampejos para o levantamento de hipóteses sobre o silenciamento não só de escritoras da atualidade, mas também dos séculos anteriores e, principalmente, das escritoras brasileiras negras.

O QUE VOCÊ PENSA DISTO?

Embora Clarice Lispector rejeitasse o rótulo de feminista e a ideia de que produzia uma literatura engajada à causa feminista, sua obra contribuiu com o movimento de emancipação da mulher. O simples fato de atribuir profundidade psicológica às personagens femininas causou espanto no público masculino conservador.

1. Na atualidade, as escritoras também sofrem preconceitos na recepção de suas obras? Por quê?
2. Em sua opinião, como as mulheres são representadas na literatura, no cinema e na televisão?

A atriz Emma Watson divulga a campanha Eles por Elas, da ONU Mulheres, para conscientização sobre a importância da igualdade de gênero. Foto de 2015.



Fonte: (Barreto [et al.], v. 3, p.131)

A coleção *Ser Protagonista*, assim como as anteriores, priorizou a literatura canônica produzida prioritariamente por escritores brasileiros e estrangeiros. No que tange às escritoras, brasileiras e estrangeiras, o espaço permaneceu exíguo, priorizando escritoras

pertencentes ao cânone literário brasileiro como **Clarice Lispector**, **Cecília Meireles**, **Rachel de Queiroz** e **Lygia Fagundes Telles**. A única escritora brasileira negra presente na coleção é **Grace Passô**, com sua obra “Por Elise”, texto teatral.

5.2.5 - Editora Ática - Coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*



Capas dos três volumes que compõem a coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação* (Faraco, Moura e Maruxo Jr., 2016)

A coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação* - de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior - ocupou o 7º lugar em tiragem e valor total arrecadado na classificação geral no PNLD 2018 e o 5º lugar na classificação desta pesquisa, considerando as editoras presentes nos dois PNLDs 2018 e 2021. Em termos de tiragem total, foram contabilizadas 440.793 unidades de livros didáticos para estudantes e para professores/as, sendo o valor total arrecadado de R\$4.411.445,32.

COLEÇÃO “LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO”				
ANO/SÉRIE	LIVRO DO/A ALUNO/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR ALUNO/A (R\$)	LIVRO DO/A PROFESSOR/A	VALOR TOTAL ARRECADADO POR PROFESSOR/A (R\$)
1º	173.520	R\$1.698.760,80	2.522	R\$29.734,38
2º	137.219	R\$1.343.374,01	2.132	R\$25.136,28
3º	123.405	R\$1.289.582,25	1.995	R\$24.857,60
TOTAL	434.144	R\$4.331.717,06	6.649	R\$79.728,26

De acordo com os autores o principal objetivo do estudo da literatura na coleção é desenvolver a capacidade dos/as estudantes de apreciar esteticamente obras de diferentes autores, de tal maneira que possam desenvolver o gosto pela leitura dos textos literários. A seleção de autores e obras literárias baseou-se em alguns critérios, como autores e obras variados da literatura brasileira; a inclusão das literaturas portuguesa (e de outros países que falam língua portuguesa), bem como a francesa e a inglesa que também influenciaram na constituição da literatura brasileira; além dos textos literários serem trabalhados em outras seções.

Logo no início da “Apresentação” dos volumes aos/às estudantes, os autores salientam que o estudo da literatura se dará de forma mais intensa, por meio de textos literários de escritores brasileiros e portugueses relevantes, como também poderão relacionar esses textos literários às suas próprias vivências. No percurso de aprendizagem a ser desenvolvido pelos/as estudantes em cinco etapas, há uma diretamente relacionada à leitura de obras literárias, que as relaciona aos gêneros textuais estudados e o aprofundamento ao trazer informações sobre seus autores e o contexto de produção, a fim de que desenvolvam o prazer pela leitura de textos literários.

Cada volume da coleção é estruturado em quatro unidades, que apresentam as seções “Para começo de conversa”, “Agora é com você” “E a conversa chega ao fim”, “O trabalho da unidade e a autoavaliação”, os nove capítulos. O capítulo inicial, que não é numerado, discorre sobre conceitos e atividades que poderão ser desenvolvidos ao longo do ano letivo. Já os outros oito capítulos, são divididos dois por cada unidade. Esses capítulos apresentam as seguintes outras seções: “Texto”; “Para entender o texto”, “As palavras no contexto”; “Linguagem e texto”; “Diálogo com a literatura”; “Língua - análise e reflexão”; “Práticas de linguagem”. No final do volume há a seção “Questões do ENEM”. Nesta coleção, embora haja uma seção específica para o estudo da literatura, os textos literários são utilizados ao longo de todas as seções.

O volume 1 apresenta o capítulo inicial “Linguagens, Textos e Literatura”. A unidade 1 abarca os capítulos 1 e 2 - “Conto” e “Crônica”. A unidade 2, os capítulos 3 e 4 - “Canção Popular” e “Textos Icônicos-verbais”. A unidade 3, os capítulos 5 e 6 - “Relato de viagem” e “Notícia”. Unidade 4, capítulos 7 e 8 - “Artigo de Opinião” e “Editorial”. Vale enfatizar que ao longo do volume, os textos literários vão sendo apresentados, não sendo reclusos apenas à seção “Diálogo com a literatura”, que nesse volume trata dos seguintes assuntos: “Entre realidade e ficção”; “Narrativas de ficção”; “A crônica e a literatura”; “Poesia e canções”; “Imagens” do Brasil na literatura: do século XVI até o início do século XXI”; “Imagens do Brasil na pintura”; “Literatura e memorialismo”; “Memorialismo na literatura”; “*Fait divers* e literatura”; “Notícia e cordel”; “Argumentação e poesia”; “Síntese dos estudos literários”. Ao longo do volume são apresentados 79 textos literários, entre fragmentos e textos integrais, sendo que alguns se repetem em determinadas seções. Os gêneros são poemas, romances, contos, crônicas, peças teatrais, relatos de viagem, cordel.

Desses, apenas 10 referem-se à escritoras brasileiras. A escritora **Marina Colasanti** possui dois contos, “Provas de amor” (no capítulo inicial) e “Luz de lanterna, sopro de vento” (na seção “Práticas de linguagem” do primeiro capítulo). A escritora **Heloisa Prieto** possui a lenda urbana “A loira do banheiro” (na seção “Práticas de linguagem” do segundo capítulo). A escritora **Martha Medeiros** possui dois relatos de viagem - “Primeira vez na Europa - parte 1” e “Bonjour, l’amour” - nas seções “Para entender o texto” do quinto capítulo. A escritora **Helena Morley** possui um fragmento do romance “Minha vida de menina” na seção “Diálogo com a literatura”. As escritoras **Adriana Falcão** e **Mariana Veríssimo**, autoras do romance “PS Beije!”, possuem um fragmento desse romance na seção “Língua - análise e reflexão” do sétimo capítulo. A escritora **Lya Luft** possui um trecho de uma crônica do livro

“Pensar é na seção “Questões do ENEM”. A escritora **Clarice Lispector** possui dois trechos dos romances “A cidade sitiada” na seção “Língua - análise e reflexão” do primeiro capítulo e “A hora da estrela” na seção “Questões do ENEM”. A seção “Agora é com você!” há a indicação de duas obras de escritoras, “O príncipe medroso e outros contos africanos”, da espanhola Anna Soler-Pont e “Viagem pelo Brasil em 52 histórias”, de **Silvana Salerno**. Nenhuma escritora brasileira negra presente.

Os outros 67 textos literários referem-se a escritores brasileiros e estrangeiros. Dois textos classificados como “Bestiário”, “A Fênix” e o “O dragão”, não possuem autores identificados. Os escritores brasileiros são:

Afonso Celso

Antônio Prata

Aluísio Azevedo

Amyr Klink

Ariano Suassuna

Ascenso Ferreira

Bernardo Carvalho

Câmara Cascudo

Carlos Drummond de Andrade

Castro Alves

Casimiro de Abreu

Cassiano Ricardo

Dalton Trevisan

Fernando Bonassi

Fernando Sabino

Frei José de Santa Rita Durão

Geir Campos

Gregório de Matos

Gregório Duvivier

Guilherme de Almeida

João Cabral de Melo Neto

João Guimarães Rosa

Jorge Amado

José de Alencar

Mário de Andrade
Olavo Bilac
Oswaldo França Júnior
Paulo Henriques Britto
Pedro Nava
Ribeiro Couto
Rubem Braga
Severino Gonçalves
Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Dante Alighieri
Fernando Pessoa
Fernão Lopes
Frances Mayes
Franz Kafka
Hernán Rivera Letelier
Jean Paul-Sartre
Johan Gottfried Seume
José Saramago
Le Gentil de La Barbinais
Lewis Carroll
Luís Vaz de Camões
Mia Couto
Michel Tournier
Michel Vergez
Nuno Júdice
Pero Vaz de Caminha
Poggio Bracciolini
Xavier de Maistre

O volume 2 apresenta o capítulo inicial “História da Literatura”, em que se percebe a ausência da participação das escritoras, brasileiras ou estrangeiras, no processo de construção da literatura brasileira ou estrangeira. Sempre os escritores, sejam brasileiros ou estrangeiros, como os pilares da Literatura nacional ou estrangeira. A escritora brasileira **Lygia Fagundes**

Telles possui um trecho de um conto de sua autoria, “O amor tem disciplina”, apenas para comparar a concepção de “Amor” com o trecho do romance “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa ao abordar o conceito de “Estilo individual”. A unidade 1 engloba os capítulos 1 e 2 - “... como um romance (I)” e “Romance (II)”. A unidade 2, os capítulos 3 e 4 - “... como um romance (II)” e “Romance (III)”. A unidade 3, os capítulos 5 e 6 - “Texto de vulgarização científica” e “Reportagem”. A unidade 4, os capítulos 7 e 8 - “Ensaio” e “Imagem e palavra: anúncio publicitário”. A seção “Diálogo com a literatura” aborda os seguintes assuntos: “Romance; “Poesia no Romantismo: memória de nacionalismo”; “A prosa no Realismo/Naturalismo (I e II); “Simbolismo no Brasil”; “Pré-modernismo” (I, II e III). Ao longo deste volume são apresentados 73 textos literários, sejam fragmentos ou na íntegra.

Apenas três escritoras, duas brasileiras e uma marroquina, possuem trechos de suas obras literárias neste volume. A escritora brasileira, **Lygia Fagundes Telles**, com um trecho do conto “O amor tem disciplina”. A escritora **Lenita Miranda de Figueiredo**, possui um trecho do livro “A história da arte para crianças” na seção “Para começo de conversa”, que fala sobre o movimento literário Realismo. A escritora marroquina Muriel Barbery, possui um fragmento do romance “A elegância do ouriço” na seção “As palavras no contexto”. Na seção “Agora é com você!” duas escritoras brasileiras tiveram suas obras indicadas. A escritora **Clara Averbuck**, com o romance “Das coisas esquecidas atrás da estante” e a escritora **Luciana Cammarota**, com o livro “Imigrantes nas cidades do Brasil do século XX”. Nenhuma escritora brasileira negra.

Os 70 textos literários são de escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros são:

Alphonsus de Guimaraens

Aluísio Azevedo

Álvares de Azevedo

Augusto dos Anjos

Bastos Tigre

Casimiro de Abreu

Castro Alves

Cruz e Sousa

Daniel Galera

Elias José

Euclides da Cunha

Ferréz

Gonçalves Dias

Gregório de Matos

João Cabral de Melo Neto

João Guimaraes Rosa

Joaquim Manuel de Macedo

José de Alencar

José Paulo Paes

Lima Barreto

Machado de Assis

Manuel Antônio de Almeida

Moacyr Scliar

Monteiro Lobato

Olavo Bilac

Paulo Mendes Campos

Raimundo Correia

Rubem Alves

Visconde de Taunay

Vitor Ramil

Os escritores estrangeiros são:

Bernardo de Bonaval

Charles Dickens

Eça de Queiroz

Fiódor Dostoiévski

Henry Sobel

Jorge de Aguiar

Luís Vaz de Camões

Martim Codax

Padre Antônio Vieira

Paio Soares de Taveirós

Pero Vaz de Caminha

Tomás Antônio Gonzaga

Victor Hugo

O volume 3 apresenta como capítulo inicial o assunto “Estudar com textos: a resenha, o resumo, a síntese”. A unidade 1 apresenta os capítulos 1 e 2 - “Lenda” e “Memórias”. A unidade 2, os capítulos 3 e 4 - “História em quadrinhos” e “Gêneros dramáticos”. A unidade 3, os capítulos 5 e 6 - “Relatos de vida” e “Carta Pessoal”. A unidade 4, os capítulos 7 e 8 - “Correspondência formal argumentativa” e “Dissertação em prosa”. A seção “Diálogo com a literatura” possui os seguintes assuntos: “A arte no início do século XX”; “Vanguardas europeias”; “Fernando Pessoa e o Modernismo em Portugal”; “O Modernismo brasileiro da primeira fase e a obra de Mário de Andrade”; “Semana da arte moderna: um marco na literatura brasileira”; “A poesia de Mário de Andrade e as propostas modernistas”; “O Modernismo brasileiro da primeira fase e a obra de Oswald de Andrade”; “Primeira fase do Modernismo (1922-1930)”; “Teatro no Modernismo brasileiro: O Rei da vela”; “Teatro no Brasil”; “Segunda fase do Modernismo brasileiro (1930-1945) - prosa (I)”; “Segunda fase do Modernismo brasileiro (1930-1945) - prosa (II)”; “Segunda fase do Modernismo - poesia”; “Terceira fase do Modernismo - poesia”; “Tendências contemporâneas da literatura brasileira”; “Literatura africana em língua portuguesa: tendências”. Esse volume apresenta um total de 97 textos literários, distribuídos em variados gêneros como poemas, romances, contos, microcontos, crônicas, relatos de vida e memória.

Apenas 12 textos literários pertencem a escritoras brasileiras e estrangeiras, sendo 6 brasileiras e 2 estrangeiras. A escritora **Cecília Meireles** possui dois poemas, “Romance XXXVIII ou do Embuçado” e “Cântico VI”. O primeiro presente na seção “Diálogo com literatura” e o segundo, na seção “Questões do ENEM”. A escritora **Clarice Lispector** também possui dois textos, a crônica “O medo da eternidade”, presente na seção “Diálogo com a literatura”, e o trecho do romance “A hora da estrela”, na seção “Questões do ENEM”. A escritora **Adélia Prado** conta com dois poemas, “Impressionista” na seção “Diálogo com a literatura”, e “Ensino” na seção “Questões do ENEM”. As escritoras **Hilda Hilst** (com o poema “Da noite”), **Lygia Fagundes Telles** (com o conto “O direito de não amar”), Orides Fontela (com o poema “Meio-dia”), **Adriana Falcão** (com um microconto sem título) apresentam seus textos na seção “Diálogo com a literatura”. A escritora Alda Espírito Santos, nascida em São Tomé e Príncipe, possui um poema, “Em torno da minha baía” na seção “Diálogo com a literatura”. A ativista paquistanesa Malala Yousafzai, que juntamente com Christina Lamb, escreveu sua autobiografia “Eu sou Malala”, possui um trecho presente no capítulo 5, “Relatos de vida”. Na seção “Agora é com você!” há a indicação obras de 7

escritoras: **Béa Meira**, com “Modernismo no Brasil: panorama das artes visuais”); **Anna Luiza Müller** (juntamente com Pedro Butcher), com “Abril despedaçado: o filme”; **Isadora Faber**, com “Diário de classe: a verdade”; **Selma Caetano**, com “Graciliano Ramos: biografia ilustrada”; **Cecília Meireles**, com “Cecília Meireles: antologia poética”; **Clarice Lispector**, com “Minhas queridas”; e **Alice Ruiz**, com “Outro silêncio”. Nenhuma escritora brasileira negra.

Os outros 86 textos literários pertencem a escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros são:

André Sant’anna

Antônio Cícero

Antônio Prata

Arnaldo Antunes

Bernardo Carvalho

Cacaso

Caio Fernando Abreu

Carlos Drummond de Andrade

Chacal

Dalton Trevisan

Décio Pignatari

Érico Veríssimo

Ferreira Gullar

Geir Campos

Graciliano Ramos

Guilherme Almeida

Guilherme de Almeida Prado

Haroldo Campos

Ignácio de Loyola Brandão

João Cabral de Melo Neto

João Guimarães Rosa

Jorge Amado

José Paulo Paes

Manoel de Barros

Manuel Bandeira

Martins Pena
José Lins do Rego
Mário de Andrade
Nelson Rodrigues
Oswald de Andrade
Paulo Leminski
Ronaldo Azeredo
Rubem Fonseca
Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Agostinho Neto
Alberto Caeiro
Alexandre Dumas
Álvaro de Campos
Apollinaire
Augusto Monterroso
Carlos Semedo
Fernando Pessoa
José Craveirinha
José Saramago
Louis Aragon
Luandino Vieira
Mia Couto
Pepetela
Ricardo Reis
Tristan Tzara
Valter Hugo Mãe
Vasco Cabral
William J. Benne

A coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação* - de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior - é mais uma que priorizou o cânone literário, brasileiro e estrangeiro, em detrimento da literatura criada por outros grupos sociais, entre eles das escritoras brasileiras negras. Dos 279 textos literários apresentados ao

longo dos 3 volumes, a única referência à literatura produzida por escritora negra refere-se ao poema “Em torno da minha baía”, da santomense Alda Espírito Santos. Nenhuma escritora brasileira negra se fez presente nessa coleção.

5.2.6 - A invisibilidade das escritoras brasileiras negras nas coleções do PNLD 2018

A não visibilidade de outros saberes, no caso da literatura, de outras produções literárias pertencentes a outros grupos sociais, como o caso das escritoras brasileiras negras, nos livros didáticos de língua portuguesa, evidencia o que os estudos decoloniais denominaram colonialidade/modernidade, ou seja, a perpetuação de formas de poder advindas do período colonial, onde o dualismo superior/inferior marcou tudo aquilo que fosse diferente e estranho ao modo de ser europeu fosse considerado de menor valia. Por isso culturas, dos mais variados povos dos continentes africano e americano, foram dizimadas e silenciadas, sendo subjugadas e obrigadas a serem condescendentes à cultura europeia. O estudo da literatura brasileira presente nos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2018 reproduz fielmente esse discurso.

O estudo da literatura brasileira presente nas coleções analisadas do PNLD 2018 confirma a preferência por obras e autores/as do cânone literário e o silenciamento de obras e autoras que não se encaixam ao padrão canônico, confirmando, assim, a teoria abissal de Santos, em que o saber ocidental é eurocentrado, parte de um saber hegemônico em detrimento de outros saberes. É notória a desproporcionalidade de espaços dados aos grupos sociais representados nos livros didáticos de todas as coleções analisadas. Das cinco coleções analisadas, totalizando quinze livros didáticos, apenas três escritoras negras estão presentes, uma escritora brasileira negra e duas escritoras estrangeiras, uma santomense e outra angolana.

Os/as autores/as das obras didáticas analisadas, mostram a preferência pelo estudo da literatura canônica, por mais que alguns/as reconheçam a exclusão de escritores/as, como é o caso do autor e da autora da coleção *Se liga na língua: Literatura, Produção de Texto, Linguagem*, da editora Moderna, ou que usem o argumento da democratização, como justificativa para o enriquecimento do repertório literário de alunos/as, conforme a autora e os autores da coleção *Novas Palavras* da editora FTD.

A historiografia literária é representada majoritariamente por escritores brasileiros e estrangeiros. As escritoras brasileiras só ganham um reconhecimento a partir do Modernismo,

sendo invisibilizadas antes desse movimento literário. Há apenas uma referência à Francisca Júlia e sua obra “Mármore”, no Parnasianismo brasileiro, na coleção *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*, da editora Saraiva. As demais coleções omitem-se totalmente a produção literária das mulheres brasileiras nos séculos XVIII e XIX, quando muito reconhecem a exclusão de escritores/as que não se enquadram ao cânone literário, como já citado anteriormente, na coleção *Se liga na língua: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*. Quando se coloca para além da questão de gênero, a questão racial, torna-se perceptível o descaso dado à literatura produzida pelas escritoras brasileiras negras.

A ausência da concepção interseccional fica clara ao tratar de forma generalizada os conceitos de “mulher” e “negro” na representação da literatura produzida por outros grupos sociais, além do hegemônico, em virtude de estar retratada nas obras das escritoras do cânone literário do século XX, como Cecília Meireles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, entre outras; e pelos escritores negros, brasileiros ou falantes de língua portuguesa de países africanos, como Adão Ventura, Cruz e Sousa, Lima Barreto, Pepetela e José Craveirinha. Nesse sentido a literatura produzida por escritoras brasileiras negras é representada, timidamente, pela dramaturga brasileira Grace Passô, com sua obra “Por Elise”, na coleção *Ser Protagonista*, da editora SM, ou pelas escritoras estrangeiras, advindas de países africanos que falam língua portuguesa, como a moçambicana Paulina Chiziane, com seu artigo ““Eu, mulher... por uma nova visão de mundo” (e não um texto literário), na coleção *Novas Palavras*, da editora FTD, e da santomense Alda Espírito Santo, com o poema “Em torno da minha baía” da angolana, na coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*, da editora Ática.

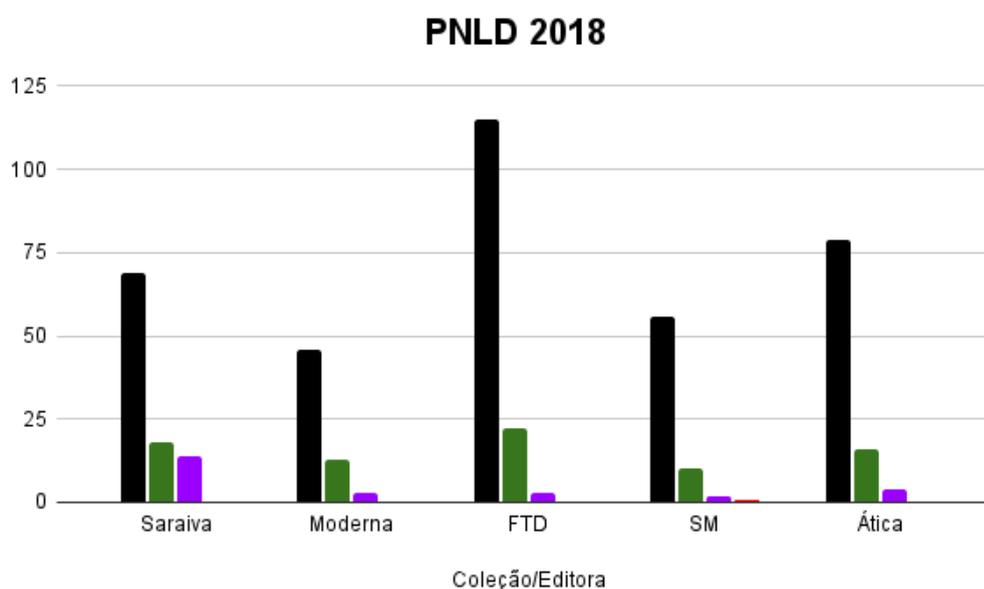
As coleções analisadas no PNLD 2018, como constatado, apagaram as escritoras brasileiras anteriores ao Modernismo Brasileiro, principalmente as escritoras negras, relegando a elas um espaço ínfimo dentro de um suporte pedagógico tão importante como o livro didático para as escolas públicas brasileiras. Na perspectiva decolonial, esse silenciamento é a reprodução de um sistema - político, econômico, social e cultural - imposto a todos/as que não se enquadravam (e não se enquadram) ao modelo eurocentrado, que mesmo após o fim da colonização, permanece.

O livro didático de língua portuguesa é um material que repercute essa forma de dominação, ao priorizar apenas um tipo de produção literária para ser estudada, pois mesmo quando inclui a literatura engajada, marginal, há um certo padrão que reflete ainda o perfil dos escritores/as brasileiros/as pertencentes ao cânone literário. Além disso, quando inclui a

literatura negra em um capítulo, essa é produzida por escritores/as de países africanos que falam língua portuguesa. As obras literárias de escritores brasileiros negros, ao estarem dentro do grupo pertencente ao grupo canônico, perdem suas identidades e, conseqüentemente a questão da representatividade. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos principais escritores brasileiros, Machado de Assis foi embranquecido pelo sistema. O apagamento da literatura produzida pelas escritoras brasileiras negras é tamanho. Elas, simplesmente, não existem.

As escritoras brasileiras possuem um trabalho que não começou em meados do século XX, mas remonta do século XVIII. As escritoras brasileiras negras têm produções literárias desde o século XIX. No entanto, os livros didáticos de língua portuguesa continuaram contando a história da literatura brasileira a partir de um único ponto de vista, o hegemônico.

A seguir, o gráfico para melhor visualização sobre a presença das escritoras brasileiras negras nas coleções dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2018 em detrimento dos escritores brasileiros brancos, das escritoras brasileiras brancas e dos escritores brasileiros negros.



LEGENDA			
	ESCRITORES BRASILEIROS BRANCOS		ESCRITORAS BRASILEIRAS NEGRAS
	ESCRITORAS BRASILEIRAS BRANCAS		ESCRITORES BRASILEIROS INDÍGENAS
	ESCRITORES BRASILEIROS NEGROS		ESCRITORAS BRASILEIRAS INDÍGENAS

5.3 - Análise dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD de 2021

De acordo com o Guia do Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2021 (PNLD 2021), as obras aprovadas para a escolha do/a professor/a apresenta um diferencial em relação ao PNLD anterior, por se tratar de um material didático produzido pela primeira vez, visto que foram elaboradas a partir das diretrizes da reforma do Ensino Médio, que possuem entre tantos documentos normativos, a BNCC. As obras didáticas aprovadas devem se eximir de qualquer tipo de preconceito ou estereótipo, assim como de qualquer tipo de violência, discriminação ou violação de direito, devendo representar a diversidade cultural, social, histórica e econômica do país. Assim, o PNLD 2021 propõe-se a possibilitar o que preconiza a BNCC, o desenvolvimento das competências gerais, competências específicas e habilidades com o intuito de estimular o protagonismo, a responsabilidade e a autonomia dos/as estudantes para que possam ser capazes de construir uma sociedade mais ética, inclusiva, justa, solidária e sustentável. Para isso, os conteúdos referentes aos componentes curriculares são ferramentas para que os/as estudantes possam utilizá-los para resolver os problemas reais que os/as circundam e não teorias esvaziadas sem uma serventia na prática.

Nesse sentido, nota-se que as obras selecionadas pelo PNLD 2021, por serem inéditas e originais, uma vez que estão inseridas no processo de mudança do Ensino Médio e seguem o que promulga a BNCC, devem apresentar uma abordagem diferente daquela conteudista e excludente que se observou nas coleções de língua portuguesa do PNLD 2018. Essas coleções analisadas do PNLD anterior confirmaram o discurso que entende o estudo da literatura brasileira a partir de um ponto de vista e o silenciamento das escritoras brasileiras no processo de construção da literatura nacional, bem como também o apagamento da literatura escrita por mulheres negras.

A expectativa é que essa realidade não se confirme nas coleções a serem analisadas no PNLD de 2021, principalmente por terem como documento orientador a BNCC, que ao tratar os/as estudantes no Ensino Médio como um público diverso, heterogêneo - as juventudes - entende que o processo de ensino e de aprendizagem deve respeitar essa lógica da diversidade, embora essa diversidade esteja alinhada ao conceito de multiculturalismo, um dos temas transversais a serem desenvolvidos pelos componentes curriculares de forma integrada e transversal, que difere do alinhamento decolonial, a interculturalidade crítica. Como já explicado anteriormente, o multiculturalismo é um conceito que está a favor do mercado capitalista. Inclui os grupos marginalizados não como forma de reconhecimento de

seus saberes, mas como forma de controlá-los para que não possam questionar os grupos, ou o grupo, que detêm o poder. Dessa forma, tem-se um atrito em relação à perspectiva decolonial, que parte do princípio de um questionamento crítico dos grupos que ocupam os espaços de poder, pois se não há questionamentos, não é possível haver mudanças profundas nas relações de poder há muito estabelecidas. Logo, não basta apenas incluir os grupos sociais marginalizados e esquecidos anteriormente, mas também questionar criticamente o grupo hegemônico para assim compreender as relações de poder estabelecidas desde o período colonial, em que um grupo social se sobressai sobre os demais, sendo capaz de inferiorizar ou dizimar a cultura desses.

No estudo da literatura que até o PNLD 2018 disponibilizou nos livros didáticos de língua portuguesa é notória essa relação de poder. As escritoras brasileiras, que produziram obras anteriores ao movimento Modernista, até então tinham sido negligenciadas, esquecidas pelo cânone literário, e as escritoras brasileiras negras, mais do que negligenciadas, foram fadadas à inexistência, em função de que para terem visibilidade, o conceito de interseccionalidade precisa ocupar o espaço dos conceitos de gênero e raça, que ao serem tratados de forma universal, parece estar falando por todos. Quando se pensa sobre as questões de gênero e raça no estudo da literatura dos livros didáticos de língua portuguesa, parece sugerir que tanto a literatura escrita por mulheres quanto a escrita por homens negros contemplam qualquer discussão relacionada ao gênero e à raça, mas não. As escritoras brasileiras negras não estão contempladas nessa discussão. A literatura, com uma forma de conhecimento, precisa abarcar nos livros didáticos de língua portuguesa, outras produções, que levem a uma ecologia de saberes, para além do que é produzido pelo grupo hegemônico, as produções de grupos subalternizados e marginalizados.

Desse modo, espera-se que os livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021, que é um volume específico desse componente curricular, dê conta de tratar o estudo da literatura de uma forma mais ampla e diversa, que contemple não apenas a literatura canônica mas que, realmente, dê visibilidade a outros grupos sociais, como as escritoras brasileiras negras, inexistentes no PNLD anterior. Para a análise, serão consideradas as coleções das editoras Moderna, FTD, Saraiva, FTD, Ática e SM.

EDITORA	COLEÇÃO
MODERNA	SE LIGA NAS LINGUAGENS: PORTUGUÊS
FTD	MULTIVERSOS: LÍNGUA PORTUGUESA
SARAIVA	PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
ÁTICA	ESTAÇÕES: LÍNGUA PORTUGUESA
SM	SER PROTAGONISTA - A VOZ DAS JUVENTUDES: LÍNGUA PORTUGUESA

5.3.1 - Editora Moderna - *Se Liga nas Linguagens: Português*



Fonte: [pnl2021_didatico/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa](https://pnl2021.educbrasil.gov.br/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa). Acesso em 07 set. 2023.

A editora Moderna se faz presente no PNLD 2021 com a coleção *Se Liga nas Linguagens: Português*, obra específica de língua portuguesa, escrita pelos mesmos autores da coleção do PNLD 2018, Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Em termos de tiragem e arrecadação totais pela editora, a coleção ficou em primeiro lugar, segundo os dados estatísticos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação no PNLD 2021. Houve

uma tiragem total, em relação ao número de livros didáticos direcionados aos/às professores/as e aos/às alunos/as de 2.399.589 e arrecadação total de de R\$20.939.228,62.

COLEÇÃO “SE LIGA NAS LINGUAGENS: PORTUGUÊS”		
CATEGORIA	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
LIVRO DO/A ALUNO/A	2.367.338	R\$20.169.719,76
LIVRO DO/A PROFESSOR/A	32.251	R\$769.508,86
TOTAL	2.399.589	R\$20.939.228,62

O livro didático de língua portuguesa é dividido em duas partes (ou duas frentes), a primeira, Literatura; e a segunda, Análise linguística/Semiótica. A verdade é que esta coleção é uma versão compacta do livro didático de língua portuguesa do PNLD 2018, com supressões de muitas partes, inclusive de “uma terceira frente” que havia na coleção anterior, que era a “Produção de Texto”. Ou seja, não houve uma preocupação da editora, e dos autores, em elaborar um novo livro didático de língua portuguesa que atendesse às exigências da BNCC, mas sim a adequação das competências e das habilidades ao formato já posto. De acordo com os autores, a decisão por esse formato se dá diante da possibilidade dos/as estudantes não terem acesso a algum dos seis volumes de Linguagem e Tecnologias e perderem determinado assunto a ser trabalhado dentro de literatura ou gramática. Por isso, a parte de Literatura, ao abordar as origens e influências da literatura brasileira e seus movimentos literários, segue a “velha” cronologia - do Trovadorismo aos movimentos contemporâneos -, bem como a parte de Análise Linguística/Semiótica englobam aspectos gramaticais - fonologia, processo de formação de palavras, morfologia e sintaxe. O corpo do texto da “Apresentação” permanece o mesmo, com a diferença do vocativo, que na atual coleção está “Caro aluno e cara aluna”, especificando os gêneros.

Como forma de associar os capítulos do livro didático ao contexto da BNCC, a última seção do livro didático de língua portuguesa intitulada “Objetivos e justificativas das propostas didáticas da obra e identificação das competências gerais e específicas e das habilidades da BNCC”, de acordo com os autores, serve de consulta para o/a estudante gerenciarem sua própria aprendizagem e compreender o que está aprendendo, além de possibilitar a verificação das competências gerais e competências específicas da área de

Linguagens e suas Tecnologias e as habilidades de Língua Portuguesa de todos os capítulos; entre eles, os 15 capítulos referentes à parte de Literatura.

Na seção “Conheça seu livro” explica a forma como se organizam os capítulos, indicando o que o/a estudante irá aprender em cada parte do livro didático. As partes de Literatura e Análise linguística/Semiótica apresentam subseções em comum como “Abertura de parte” e “Pra começar”. A parte específica de Literatura é o “Infográfico” (textos verbais e não verbais que apresentam elementos relevantes ao movimento literário em estudo); o estudo do movimento literário; “Em ação”(leitura de texto e questões; comparação entre textos verbais e não verbais; produção de texto). No percurso dos capítulos de Literatura, ainda há os “Boxes” como “Biblioteca cultural”, “Desafio da linguagem”, “Dica do professor”, “Marcos literários”, “Sabia?”, “Investigue”, “Fala aí!”, “Lembra?”.

Ao longo dos capítulos da parte de Literatura é possível notar as supressões realizadas pelos autores, no intuito de transformar os três volumes do PNLD 2018 em um único volume no PNLD 2021. O capítulo 1, “O texto literário”, por exemplo, na seção “Contexto histórico e historiografia”, os autores eliminaram a parte do texto em que se fala sobre a exclusão e a injustiça cometida pelo cânone literário a vários escritores/as, instigando, por isso, os/as estudantes a pesquisarem sobre esses artistas marginalizados. Ao apontar sobre essas injustiças e ausências na literatura brasileira, o livro didático de língua portuguesa do PNLD 2018, permitia ao/à professor/a fazer o/a estudante perceber que para além dos/as escritores/as que estão postos como referência dentro da literatura brasileira, existem tantos outros que poderiam estar ali, mas por questões de gênero, de raça, de cultura, etc. não estão ali representados, o que poderia levar a vários questionamentos pelo corpo discente se apenas o grupo representado pelo cânone literário seria detentor de uma produção literária de qualidade e merecedor de ter suas obras literárias compartilhadas por meio dos livros didáticos. A supressão dessa informação, por exemplo, impossibilita ao/à estudante a mobilização de conhecimentos que possibilitasse a investigação das causas, assim como levantamento de hipóteses, sobre o espaço desigual dado às escritoras brasileiras, em especial às escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa, ações essas presentes no item 2 das “Competências Gerais da Educação Básica”, da BNCC.

Nesta obra, trabalharemos a historiografia literária, isto é, com os movimentos inseridos em seus contextos históricos. Apresentaremos uma seleção de fatos sociais e culturais importantes em cada época, as características dos movimentos literários e textos para análise. Em cada uma das escolas literárias serão destacados alguns

escritores e obras considerados canônicos, isto é, representativos de uma época. (Ormundo, Siniscalchi, 2020, p. 12)

Dentro da perspectiva decolonial, isso seria um retrocesso, pois reafirma o espaço de privilégio que o grupo hegemônico ocupa, apagando a possibilidade não apenas dos/as estudantes questionarem as ausências de escritores/as brasileiros/as pertencentes a outros grupos sociais, como as escritoras negras. No entanto, ao reproduzir o “Quadro síntese dos movimentos literários brasileiros”, entre o acréscimo e a retirada de nomes de escritores/as brasileiros/as referentes aos períodos literários, há a presença de apenas uma escritora brasileira negra, Conceição Evaristo, no período contemporâneo.

Sobre as obras literárias e seus/suas respectivos autores/as, a parte de Literatura, em seus 15 capítulos, apresenta um total de 103 textos literários, sendo 28 presentes apenas no volume único do PNLD 2021. A maior parte desses textos literários é composta por poemas e fragmentos de romance. Já os outros gêneros comparecem em um número menor como os contos, mini-conto, novela, repente, teatro, carta, tratado e sermão. Em comparação à quantidade de obras literárias presentes nos três volumes da editora Moderna no PNLD 2018, houve a eliminação de 25 textos literários em relação ao volume único do PNLD 2021.

O número total de escritores/as dessas obras é 76, sendo que 67 são escritores, entre brasileiros e estrangeiros, e 9 escritoras, 7 brasileiras e 2 estrangeiras. Importante destacar que há dois textos literários em que não há referência à questão de gênero, o instapoema produzido para uma página de rede social. @versosdeblocodenotas, e o poema “Qualquer vida é muita dentro da floresta”, produção coletiva do Povo Ticuna.

No livro didático de língua portuguesa são mantidas as escritoras brasileiras, pertencentes ao cânone literário, com os mesmos romances trabalhados no PNLD 2018, porém com fragmentos diferentes e pequenas alterações ao falar sobre vida e obras dessas escritoras.

A escritora **Clarice Lispector** é apresentada da mesma forma como no volume anterior, “o não relatável”; entretanto, os autores fizeram pequenas modificações no campo do texto, retirando, por exemplo, o trecho do romance “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” para exemplificar o que seria a “epifania” na obra da escritora, ficando apenas a explicação desse recurso utilizado pela escritora. São utilizados os parágrafos iniciais do romance “A Paixão segundo G.H.” para explicar o “fluxo de consciência”, outro recurso utilizado pela escritora em suas obras. No PNLD de 2018, esse fragmento serviu para que

os/as estudantes levantassem hipóteses sobre o efeito expressivo do travessão no início da narrativa e, também, sobre a metáfora da “terceira perna” em duas seções - “Pensando sobre o texto” e “Fala aí”. Já no PNLD 2021, os autores do livro didático, já explicam essas situações. O fragmento do romance “A Hora da Estrela” foi utilizado em uma mesma atividade, porém com uma nova reorganização dos enunciados.

A escritora **Rachel de Queiroz** apresenta, também, a mesma apresentação do PNLD de 2018, “uma voz feminina no regionalismo”. É interessante notar a retirada de um trecho sobre sua vida no PNLD 2021, em que aborda o fato dela ter sido militante do Partido Comunista e, por causa disso, foi perseguida pela ditadura do Estado Novo. No volume atual, essa questão é tratada como “militância política” e “influência dos ideais socialistas” da escritora em sua obra “Caminho de pedras”. O fragmentos do romance “João Miguel” é utilizado em uma atividade sobre romances regionalistas, junto com um trecho do romance “Capitães da Areia”, de Jorge Amado. Mais uma vez, há uma reorganização das questões já elaboradas no PNLD anterior.

Já a escritora **Cecília Meireles** possui uma visibilidade maior no PNLD de 2021, pois no PNLD anterior, a artista e suas obras - “O Romanceiro da Inconfidência” e “Viagem, vaga música” - apenas apareceram como dicas de leitura. No livro didático de língua portuguesa do PNLD mais recente, a escritora é apresentada como “leitora sensível do mundo” e possui um romance, presente em “O Romanceiro da Inconfidência” em uma atividade.

A partir da literatura contemporânea, três escritoras brasileiras alcançam uma visibilidade que no PNLD de 2018 não havia. A primeira escritora é **Maria Valéria Rezende**, que possui um fragmento do seu romance “Outros cantos” como parte de uma atividade, pertencente ao capítulo 8, “Realismo-Naturalismo: literatura em diálogo com a ciência”.

A literatura indígena e negra recebe visibilidade por meio dos poemas de **Eliane Potiguara** e **Conceição Evaristo**. O poema “Brasil”, de **Eliane Potiguara**, foi empregado em uma atividade conjunta com outro poema “Chegança” de Antônio Nóbrega. Há uma observação, direcionada aos/as professores/as, para a leitura de um outro poema da escritora, bem como um boxe explicativo, “Biblioteca cultural”, páginas à frente, já na parte de Análise Linguística/Semiótica.

A escritora **Conceição Evaristo**, ao longo da parte de Literatura, vai ganhando uma visibilidade ao ter seu nome incluído no “Quadro síntese dos movimentos literários” bem como no infográfico sobre “Literatura dos séculos XX e XXI”. Seu poema “Fêmea-Fênix”

aparece em uma atividade na seção “Literatura lusófona contemporânea EM AÇÃÃO”, do último capítulo da parte de Literatura, capítulo 15, “Portugal, Angola e Moçambique: expressões em língua portuguesa”, junto com o poema “Um homem nunca chora”, de José Craveirinha. Também há uma indicação na seção “Biblioteca cultural” para que os/as estudantes leiam uma entrevista dela no site “literafro”.

As escritoras estrangeiras presentes são a chilena Isabel Allende e a nigeriana Chimamanda Ngozi. A escritora Isabel Allende possui um fragmento de seu romance “A casa dos espíritos”, como parte de uma atividade na seção “O Realismo EM AÇÃÃO”. Já Chimamanda Ngozi possui um trecho do romance “Americanah” como parte de uma atividade na seção “O Pós-Modernismo EM AÇÃÃO”. A escritora nigeriana está presente também na seção “Biblioteca cultural”, com a indicação para que os/as estudantes assistam à palestra “O perigo de uma história única” e conheçam seu site oficial.

No capítulo 14, “Produção pós-modernista: novas palavras”, as seções “Fala aí” e “Desafio de linguagem” trazem um olhar interessante sobre a escrita de mulheres ao longo da coleção. Na primeira seção, os/as estudantes são instigados a folhearem o livro didático e anotarem os nomes das escritoras, o século em que aparecem e suas obras, e repararem que foram poucas. Já na segunda seção, a partir das anotações feitas anteriormente, os/as estudantes são desafiados a pesquisarem escritoras brasileiras ausentes no volume e prepararem verbetes para apresentarem. De acordo com os autores do livro didático a exclusão de inúmeros autores/as se dá, pois uma coleção didática de literatura privilegia autores que se tornaram canônicos, objetivando apresentar aos/às estudantes as produções literárias mais relevantes do patrimônio artístico brasileiro, sendo essa abordagem chancelada por estudos reconhecidos na área acadêmica.

Os escritores brasileiros presentes nesta coleção são:

Ailton Mesquita

Aluísio Azevedo

Álvares de Azevedo

Antônio Nóbrega

Augusto de Campos

Augusto dos Anjos

Bruno Zeni

Carlos Drummond de Andrade

Carlos Secchin

Castro Alves

Cruz e Sousa

Euclides da Cunha

Francisco da Silveira

Frei José de Santa Rita Durão

Gonçalves Dias

Graciliano Ramos

Gregório de Matos

João Cabral de Melo Neto

João Guimarães Rosa

Joaquim Manuel de Macedo

Jorge Amado

José Basílio da Gama

José de Alencar

José Paulo Paes

Lima Barreto

Machado de Assis

Manuel Antônio de Almeida

Manuel Bandeira

Marcelo Spalding

Mário de Andrade

Michel Yakini

Monteiro Lobato

Murilo Mendes

Nicolas Behr

Olavo Bilac

Oswald de Andrade

Paulo Henriques Britto

Vinícius de Moraes

Visconde de Taunay

Waly Salomão.

Já os escritores estrangeiros são:

Alberto Caeiro

Alexandre Herculano
Álvaro de Campos
Camilo Castelo Branco
Camilo Pessanha
D. Dinis
Eça de Queiroz
Émile Zola
Fernando Pessoa
Gil Vicente
Jerônimo Baía
José Craveirinha
José Eduardo Agualusa
José Saramago
Homero
Luís Vaz de Camões
Manuel Antônio de Barbosa du Bocage
Mário Benedetti
Ondjaki
Padre Antônio Vieira
Paul Verlaine
Pero de Magalhães Gandavo
Pero Vaz de Caminha
Ricardo Reis
Sancho I
Tomás Antônio Gonzaga
Tristan Tzara

Ao longo do volume da coleção *Se liga nas linguagens: Português*, no que se refere ao estudo da Literatura, é a permanência de um espaço desigual para escritores e escritoras brasileiros/as. Quando se faz um recorte de gênero, os escritores brasileiros ainda dominam os espaços nos livros didáticos. Quando se intersecciona a questão de gênero à de raça, à classe social, etc., lá no final, aparece a mulher negra. Assim, foi com a única escritora brasileira negra, **Conceição Evaristo**, presente no livro didático de língua portuguesa. Seu poema, “Fêmea-Fênix”, é o último texto literário na parte de Literatura.

5.3.2- Editora FTD - *Multiversos: Língua Portuguesa*



Fonte: [pnl2021_didatico/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa](https://pnl2021.educacao.gov.br/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa). Acesso em 07 set. 2023

A coleção *Multiversos: Língua Portuguesa*, de Maria Tereza Arruda Campos e Lucas Sanches Oda, ocupou o segundo lugar em termos de tiragem, 1.519.129 unidades, e vendagem total, R\$13.355.820,00, em relação ao PNLD 2021.

COLEÇÃO “MULTIVERSOS: LÍNGUA PORTUGUESA”		
CATEGORIA	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
LIVRO DO/A ALUNO/A	20.429	R\$467.006,94
LIVRO DO/A PROFESSOR/A	1.498.700	R\$12.888.820,00
TOTAL	1.519.129	R\$13.355.826,94

O volume apresenta uma abertura em que são apresentados os principais objetivos de cada unidade, ao todo são seis. Cada abertura de unidade apresenta o tema a ser trabalhado,

juntamente com as competências gerais e específicas e as habilidades de Língua Portuguesa. Essas unidades apresentam as seções “Ler o mundo”, “Leitura”, “Pensar e compartilhar”, “Pensar a língua”, “#nósnaprática”, “#paraexplorar”, “Ler”. A seção “Para fazer junto” faz parte das unidades 2, 4 e 6, com o objetivo de promover um trabalho colaborativo. Os boxes - “#sobre”, “#fícaadica”, “#saibamais”, “#paralembrar” e “conceito” - oferecem um suporte ao estudo dos/as estudantes. Os textos literários são distribuídos ao longo das unidades, de acordo com os assuntos tratados.

De acordo com a autora e o autor, o processo de construção dessa coleção se dá em articulação com os volumes de Linguagens e suas Tecnologias, por meio do conceito de jogo discursivo, em que a interação entre sujeitos é permeada pela linguagem usada nos diversos campos de atuação. Assim, em cada unidade, o texto, literário ou não, adquire uma especificidade, seja para entender o leitor previsto para cada gênero ou que cada texto carrega em si um posicionamento e que, também, é expressão, abrindo possibilidades para se pensar o mundo e refletir sobre ele, bem como tratar da alteridade, de como é a percepção de um dado enunciado por outro interlocutor. Logo o estudo da literatura se desenvolve por meio das seguintes temáticas: “Todo leitor é autor, todo autor é leitor” (unidade 1); “A ficção defende ideias” (unidade 2); “O verso, o controverso: o que pode a poesia” (unidade 3); “Reinvenções do herói e a descoberta de si” (unidade 4), “A vida encenada” (unidade 5) e “Mistérios e ficção” (unidade 6). De acordo com a autora e o autor, o jogo discursivo no campo artístico-literário é desenvolvido da seguinte forma na coleção

[...] são trabalhados a crônica, o conto, o poema, o romance e o teatro. Como apoio aos volumes de Linguagens e suas Tecnologias e a todo o volume de Língua Portuguesa, a Unidade 1, ao tratar da figura do leitor, observa como leituras e leitores constroem uma linha no tempo em que é possível observar tradições e rupturas - aquilo que se persegue e se repete de modo ressignificado (temas, estilos, opções estéticas em geral) e aquilo com que se rompe. Como forma de evidenciar esse aspecto, organiza um quadro cronológico com os diferentes estilos literários ao longo dos séculos. Esse quadro permite situar as produções no tempo, apesar de os textos selecionados privilegiarem a contemporaneidade. (Campos, Oda, 2020, p. 326-327)

O volume apresenta um total de 22 textos literários distribuídos nos gêneros poema, romance, conto, crônica, microconto e peça teatral. Desses textos apenas 3 são de autoria de escritoras brasileiras. O trecho do romance “Quarenta dias”, de **Maria Valéria Rezende**, é apresentado na unidade 4, “Contar e pensar o mundo”, ao tratar do assunto “Reinvenções do herói e a descoberta de si”. O conto “Natal na barca”, de **Lygia Fagundes Telles**, é

apresentado na unidade 6, ao abordar o tema “Mistério e ficção”. O microconto, sem título, de **Bibi da Pieve**, está inserido em uma atividade sobre postagens de redes sociais.

Os outros 19 textos literários pertencem a escritores brasileiros e estrangeiros. Os escritores brasileiros são:

Antônio Prata

Augusto de Campos

Carlos Drummond de Andrade

Dias Gomes

Ferreira Gullar

Jefferson Vasques

José Paulo Paes

Olavo Bilac

Ronaldo Azeredo

Os escritores estrangeiros são:

Dante Alighieri

Gabriel García Márquez

Howard Phillips Lovecraft

Julio Cortázar

Valter Hugo Mãe

O que se percebe nesta coleção, é a forma superficial com que é tratado o estudo da literatura brasileira. Os escritores, brasileiros ou estrangeiros, permanecem ocupando um espaço majoritário. É interessante perceber as ausências de escritores/as que eram habituais nos estudos literários do PNLD 2018, como Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz entre outros/as. Não há referências a obras de escritores brasileiros negros como Cruz e Sousa e Lima Barreto, muito menos a escritoras brasileiras negras. Como há um trabalho articulado entre essa coleção e os volumes da Área de Linguagens e Tecnologias, como apontado pela autora e pelo autor, pode ser que a variedade de obras e escritores apresentem-se em um maior quantidade e diversidade nesses volumes. No entanto, essa coleção permanece priorizando um saber, o hegemônico.

5.3.3 - Editora Saraiva - Coleção *Práticas de Língua Portuguesa*



Fonte: [pnl2021_didatico/componente-curricular/pnl2021-obj2-lingua-portuguesa](https://pnl2021.educacao.gov.br/pnl2021-obj2-lingua-portuguesa). Acesso em 07 set. 2023

A coleção *Práticas de Língua Portuguesa*, de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior, ocupou o terceiro lugar em termos de tiragem, 1.286.737 unidades, e vendagem total, R\$11.673.816,75, em relação ao PNLD 2021.

COLEÇÃO “PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”		
CATEGORIA	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
LIVRO DO/A ALUNO/A	17.659	R\$505.930,35
LIVRO DO/A PROFESSOR/A	1.269.078	R\$11.167.886,40
TOTAL	1.286.737	R\$11.673.816,75

A coleção é estruturada em 6 unidades. Cada unidade é constituída pelas seguintes seções: “Abertura”, que apresenta o título da unidade, uma imagem e os objetivos e

justificativas de aprendizagem; “Perspectivas”, que inicia o trabalho com o tema a ser desenvolvido na unidade; dois capítulos, com sequências distintas de atividades; “Palavras em liberdade”, que “Meu portfólio”, que avalia e autoavalia os estudos feitos em cada unidade.

O estudo da literatura é desenvolvido na seção “Práticas de leitura e análise literária” e objetiva contribuir para a formação do leitor literário mediante a apreciação estética de obras de diferentes autores, desenvolvendo assim o gosto pela leitura dos textos literários. O volume possui 61 textos literários distribuídos entre poemas, contos, romances, crônicas, relatos de viagem, carta e narrativa indígena. Desses textos literários, 19 pertencem a escritoras, brasileiras e estrangeiras.

Aqui, torna-se importante ressaltar o espaço que as escritoras brasileiras negras possuem nesta coleção. A escritora **Carolina Maria de Jesus** possui um trecho de seu diário “Quarto de despejo: diário de uma favelada” na seção “Práticas de Produção de Texto”, do capítulo 2, “Diário Pessoal”, da unidade 1. O box “Clube de Leitura”, ao tratar da temática da exclusão social, sugere, além da obra de **Carolina Maria de Jesus**, a obra de **Esmeralda do Carmo Ortiz**, “Por que não dancei?” entre outros escritores brasileiros.

Ao tratar do “Poetry Slam” na seção “Práticas de leitura e análise literária” no capítulo 1, da unidade 2, a coleção dá voz a escritoras brasileiras negras como **Anna Suav**, com o poema “O sistema é bruto, mas eu sou muito mais eu”; **Cristal Rocha**, com o poema “Coisa de preto”; **Carol Dall Farra**, com o poema “Poesia é palavra ilimitada”; além de Tom Brito, com o poema “Liberdade”.

Ao abordar a literatura nas redes sociais, na seção “Práticas de leitura e análise literária”, do capítulo 2, da unidade 2, a escritora **Ryane Leão** é apresentada, por meio de uma entrevista, como “escritora negra e lésbica” e ao falar sobre sua formação, diz ter sido aluna bolsista em um colégio de padres e que ninguém falava com ela por ser pobre. O fato de ser negra, lésbica e pertencente a uma classe social menos privilegiada, demonstra o quanto a mulher negra encontra dificuldades de ter visibilidade ao ser atravessada pelas questões de gênero, raça, classe social e orientação sexual. Nesta coleção, todas essas questões foram expostas de forma a agregar às suas produções textuais, no caso os poemas. A escritora possui 6 poemas: “Meu silêncio”, “Você se aproxima”, “Você diz que é lindo me ver lutar”, “da importância de encarar a si mesma” e “nós olhamos o mesmo céu”.

A escritora **Maria Firmina dos Reis**, possui um trecho do romance “Úrsula” na seção “Práticas de leitura e análise literária”, do capítulo 2, da unidade 3, ao tratar das “Escritoras

no Brasil do século XIX”. O trecho, em questão, é emblemático, pois trata do relato da personagem escravizada Susana sobre sua trajetória do continente africano até o Brasil.

Ao abordar as temáticas “Literaturas africanas de língua portuguesa” “A literatura engajada”, na seção Práticas de leitura e análise literária”, do capítulo 2, da unidade 6, traz o poema “Em torno da minha baía”, da escritora santomense Alda Espírito Santo, também uma escritora negra.

Nesse sentido, a coleção consegue abordar duas temáticas importantes sobre a visibilidade das escritoras brasileiras nos livros didáticos de língua portuguesa. A primeira é o reconhecimento da produção literária de escritoras anterior ao Modernismo brasileiro, visto que o romance “Úrsula” é um entre os muitos produzidos no século XIX. A segunda é a visibilidade às escritoras brasileiras negras, seja no século XIX ou na contemporaneidade. Por meio da interseccionalidade, as escritoras brasileiras negras conseguiram ter visibilidade. A literatura negra não foi retratada apenas pelos escritores brasileiros ou escritores/as de países africanos/as, como no caso de Alda Espírito Santo, como vinha ocorrendo nos livros didáticos de língua portuguesa analisados, seja no PNLD de 2018, seja no PNLD de 2021. Bem como a produção literária de escritoras brasileiras deixou de ser exclusividade do pequeno grupo pertencente ao cânone literário.

As outras escritoras brasileiras que possuem textos nesta coleção são **Lílian Maia**, com o poetriz “Doa-se”; **Adriana Falcão**, com o microconto “Ali deitada, divagou”; **Adélia Prado**, com o poema “Janela”; **Clarice Lispector**, com o conto “Tentação”. As escritoras estrangeiras presentes são Beatriz Sarlo, com o relato de viagem “Viagens da Amazônia às Maldivas”; Adèle Toussaint-Samson, com o relato de viagem “Uma parisiense no Brasil”; Helen Fielding, com um trecho do romance “O diário de Bridget Jones”. No box “Fica a dica”, duas escritoras possuem obras indicadas para leitura, a escritora brasileira **Maria Tereza Maldonado**, com o romance “A face oculta”, e a francesa Emmanuelle Laborit, com a sua autobiografia “O grito da gaivota”.

O escritores brasileiros são:

Alphonsus de Guimaraens

Aluísio Azevedo

Carlos Drummond de Andrade

Cassiano Ricardo

Cruz e Sousa

Dyonélio Machado

Gonçalves Dias
Goulart Gomes
Graciliano Ramos
Gregório de Matos
Gregório Duvivier
Haroldo de Campos
João Cabral de Melo Neto
João Guimarães Rosa
Joaquim Manuel de Macedo
José Aparecido Cauneto
José de Alencar
Machado de Assis
Mário de Andrade
Oswald de Andrade
Thiago de Mello
Vinícius de Moraes

Os escritores estrangeiros são:

Agostinho Neto
Antoine de Saint-Exupéry
Eduardo Galeano
Fernando Pessoa
Hans Staden
José Craveirinha
José Luandino Vieira
Louis Aragon
Luís Vaz de Camões
Mia Couto
Paio Soares de Taveirós
Pero Vaz de Caminha
Tristan Tzara.

A narrativa indígena “O sapo encantado” presente na coleção na seção “Práticas de leitura”, do capítulo 1, da unidade 6, foi escrita por estudantes indígenas do povo Kaxinawá,

presente no livro “Shenipabu Miyui: história dos antigos”, organizado por professores indígenas do Acre.

A coleção “Práticas de Língua Portuguesa”, mesmo que ainda priorize textos literários de escritores brasileiros ou estrangeiros, oferece uma diversidade de obras e escritores/as. Assim como há espaço para os/as escritores/as brasileiros/as do cânone literário, é possível notar textos literários de escritoras brasileiras negras contemporâneas e dos séculos XIX e XX, motivo desta pesquisa, que não levanta apenas questões de gênero e raça, mas também, sutilmente, questões relacionadas à classe social e à orientação sexual. A literatura indígena também ganha um espaço nesta coleção. Isso permite com que um maior número de professores/as e estudantes se identifiquem e se sintam representados por meio desses/as escritores/as. Dessa forma, é possível perceber uma proposta de ecologia de saberes, onde a variedade de escritores/as permitem que textos literários advindos de um maior número de grupos sociais possam ter visibilidade em um suporte, como o livro didático.

5.3.4 - Editora Ática - Coleção *Estações: Língua Portuguesa*



Fonte: [pnl2021_didatico/component-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa](https://pnl2021.educacao.br/component-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa). Acesso em 08 set. 2023

A coleção *Estações - Língua Portuguesa: Rotas de Atuação Social*, de Fernanda Pinheiro Barros, Luciana Mariz, Ludmila Coimbra, Lyvia Barros, Camila Sequetto Pereira, Inara de Oliveira Rodrigues, Janice Chaves Marinho e Luiza Santana Chaves, ocupou a quarta colocação em número de tiragem e venda totais de obras didáticas do PNLD 2021. A tiragem total foi de 544.461 unidades de livros para estudantes e professores/as, arrecadando o valor total de R\$5.286.038,94.

COLEÇÃO “ESTAÇÕES - LÍNGUA PORTUGUESA: ROTAS DE ATUAÇÃO SOCIAL”		
CATEGORIA	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
LIVRO DO/A ALUNO/A	7.294	R\$247.412,48
LIVRO DO/A PROFESSOR/A	537.167	R\$5.038.626,46
TOTAL	544.461	R\$5.286.038,94

A coleção é estruturada em 15 capítulos, que se organizam em seções e boxes. Cada capítulo apresenta as seções “Abertura” (introduz o capítulo, apresenta o campo de atuação e o tema norteador, os principais objetivos e justificativas); “Embarque” (mobiliza conhecimentos prévios dos/as estudantes); “Viagem” (como dizem as autoras, é o coração do capítulo e é dividida em subseções chamadas “Paradas”); “Desembarque” (encerra o capítulo, e incentiva os/as estudantes a produzirem gêneros e eventos variados a partir do que aprenderam). Os boxes são “Na BNCC” (indica as competências gerais e específicas e habilidades trabalhadas em cada capítulo); “Dica” (apresenta uma dica, informação ou esclarecimento); “Biografia” (dados biográficos dos artistas); “Bagagem” (retoma, aprofunda, amplia e sistematiza conhecimentos); “Balcão de informações” (apresenta explicações e curiosidades adicionais); “Vale visitar” (sugere sites com artigos, reportagens, filmes sobre o assunto estudado); “Entretenimento a bordo” (indica livros, sites, filmes e séries relacionados à temática do capítulo). O “Conexões” é um apêndice com atividades de múltipla escolha do ENEM, vestibulares e concursos públicos. Os capítulos 3, 5, 8, 10, 13 e 15 possuem como campo de atuação, o artístico-literário. Os capítulos 3, 8 e 13 possuem uma subseção, ainda, intitulada “Meu livro de viagem” em que é proposta a leitura na íntegra de livros literários (o romance “Ana Z. aonde vai você”; o romance “Úrsula”; a *graphic novel* “Grande sertão: veredas”).

De acordo com as autoras, o trabalho com a literatura nesta coleção possui os objetivos de ampliar o repertório de leituras literárias dos/as estudantes e estimular a criação de textos estéticos em suas mais variadas expressões e gêneros. Nesse sentido, a seleção dos textos literários teve como critério a diversidade, representada pela produção literária de grupos sociais distintos (escritores/as do cânone, contemporâneos/as, indígenas, portugueses, africanos e latino-americanos). Esses objetivos são expostos na “Apresentação” da obra didática aos/as estudantes, quando as autoras esperam que os/as estudantes possuam um aprendizado diversificado da Língua Portuguesa, que inclui o estudo da literatura.

Este volume foi criado com o objetivo de proporcionar a você caminhos de aprendizado diversificados pelo universo da Língua Portuguesa. [...] Também vai explorar textos das literaturas de língua portuguesa, sejam elas de origem brasileira, indígena portuguesa ou africana. [...]

Por meio do contato com diversas manifestações artísticas e culturais, em especial com a literatura, vai ainda ampliar seu repertório, compreendendo os contextos de criação e circulação das obras trabalhadas, exercitando a fruição crítica e estética e explorando as possibilidades expressivas e criativas da linguagem [...] (Barros et al. 2020, p. 3)

Essa obra didática possui 38 textos literários distribuídos entre os gêneros poemas, romances, crônicas, cordel. Desses, 10 pertencem a escritoras brasileiras e estrangeiras. Os outros 28 textos literários pertencem a escritores brasileiros e estrangeiros. Os textos literários selecionados conseguem demonstrar a variedade de grupos sociais distintos que produzem literatura, como proposto pelas autoras.

Desses textos literários, 3 pertencem a escritoras brasileiras negras. A escritora **Conceição Evaristo** possui o poema “Da calma e do silêncio” na subseção “4ª Parada”, “O fazer poético de Conceição Evaristo”, da seção “Viagem”, do capítulo 3, “Conversas de verso e prosa”. A escritora **Maria Firmina dos Reis** tem seu romance “Úrsula” como indicação de literatura do século XIX, da subseção “Meu livro de viagem”, do capítulo 8, “Viajar é preciso”. Além disso, algumas informações relevantes sobre a obra e a escritora são destacadas, como um dos primeiros romances abolicionistas e o primeiro escrito por uma mulher negra. Os/as estudantes são convidados a escrever uma *fanfic* sobre a obra de Maria Firmina dos Reis. O poema “Tridente, o meu pente”, de **Cristiane Sobral**, está presente na “4ª Parada”, “Poesia Afro-brasileira e a(s) africanidades(s)”, da seção “Viagem”, do capítulo 15, “Somos plurais e diferentes”.

Outras escritoras, brasileiras e estrangeiras, também estão presentes nesta coleção. As brasileiras são **Marina Colasanti**, com um fragmento do romance “Ana Z., aonde vai

você?"; **Fernanda Young**, com a crônica “Para o pequeno príncipe”; **Lygia Fagundes Telles**, com o conto “O encontro”; **Clarice Lispector**, com o conto “O primeiro beijo”. Já as estrangeiras são a paraguaia Susy Delgado, com o poema “Junto al fuego”; a cabo-verdiana Vera Duarte com o poema “A alma” e a crônica “Emigração Clandestina”.

O escritores brasileiros presentes são:

Ariano Suassuna

Augusto dos Anjos

Basílio da Gama

Carlos Drummond de Andrade

Castro Alves

Casimiro de Abreu

Cruz e Sousa

Gregório de Matos

João Guimarães Rosa

João Melquíades Ferreira

Leandro Gomes de Barros

Machado de Assis

Manoel de Barros

Oswald de Andrade

Os escritores estrangeiros são:

Antonie Saint-Exupéry

Fernando Pessoa

Horácio Quiroga

Luís Vaz de Camões

Pero Vaz de Caminha

A literatura indígena possui um espaço importante nesta coleção, com a presença de obras literárias de uma escritora e de um escritor indígenas. A escritora **Márcia Wayna Kambeba**, possui o poema “Ser indígena - ser Omágua” na 1ª Parada, “Resistir é viver!”, da seção “Viagem”, capítulo 15, “Somos plurais e diferentes. O escritor **Daniel Munduruku** tem uma crônica, “Voltando para casa” na 2ª Parada, “Origens e regressos”, da seção “Viagem”, do capítulo 8, “Viajar é preciso!”.

Logo, a coleção *Estações - Língua Portuguesa: Rotas de Atuação Social* cumpre seus objetivos ao proporcionar aos/às professores/as e aos/às estudantes o contato com textos

literários produzidos por diferentes grupos sociais, entre eles o das escritoras brasileiras negras, que ganham visibilidade por meio das obras literárias de **Conceição Evaristo**, **Cristiane Sobral** e **Maria Firmina dos Reis**.

5.3.5 - Editora SM - Coleção *Ser Protagonista - A voz das juventudes: Língua Portuguesa*



Fonte: [pnl2021-didatico/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa](https://pnl2021.educacao.gov.br/pnl2021-didatico/componente-curricular/pnld-2021-obj2-lingua-portuguesa). Acesso em 08 set. 2023

A coleção *Ser Protagonista - A voz das juventudes: Língua Portuguesa* é uma obra coletiva - Andressa Munique Paiva (editora responsável); Amanda Moreno; Andrea Gomes de Alencar; Greta Marchetti; Lívia Bueloni Gonçalves; Mirella Cleto; Wilker Sousa - que ficou em quinto lugar em termos de tiragem e vendas em relação ao PNLD 2021. A tiragem total de livros para professores/as e estudantes foi de 538.554 e o valor total de R\$5.092.923,06.

COLEÇÃO “SER PROTAGONISTA - A VOZ DAS JUVENTUDES: LÍNGUA PORTUGUESA”		
CATEGORIA	TIRAGEM TOTAL	VALOR TOTAL ARRECADADO (R\$)
LIVRO DO/A ALUNO/A	2.682	R\$77.161,14
LIVRO DO/A PROFESSOR/A	535.872	R\$5.015.761,92
TOTAL	538.554	R\$5.092.923,06

O livro didático é estruturado em 6 unidades. Cada unidade é dividida pelas seções iniciais, que contempla a “Abertura” e a “Introdução”; pelas seções de capítulos, que apresenta as subseções “Sua leitura” e “Sua voz no mundo”; pelas seções finais, que engloba as subseções “Núcleo de estudos de pesquisas”, “Incubadora”, “Enem e vestibulares”, “Avaliando”; e final do volume com o “Anexo da BNCC”. Além disso há os boxes: “Saiba mais”, “Para explorar”; “Ação e cidadania”; “Glossário”; “É bom lembrar”; “Linguagem em foco”; “Repertório”; “O que você pensa disso?”; “Margens do texto”; “Autor”. e “Laboratório multimídia”. As unidades ímpares possuem um foco maior nas habilidades do campo artístico-literário.

Segundo as autoras, o ensino da literatura possui os objetivos de contribuir para a formação do leitor literário, incentivar a leitura de obras de diferentes épocas e origens e ser agente de promoção do acesso à literatura como um direito humano a ser garantido. A seleção dos textos literários levou em consideração a diversidade, visto que há textos canônicos da literatura brasileira, obras da tradição lusófona, produções periférico-marginais, literatura contemporânea, indígena, africana e latino-americana. Na “Apresentação” da coleção aos/às estudantes, a equipe editorial explica sobre o estudo da literatura

[...] Nas unidades ímpares, você vai entrar em contato com textos literários. Isso significa conectar-se com questões que caracterizam a experiência humana em diferentes épocas e que enriquecem seu repertório cultural. Assim, você vai acompanhar como escritores experimentaram e ampliaram as possibilidades de expressão e relacioná-los com obras de outros períodos, contextos e enfoques. (Equipe editorial, 2020, p. 3)

A coleção possui ao todo 40 textos literários distribuídos nos gêneros poema, romance, crônica, conto e auto. As escritoras, brasileiras e estrangeiras, possuem 11 textos literários, os outros 29 pertencem aos escritores, brasileiros e estrangeiros.

A literatura produzida por escritoras brasileiras negras está presente em 3 textos literários. A escritora **Conceição Evaristo** possui o poema “Meu rosário”, na subseção “Sua leitura”, do capítulo 2 “Literatura Negra: Resistência e (Re)Existência pela Palavra”, da unidade 1, “Diversidade e identidade”. A escritora **Jéssica Marcele** possui um poema transcrito, “Cês nunca vai sabê o que é passá fome”, na subseção “Sua leitura”, do capítulo 2, “Protestos rimados: marca das juventudes”, da unidade 2, “As culturas juvenis e o consumo”. A escritora **Cidinha da Silva** possui a crônica “Absurdada”, na subseção “Enem e vestibulares”. Além dessas escritoras brasileiras negras, a escritora moçambicana Noémia Sousa tem o poema “Negra” na subseção “Sua Leitura”, do capítulo 2, “Literatura Negra: Resistência e (Re)Existência pela Palavra”, da unidade 1, “Diversidade e identidade”. Além de Chimamanda Adichie tem um trecho de seu discurso “O perigo de uma história única” reproduzido no box “O que você pensa disto?”. No box “Para explorar” há as indicações de livros “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, e “Eu sou favela”, organizado por Paula Anacaona.

As escritoras brasileiras, também, presentes nesta coleção são **Ana Cristina César**, com o poema “imagino como seria te amar”; **Clarice Lispector**, com o conto “Amor” e as crônicas “Declaração de Amor” e “Anonimato”; **Helena Morley**, com um fragmento do romance “Minha vida de menina”; **Hilda Hilst**, com o poema “Essa lua enlutada”; e **Maria Valéria Rezende**, um trecho do romance “Outros cantos”.

Os escritores brasileiros presentes na coleção são:

Aluísio Azevedo

Ariano Suassuna

Castro Alves

Cuti

Euclides da Cunha

Gonçalves Dias

Graciliano Ramos

João Guimarães Rosa

José de Alencar

José Paulo Paes

Machado de Assis

Mário de Andrade

Rodrigo Ciríaco

Olavo Bilac

Rubem Braga

Os escritores estrangeiros são:

Alexandre Dumas

Edgar Allan Poe

Eça de Queiroz

Fernando Pessoa

Gabriel García Márquez

José Saramago

Júlio Cortázar

Luís Vaz de Camões

Mia Couto

Pero Vaz de Caminha

Pablo Neruda

O escritor indígena **Olívio Jekupé** possui uma narrativa ,“O dia seguinte”, na subseção “Sua leitura”, do capítulo 1, “Literatura e identidade”, da unidade 1.

A coleção *Ser Protagonista - A voz das juventudes: Língua Portuguesa*, ao considerar uma seleção diversificada de textos literários e escritores/as, contemplou a produção literária de escritoras brasileiras negras contemporâneas. Escritoras como **Conceição Evaristo**, **Jéssica Marcelle** e **Cidinha da Silva** dão voz a um grupo social que anteriormente foi silenciado em virtude de ser considerada uma literatura canônica.

5.3.6 - A Visibilidade das Escritoras Brasileiras Negras nas coleções do PNLD 2021

As coleções analisadas do PNLD de 2021, por serem mais compactas, um único volume a ser usado durante os três anos do Ensino Médio apresentaram organizações distintas, apesar de terem como principal documento norteador a BNCC.

É interessante apontar que a coleção mais vendida deste PNLD - *Se liga nas linguagens: Língua Portuguesa* - da editora Moderna, não é uma obra didática inédita, visto que o autor e a autora, os mesmos do PNLD 2018, compactaram as informações da coleção *Se liga na língua: Literatura, Produção de texto e Linguagem*, que era três volumes, em um único volume no atual PNLD, fazendo alguns ajustes, como a retirada da parte de “Produção de texto”, alterando alguns títulos dos capítulos e agregando as competências e habilidades da

BNCC, gerais e específicas da área de Linguagens e suas tecnologias e do componente curricular Língua Portuguesa. O número de textos literários diminuiu, prevalecendo ainda em maior número de escritores brasileiros e estrangeiros, seguido das escritoras brasileiras, escritores brasileiros negros. A escritora Conceição Evaristo, única negra, presente na coleção. Aqui, percebe-se uma contradição na apresentação do PNLD 2021 no que se refere a ser uma obra inédita, haja vista que para as obras didáticas serem elaboradas, tiveram que se embasar na BNCC. Todavia, o que se observou foram as competências gerais, competências específicas e habilidades serem acrescentadas a uma obra já existente.

A coleção *Multiversos: Língua Portuguesa*, da editora FTD, foi a segunda mais vendida e a que menos investiu no estudo da literatura. Há poucos textos literários e nenhuma referência a escritoras brasileiras negras. O estudo da literatura parte essencialmente de um único ponto de vista, dos escritores brasileiros e estrangeiros. Mais uma obra didática que entra em contradição em relação ao que é estabelecido pela BNCC, pois em se tratando do estudo da literatura, ainda prevalece o que foi (e é) produzido pelo grupo hegemônico como referência literária em detrimento do apagamento de outros grupos sociais, como o das escritoras brasileiras negras. Nesse ponto, não há uma obra didática inédita, baseada na BNCC, mas sim a perpetuação do estudo da literatura visto no PNLD anterior, revestida pelas competências gerais, competências específicas e habilidades que regem a BNCC.

A coleção *Práticas de Língua Portuguesa*, da editora Saraiva, a terceira mais vendida, apresentou sete textos literários de escritoras brasileiras negras. Ao abordar a literatura do século XIX, os autores da obra didática deram visibilidade à escritora Maria Firmina dos Reis, não só como uma escritora desse tempo, mas por ser uma escritora brasileira negra. Outra escritora brasileira negra que possui uma atenção especial é Carolina Maria de Jesus. Ao apresentar textos literários de escritoras brasileiras da atualidade, como Anna Suav, Cristal Rocha, Carol Dall Farra e Ryane Leão, não apenas a questão de gênero e raça fica explícita, mas também de classe econômica-social e orientação sexual. A questão da interseccionalidade fica evidente nesta coleção, pois a visibilidade dada às escritoras negras não parte apenas da questão de gênero e de raça, mas também de questões relacionadas ao social, ao econômico e, também, à orientação sexual. A literatura produzida por mulheres no século XIX ganha visibilidade a partir de uma escritora negra. A literatura contemporânea apresenta jovens escritoras negras que trazem em seus textos temáticas que até então não se lia em livros didáticos.

A coleção *Estações - Língua Portuguesa: Rotas de Atuação*, da editora Ática, a quarta mais vendida, apresenta três textos literários de escritoras brasileiras negras. A literatura escrita por mulheres do século XIX obtém visibilidade por meio do romance “Úrsula”, da escritora brasileira negra Maria Firmina do Reis. As escritoras brasileiras negras Conceição Evaristo e Cristiane Sobral possuem poemas que falam sobre o fazer poético e sobre resistência. A visibilidade dada à literatura do século XIX por meio de uma escritora brasileira negra, Maria Firmina dos Reis, marca duas questões que foram negligenciadas no PNLD anterior, o silenciamento da literatura produzida por mulheres nesse período e o apagamento da produção literária de mulheres negras - seja no passado, seja na atualidade. A interseccionalidade evidencia-se nessa coleção como fator de visibilidade a esse grupo social.

A coleção *Ser Protagonista - A voz das juventudes - Língua Portuguesa* possui três textos literários de escritoras brasileiras negras e a indicação para leitura da obra da escritora brasileira negra Carolina Maria de Jesus. Os textos são das escritoras brasileiras negras Conceição Evaristo e Jéssica Marcele, que falam sobre as mazelas enfrentadas pela população negra. A escritora brasileira negra Cidinha da Silva possui uma crônica sobre o preconceito linguístico. Aqui, também, a questão interseccional dá visibilidade ao grupo de escritoras brasileiras negras.

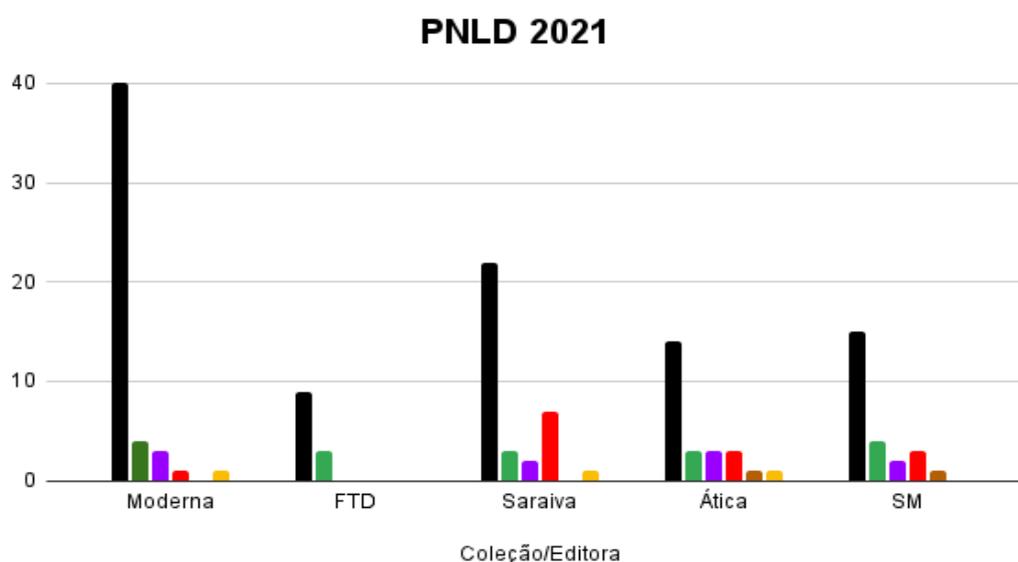
As coleções analisadas do PNLD 2021 demonstram ainda a prevalência do saber hegemônico em detrimento dos saberes de outros grupos sociais, ao privilegiar a literatura canônica brasileira escrita por homens, majoritariamente brancos e pertencentes a uma classe social privilegiada. A manutenção dessa perspectiva pode ser observada também quando se mantém o mesmo apagamento da literatura produzida por outros grupos sociais, como as mulheres negras, ou mesmo quando as inclui, justificando a diversidade a partir do multiculturalismo. O apagamento ou a inclusão das escritoras brasileiras negras nas coleções do PNLD 2021, ainda se faz dentro de um modelo que o panorama decolonial nomeou de colonialidade/modernidade, ou seja, os resquícios das relações de poder do período colonial ainda se mantém. O estudo da literatura brasileira nas duas coleções mais vendidas do PNLD 2021 demonstram isso, quando se mantém o apagamento da literatura brasileira produzida por mulheres negras.

Por outro lado, mesmo que a diversidade, proposta pela BNCC, apoie-se no multiculturalismo, a interseccionalidade tornou-se uma ferramenta importante nas coleções que deram visibilidade às escritoras brasileiras negras, pois não se universalizou os conceitos de “mulher”, representado pelas escritoras brasileiras brancas, e de “negro”, representando

pelos escritores brasileiros negros. Em algumas coleções foi possível perceber o resgate da literatura produzida por mulheres no século XIX e isso se deu pela escritora brasileira negra Maria Firmina dos Reis. Para além do que é produzido pelo saber hegemônico, a inclusão da literatura escrita por mulheres negras (e aqui faz uma referência também à literatura indígena), mesmo que em uma escala menor, amplia o conhecimento sobre quem produz (e produziu) na literatura brasileira, por mais que esteja subentendido nessa relação uma questão mercadológica, neoliberal, capitalista, com o objetivo da manutenção das relações de poder.

Dentro do panorama decolonial, para que houvesse uma ecologia de saberes - saberes diversos em um mesmo contexto; como no caso a produção literária de diversos grupos sociais em um mesmo suporte, como o livro didático - antes de tudo, torna-se necessário o questionamento crítico dos fatores - a racialização, a subalternização e a inferiorização - que perpetuam o pensamento hegemônico nos diversos espaços e materiais propagadores de ideologias, como o livro didático. Esse questionamento crítico se daria por aqueles que fazem uso desse material pedagógico, no caso os/as professores/as e os/as estudantes, ou seja, partiria dos sujeitos que utilizam o livro didático e não o contrário. Assim, no lugar do multiculturalismo se daria a interculturalidade crítica, que visa ao questionamento das bases do poder.

A seguir, o gráfico para melhor visualização sobre a presença das escritoras brasileiras negras nas coleções dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2018 em detrimento dos escritores brasileiros brancos, das escritoras brasileiras brancas e dos escritores brasileiros negros.



LEGENDA			
	ESCRITORES BRASILEIROS BRANCOS		ESCRITORAS BRASILEIRAS NEGRAS
	ESCRITORAS BRASILEIRAS BRANCAS		ESCRITORES BRASILEIROS INDÍGENAS
	ESCRITORES BRASILEIROS NEGROS		ESCRITORAS BRASILEIRAS INDÍGENAS

5.4 - Conhecendo as escritoras brasileiras negras presentes nos PNLDs 2018 e 2021

Ao conhecer, brevemente, a trajetória de vida das escritoras brasileiras negras e o percurso de cada uma para que suas produções literárias tivessem visibilidade é possível entender os apagamentos que tiveram ao longo da história literária brasileira, em especial, nos livros didáticos de língua portuguesa. Elas não faziam (e não fazem) parte do padrão estabelecido pelo cânone literário. Em sua maioria, são mulheres advindas de classes sociais populares, moradoras de favelas, bairros periféricos e, por algum tempo, até viveram nas ruas. Algumas sofreram os mais variados tipos de violência, além da fome, e tiveram contato com drogas lícitas e ilícitas. Em alguns casos tiveram pouco acesso à educação em detrimento de poucas que conseguiram chegar à educação superior. Todas essas questões de gênero, raça, classe social e econômica, orientação sexual, seriam suficientes para que todas elas desistissem do talento que possuem (ou possuíam) e confirmar para a sociedade que apenas um grupo social é produtor de uma literatura de qualidade. No entanto, devido aos movimentos de resistência que surgiram na própria literatura brasileira de coletivos e de editoras independentes, que se organizaram para publicar e divulgar a literatura produzida por escritores/as negro/as e, nos tempos atuais, com as redes sociais, hoje estão ilustradas nos livros didáticos de língua portuguesa.

A visibilidade dada às escritoras brasileiras negras demonstra um pequeno avanço em relação às coleções analisadas dos PNLDs 2018 e 2021. Enquanto no PNLD 2018 a literatura produzida por mulheres negras se dá apenas por uma escritora, Grace Passô, em apenas uma das cinco coleções analisadas; o PNLD 2021 apresenta uma maior diversidade de escritoras brasileiras negras presentes em quatro das cinco coleções analisadas - Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Esmeralda do Carmos Ortiz, Cristiane Sobral, Anna Suav, Cristal Rocha, Carol Dall Farra, Ryane Leão, Jéssica Marcele. Mesmo assim, essas presenças ocorrem de formas diferentes, em função de algumas escritoras brasileiras negras terem mais visibilidade do que outras. A maioria dessas

escritoras possuem imagens e uma breve biografia nas coleções em que aparecem, enquanto outras - como Grace Passô, Cidinha da Silva e Esmeralda do Carmo Ortiz - possuem fragmentos de seus textos para compor a parte teórica, constar como base para uma atividade e ter sua obra literária indicada como leitura. Assim, esta seção tem como principal objetivo apresentar essas escritoras, dada a importância que possuem para a literatura brasileira e por demonstrarem que a produção literária também é realizada por outros grupos sociais, além dos já cristalizados pelo cânone literário brasileiro.

As escritoras Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis foram as que mais tiveram visibilidade no PNLD 2021. Enquanto a primeira é apresentada em três coleções, a segunda aparece em duas. Mesmo sendo escritoras de épocas diferentes, somente nos últimos anos suas obras ganharam a repercussão merecida por suas qualidades. Em comum, produziram (e produzem) uma literatura que retrata a realidade da população negra brasileira, desde o período da colonização, com a escravização de povos africanos, aos dias atuais, dado que muitas dessas relações passadas ainda ecoam no presente.

Imagem 1 - Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis



Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

A escritora Conceição Evaristo é mineira, nascida em Belo Horizonte, de família pobre, chegou a trabalhar como doméstica. Na juventude mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez faculdade de Letras e tornou-se professora. Prosseguindo seus estudos, fez mestrado e doutorado. Sua estreia como escritora deu-se com a publicação de poemas na série *Cadernos Negros* na década de 1990. Possui uma técnica de escrita, nomeada *escrevivência*, em que ficcionaliza as suas vivências e as de outros/as pessoas em seus poemas, contos e

romances. Em 2015, conquistou o Prêmio Jabuti por sua obra *Olhos d'água*. Também escreveu Ponciá Vicêncio; Becos da memória; Poemas da recordação e outros movimentos; Insubmissas lágrimas de mulheres; Histórias de leves enganos e parecenças; Canção para ninar menino grande. Em 2018, candidatou-se à vaga da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, porém perdeu para Cacá Diegues. Possui obras traduzidas para o inglês, o alemão e o francês. Atualmente é uma das principais representantes da literatura negra produzida no país.

A escritora Maria Firmina dos Reis, uma das poucas escritoras brasileiras negras do século XIX, estava fadada ao esquecimento se um exemplar de seu romance *Úrsula* não estivesse em um lote de livros antigos adquirido pelo bibliógrafo e colecionador Horácio de Almeida. Tanto que a imagem mais próxima de sua pessoa é um busto feito em sua homenagem a partir de relatos de pessoas que conviveram próximas a ela e não a que usualmente é encontrada na internet, que na verdade se refere à escritora Maria Benedita Câmara Bormann (mais conhecida pelo pseudônimo “Délia”). A escritora nasceu em São Luís, Maranhão, em 1825. Era filha de escrava alforriada, porém sua família tinha posses modestas. Foi professora, fundou uma escola mista e contribuiu para a imprensa local. Segundo o site Literafro, o romance *Úrsula* é considerado o primeiro romance abolicionista de autoria feminina de língua portuguesa e, possivelmente, o primeiro romance publicado por uma mulher negra na América Latina. Nesse romance, os/as personagens negros/as ganham destaque ao refletirem sobre a realidade que os rodeia e, também, ao relatarem as agruras do processo de escravização pelas quais passaram. Também escreveu *Gupeva, A escrava* e *Cantos à beira-mar*.

Imagem 2 - Carolina Maria de Jesus e Cidinha da Silva

Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

As escritoras Carolina Maria de Jesus e Cidinha da Silva, assim como Conceição Evaristo, são mineiras, de Sacramento e Belo Horizonte, respectivamente. A escritora Carolina Maria de Jesus, embora tenha tido pouco estudo, sempre gostou de ler e escrever e fez de sua rotina sofrida e convivência com os vizinhos da favela do Canindé a sua obra mais importante *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Seus escritos foram publicados após o jornalista Audálio Dantas tê-la conhecido e se interessado pelo material que ela já tinha escrito. Carolina teve muita visibilidade na época, conseguindo ter uma vida melhor para ela e seus filhos, saindo inclusive da favela em que vivia, porém morreu quase esquecida. Possui três livros publicados em vida, mas nenhum com a mesma repercussão de *Quarto de despejo*, são eles *Casa de Alvenaria*, *Pedaços de fome* e *Provérbios*; além da obra póstuma, *O Diário de Bitita*. Há ainda obras inéditas da escritora. A escritora Cidinha da Silva graduou-se em História pela UFMG, além de escritora é editora da Kuanza produções. Possui 17 livros publicados, sendo o gênero crônica o mais trabalhado pela escritora, mas também desenvolveu outros gêneros, como contos, ensaios, dramaturgia e infanto-juvenil.

Imagem 3: Esmeralda do Carmos Ortiz e Grace Passô

Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

A escritora Esmeralda do Carmos Ortiz é paulistana e desde muito nova enfrentou grandes dificuldades, foi moradora da favela Vila Nova Cachoeirinha, ainda criança fugiu de casa por não suportar as violências que sofria. Viveu em situação de rua, foi usuária de drogas e chegou até a traficar, com vários registros policiais. Por meio de um projeto social consegue sair dessa vida. Tornou-se escritora, jornalista, cantora e compositora e transformou seu passado no livro *Esmeralda - Por que não dancei*. Também escreveu *O Diário da Rua* e *As Incríveis Histórias do Tio Barbudo*. A escritora Grace Passô é mineira, de Pirapora, e transformou a peça teatral *Por Elise* em um livro. Também é atriz, diretora e dramaturga. Foi cronista do jornal *O Tempo* e atuou em companhias teatrais de Belo Horizonte, atuando também no cinema. Foi indicada a vários prêmios, como Prêmio Shell. Em 2019, foi homenageada na Mostra Internacional de Cinema de Tiradentes. Ela foi a única escritora brasileira negra presente em uma coleção do PNLD 2018.

Imagem 4: Cristiane Sobral e Ryane Leão

Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

A escritora Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro. É escritora, dramaturga e poeta, além de ativista pelos direitos das mulheres negras. Ingressou no Ensino Superior aos 16 anos e foi a primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília (UnB). Desde 1998, trabalha como assessora de cultura para a Embaixada de Angola. A escritora publicou os seguintes livros: *Uma boneca no lixo*; *Dra. Sida*; *Não vou mais lavar os pratos*; *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*; *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*; *O tapete voador*; *Terra negra*; *Dona dos ventos*; *Amar antes que amanheça*. A escritora Ryane Leão nasceu em Cuiabá, mas vive atualmente em São Paulo. Também é professora e publicou o livro *Tudo nela brilha e queima*. Antes da publicação do livro, a escritora teve como principal suporte para divulgação de seus poemas as redes sociais. Escreve desde criança e em 2008 tornou seus poemas públicos ao frequentar saraus e fazer blogs.

Uma nova geração de escritoras brasileiras negras vem surgindo do SLAM, competição de poesias, em que os/as poetas/slammers precisam seguir alguns requisitos para declamarem seus poemas, geralmente, relacionados as suas vivências. As poetas/slammers Anna Suav, Cristal Rocha e Carol Dall Farra, que tiveram, inclusive, seus poemas como parte da antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, organizada por Mel Duarte e com prefácio de Conceição Evaristo. Assim como elas, Jéssica Marcelle é outra poeta e slammer que também ganhou visibilidade.

Imagem 5: Anna Suav e Cristal Rocha



Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

A poeta/slammer - também cantora de rap, jornalista, fotógrafa e produtora cultural - Anna Suav nasceu em Manaus, mas vive em Belém. É uma das criadoras do Slam Dandaras do Norte, formado por e para mulheres negras falarem sobre suas vivências. A poeta/slammer Cristal Rocha também possui trajetória parecida, entre o Slam e o rap. Nasceu em Porto-Alegre. Em uma competição de poesia realizada por um professor de sua escola, sagrou-se campeã. Em 2017 foi a campeã gaúcha de Slam, que permitiu participar do campeonato nacional. Publicou de forma independente o livro *Quando o Caso Escurece* com poemas autorais. É uma das idealizadoras do coletivo Poetas Vivos que teve origem no Rio Grande do Sul.

Imagem 6: Carol Dall Farra e Jéssica Marcele



Fonte: Composição da autora a partir de imagens retiradas da internet

A poeta/slammer Carol Dall Farra nasceu na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Também faz trabalhos como rapper e atriz. É uma das organizadoras do evento Slam

das Minas, dedicado às mulheres recitarem suas poesias. Foi uma das poetisas convidadas para realizar a primeira batalha de slam no Rock in Rio em 2019. É graduanda em Geografia pela UFRJ. A poeta/slammer Jéssica Marcele - também é performer, escritora e apresentadora. É integrante e co-idealizadora do Grupo PADRONizadas e do Coletivo Pilares, também co-autora do livro "Pilares: raízes espelhadas" publicado em 2019. Em 2021 formou-se na Escola Livre de Teatro de Santo André e compôs a antologia de dramaturgias intitulada "Teatro íntimo: monólogos minimalistas". Poeta-Slammer, participou do SLAM SP 2019. Atualmente, é colaboradora de dramaturgia no processo criativo do projeto "Desmascarados: desconstruindo o rei da vela" junto da Bendita Trupe e, como Mestre de Cerimônias, apresenta o "Slam Delas" (batalha de poesia falada entre mulheres poetisas de países lusófonos).

É interessante notar que mesmo diante das adversidades impostas pela vida, as escritoras brasileiras negras fizeram (e fazem) parte do processo de construção da literatura brasileira ao longo do tempo. Produziram (e produzem) uma literatura que muitas vezes retrata uma realidade dura vivenciada pela maioria da população brasileira negra e que não é vista, ou melhor, lida na literatura canônica, que, muitas vezes, apresenta um/uma personagem negra estereotipado/a, sem voz, sendo apenas um/a figurante.

Considerações finais

A presença das escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio é um sinal de que pequenas mudanças ocorreram em relação ao estudo da literatura disponibilizado nas obras didáticas do PNLD 2021. Se antes as escritoras brasileiras negras foram fadadas ao esquecimento, é possível notar a presença de pelo menos uma delas em quatro das cinco coleções analisadas, com exceção da coleção *Multiversos: Língua Portuguesa*, da editora FTD. Entretanto, a inclusão dessas escritoras brasileiras faz-se dentro da lógica multicultural, que trata a diversidade não como um reconhecimento de outros saberes, além do hegemônico, mas com uma visão mercadológica e de controle, que vai de encontro ao pensamento decolonial.

O pensamento decolonial é uma teoria que busca dar visibilidade aos saberes que foram silenciados e esquecidos pela matriz da colonialidade/modernidade, que nada mais é que a continuidade dos padrões de poder existentes no período colonial, mesmo com seu término. Ao reconhecer os saberes que foram considerados inferiores e marginalizados, a perspectiva decolonial não visa a excluir o saber hegemônico, força motriz da colonialidade/modernidade, presente em todos os setores do mundo ocidental, incluindo as formas de arte, como a Literatura, mas visibilizar esses outros saberes. Ao visibilizar esses outros saberes, é possível entender que a dinâmica desses saberes não é estabelecida em uma relação dual, de superioridade/inferioridade, como no pensamento abissal, mas em uma ecologia de saberes.

Entretanto, percebe-se nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio que a diversidade de escritores e de escritoras brasileiras não se dá de forma igualitária. Ainda prevalece a literatura canônica brasileira, mesmo que a BNCC proponha o estudo de outras literaturas (afro-brasileira, africana e indígena), que para os estudos decoloniais, poderiam ser associadas a uma ecologia de saberes, uma vez que pretende dar espaço a outros saberes literários, isso não ocorre. A inclusão dessas outras literaturas presentes nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio não se dá pelo reconhecimento e importância para o processo de construção da literatura brasileira, mas por contemplar uma ou outra habilidade da BNCC, quando isso acontece.

Apesar do pensamento hegemônico ainda prevalecer no processo de elaboração dos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio, é notória a presença da teoria interseccional, que propiciou a presença das escritoras brasileiras negras em quatro das cinco

coleções analisadas. A coleção *Práticas de Língua Portuguesa*, da editora Saraiva, foi a que mais evidenciou a interseccionalidade, ao visibilizar escritoras brasileiras negras, que além do cruzamento das questões de gênero e de raça, trouxeram à tona questões relacionadas à orientação sexual e à classe econômica e social.

Além disso, por meio das escritoras brasileiras negras, mais especificamente da escritora Maria Firmina dos Reis, duas coleções - *Práticas de Língua Portuguesa*, da editora Saraiva, e *Estações - Língua Portuguesa: Rotas de Atuação* - contemplam a literatura produzida por mulheres no século XIX. Nota-se que ainda não há um interesse das editoras em resgatar e visibilizar as escritoras brasileiras dos séculos anteriores ao XX em suas coleções, mesmo que grupos de pesquisa de universidades brasileiras se debruçam sobre esse assunto, recuperando obras literárias e suas respectivas autoras, como é o caso do grupo liderado por Constância Duarte.

Nesse contexto, da predominância do saber hegemônico, na constituição dos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021, a movimentação financeira que envolve a venda desses livros didáticos ao governo federal é um fator que não pode ser ignorado. As duas coleções mais vendidas no PNLD 2021 - *Se liga nas linguagens: Língua Portuguesa*, da editora Moderna, e *Multiversos: Língua Portuguesa*, da editora FTD - foram escolhidas por um grande número de professores/as de língua portuguesa e muito pouco apresentaram em termos mudanças em relação ao estudo de literatura das obras didáticas do PNLD 2018. A editora Moderna sequer se deu ao trabalho de criar uma obra a partir dos preceitos da BNCC, apenas aproveitou e readequou a coleção do PNLD 2018 e a editora FTD pouco explorou do campo artístico-literário em seu volume. Isso quer dizer que esses/as professores/as, que escolheram essas duas coleções, continuarão a lecionar os conteúdos relacionados ao estudo de literatura praticamente da mesma maneira quando usavam as obras didáticas do PNLD 2018. Uma literatura brasileira canônica representada principalmente pelos escritores brasileiros, e como no caso da coleção da editora FTD, sem nenhuma referência à literatura escrita por mulheres negras.

Portanto, à luz da teoria decolonial, ao se analisar a presença das escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa do Novo Ensino Médio, percebe-se que ainda prevalece o pensamento hegemônico, transvestido de uma diversidade denominada multiculturalismo, que ao incluir grupos sociais antes esquecidos, como o das escritoras brasileiras negras, visa à manutenção do *status quo* no estudo da literatura brasileira.

A fim de que mudanças maiores e profundas ocorram no futuro - na forma de se dar visibilidade a grupos sociais marginalizados, como o das escritoras brasileiras negras nos livros didáticos de língua portuguesa - torna-se necessário, que a diversidade não seja entendida sob uma concepção multiculturalista, mas a partir de um entendimento que questione o modelo hegemônico e dê visibilidade aos outros saberes que foram silenciados ao longo de nossa história. Nesse sentido, a interculturalidade crítica, como instrumento pedagógico decolonial, ao evidenciar outros modos de ser, viver, saber e questionar o padrão de poder que os invisibiliza, faz com que essas diferenças dialoguem em um marco de equidade e respeito. Assim, os diferentes grupos sociais que produzem literatura brasileira, como o das escritoras brasileiras negras, mais do que incluídos, terão respeitados seus saberes.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2022. P. 17; 63.

AMARAL, Emília et al. *Novas Palavras*. 3 ed. São Paulo: FTD, 2016.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro colonial. *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BARRETO, Ricardo Gonçalves et al. *Ser Protagonista: Língua Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: SM, 2016.

BARROS, Fernanda Pinheiro et al. *Estações: Língua Portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. PNLD 2018: *Língua Portuguesa - guia de livros didáticos - Ensino Médio/Ministério da Educação - Secretaria de Educação Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. PNLD 2021: *Língua Portuguesa - guia de livros didáticos - Ensino Médio/Ministério da Educação - Secretaria de Educação Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2020.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Congresso Nacional, 2008.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileir”, e dá providências. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Congresso Nacional, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. P. 9, 10; 14, 15; 32; 462; 480-482; 495; 513, 514.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. *Como produzir textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 76; 83.

CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda. *Multiversos: língua portuguesa : ensino médio / Maria Tereza Rangel Arruda Campos, Lucas Kiyoharu Sanches Oda. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2020.*

CARVALHO, José Teófilo de. *O livro didático digital de matemática para os anos iniciais do ensino fundamental no Programa Nacional do Livro Didático 2017*. Tese (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2021.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*. 1 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2016.

CRUZ, Angélica Maria Vieira Cruz; NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. *As leis 10639/03 e 11645/08: perspectivas e debates no campo da Antropologia da Educação*. Revista Vozes, Pretérito e Devir. ano VII, vol. XI, nº II, 2020. p. 219.

DALVI, Maria Amélia. *À Beira do Abismo: o que nos dizem as dissertações e teses sobre a literatura no livro didático de ensino médio*. In: BUNZEN, Clécio (org.). Livro didático de português: políticas, produção e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. P. 219-220

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021. P. 35

DIAS, Isabella Soares de Almeida. *Possibilidades críticas em cursos livres de inglês: o livro didático como possível instrumento de transformação*. Dissertação (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2020.

DUARTE, Constância Lima. *Memorial do Memoricídio: escritoras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. P. 15, 16; 18.

ELISBON, Eudma Poliana Medeiros. *A mulher e o feminino em livros didáticos contemporâneos de literatura para o ensino médio*. Tese (Letras). Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. P. 8-9.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto; JÚNIOR, José Hamilton Maruxo. *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*. 3 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2016.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto; JÚNIOR, José Hamilton Maruxo. *Práticas de Língua Portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

HELLMANN, Risolete Maria. *Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13, 2017, Florianópolis. Anais Eletrônicos [...], Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETEMARIAHELLMANN.pdf. Acesso em: 16 fev.. 2023.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. P. 60; 67; 74.

MACHADO, R.C.M.; SILVA, D.V.S. *Ensino de literaturas e decolonialidade: por uma educação literária democrática*. Gragoatá, Niterói, v. 26, n.56, p. 1207-1240, 2021. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49166>>

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007. MINAYO, M. C. S (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2016. P. 35; 57.

MIRANDA, Dayse Garcia. *A multimodalidade no ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: análise do uso do livro didático adaptado em libras*. Tese (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2019.

MORENO, Amanda *et al.* *Ser Protagonista: a voz das juventudes: língua portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2020.

MUNAKATA, Kazumi. *O livro didático: alguns temas de pesquisa*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas-SP, n. 3, v. 12 p. 179-197, set./dez. 2012. DOI: <https://dx.doi.org/10.4322/rbhe.2013.008>

NASCIMENTO, Rosilene Maria Nascimento. *Não nos ignorem: representações discursivas sobre as juventudes nos livros didáticos destinados à educação de jovens e adultos/ensino fundamental*. Dissertação (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2022.

OLIVEIRA, Paula Ricelle de Oliveira. *Análise do discurso de professores e alunos sobre o livro didático de história em uso*. Tese (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2020.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: Literatura, Produção de Texto, Linguagem*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga nas linguagens: português* 1. ed. São Paulo : Moderna, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. P. 88; 91.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005b.

REPOLÊS, Maria Catarina Paiva. *Coleções didáticas de língua inglesa/PNLD: a apropriação do material didático por professores e alunos de escolas públicas mineiras*. Tese (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2019.

- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. P. 34-38
- SANTOS, Boaventura Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. P. 23-25; 43-45; 51.
- SIQUEIRA, Jéssica Kelly Rodrigues. *Literatura e Escolarização: um estudo sobre a presença de Mário de Andrade em livros didáticos do 3º ano do ensino médio*. Dissertação (Letras). Universidade Federal de Goiás. 2019.
- SILVA, Elisangela Mesquita. *A literatura em livro didático da educação básica+ entre o letramento e a pedagogização*. Dissertação (Letras-Estudos Literários). Universidade Estadual de Montes Claros. 2021.
- SOUZA, Danielle Ferreira de. *Literatura da seca em livros didáticos de língua portuguesa no 3º ano do ensino médio*. Dissertação (Letras-Estudos Literários). Universidade Estadual de Montes Claros, 2020.
- SOUZA, Maria Celia Gomes de. *A (in)visibilidade da literatura indígena em materiais didáticos*. Dissertação (Letras). Universidade Federal de Tocantins, 2022.
- TEODORO, Ronessa do Carmo. *Os livros didáticos de inglês fornecidos via PNLD: como avaliam os professores?*. Dissertação (Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2018.
- TRUTH, Sojourner. *E eu não sou uma mulher?: a narrativa de Sojourner Truth/contada a Olive Gilbert*. Rio de Janeiro: Livros de Criação: Ímã editorial: Coleção Meia Azul, 2020. P. 27-29.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia de-colonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.) . *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. P. 12-42